

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARLENE ANA TERHORST

**O DISCIPULADO NO EVANGELHO DE MARCOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O
PROCESSO FORMATIVO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA PENITÊNCIA E
CARIDADE CRISTÃ – PROVÍNCIA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA-RS**

São Leopoldo

2020

MARLENE ANA TERHORST

**O DISCIPULADO NO EVANGELHO DE MARCOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O
PROCESSO FORMATIVO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA PENITÊNCIA E
CARIDADE CRISTÃ – PROVÍNCIA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA-RS**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Tradições e
Escrituras Sagradas

Pessoa Orientadora: Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T318d Terhorst, Marlene Ana

O Discipulado no Evangelho de Marcos : contribuições para o processo formativo das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã – Província do Imaculado Coração de Maria - RS / Marlene Ana Terhorst ; orientador Flávio Schmitt . – São Leopoldo : EST/PPG, 2020.

130 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2020.

1. Bíblia – Marcos - Crítica, interpretação, etc.. 2. Vida cristã. 3. Vida religiosa. I. Schmitt, Flávio, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca EST

MARLENE ANA TERHORST

**O DISCIPULADO NO EVANGELHO DE MARCOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O
PROCESSO FORMATIVO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA PENITÊNCIA E
CARIDADE CRISTÃ – PROVÍNCIA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA-RS**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Tradições e
Escrituras Sagradas

Data de Aprovação: 17 de dezembro de 2020

Prof.Dr. Flávio Schmitt (Presidente)
Participação por webconferência

Prof. Dr.Válerio Guilherme Schaper(EST)
Participação por webconferência

Prof.^a Dr.^aLúciaWeiller (ESTEF)
Participação por webconferência

RESUMO

Com o título “O discipulado no Evangelho de Marcos: contribuições para o processo formativo das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã - Província do Imaculado Coração de Maria-RS”, esta pesquisa pretende identificar elementos fundamentais do discipulado de Jesus no Evangelho de Marcos a fim de aprimorar o processo formativo no Instituto. A pesquisa é bibliográfica, seguindo o método VER, JULGAR E AGIR. O primeiro capítulo destaca o passo da metodologia VER, investigando como a Vida Religiosa Consagrada (VRC) é compreendida em âmbito eclesial, com destaque aos aspectos teológicos que a constituem, bem como identificar possíveis causas da sua atual crise de identidade. Esta crise nasce na história pelo fato de haver herdado elementos da vida monástica que se difere da VRC ativa. No período pós-concílio Vaticano II aconteceram profundas e rápidas mudanças sociais que impediram a renovação proposta por este mesmo Concílio, comprometendo que o processo da volta às fontes chegasse à sua maturidade. No segundo capítulo a pesquisa se detém no passo JULGAR, a partir do discipulado no Evangelho de Marcos, destacando que o mesmo se dá no caminho que perdura toda a existência, entre crises, dúvidas e retomadas contínuas. O desafio que se apresenta para os seguidores de Jesus é o de criar uma nova forma de entender o messianismo de Jesus. Eles precisam quebrar paradigmas assumidos, historicamente, pela influência da mentalidade triunfalista acerca da figura de Cristo. No terceiro capítulo, pelo passo AGIR, se evidenciam pontos de encontro do discipulado em Marcos com a Tradição Franciscana, como ajuda para o processo Formativo. A VRC franciscana consiste num permanente vir a ser, precisando incorporar sempre mais a identidade que nasce do Evangelho. O Evangelho de Marcos, sob este aspecto, é um convite para a VRC, para inserir-se nas diferentes realidades do mundo como servidora. Há base, portanto, para sustentar que o discipulado marcano é iluminador para a formação, sendo ele um apelo à renovação no modo de pensar e viver o seguimento hoje.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos. Discipulado. Vida Religiosa Consagrada. Jesus Cristo. Processo Formativo.

ABSTRACT

With the title “Discipleship in the Gospel of Marcos: contributions to the formative process of the Franciscan Sisters of Penance and Christian Charity - Province of the Immaculate Heart of Mary-RS”, this research aims to identify fundamental elements of Jesus' discipleship in the Gospel of Mark in order to improve the training process at the Institute. The research is bibliographic, following the SEE, JUDGE AND ACT method. The first chapter highlights the step of the SEE methodology, investigating how Consecrated Religious Life (VRC) is understood at the ecclesial level, with emphasis on the theological aspects that constitute it, as well as identifying possible causes of its current identity crisis. This crisis was born in history because it inherited elements of monastic life that differ from active VRC. In the post-Vatican II period, there were profound and rapid social changes that prevented the renewal proposed by this same Council, which compromised the process of returning to sources preventing it from reaching its maturity. In the second chapter, the research stops at the JUDGING step, starting from the discipleship in the Gospel of Mark, highlighting that the same happens in the path that lasts all existence, between crises, doubts and continuous resummptions. The challenge for the followers of Jesus is to create a new way of understanding Jesus' messianism. They need to break paradigms assumed, historically, by the influence of the triumphalist mentality about the figure of Christ. In the third chapter, through the ACTstep, points of encounter between discipleship in Mark and the Franciscan Tradition are highlighted, as an aid to the Formative process. The Franciscan VRC consists of a permanent becoming, needing to incorporate more and more the identity that is born from the Gospel. The Gospel of Mark, in this respect, is an invitation to the VRC, to insert itself in the different realities of the world as a servant. There is a basis, therefore, to maintain that Markan discipleship is enlightening for formation, being a call for renewal in the way of thinking and living the following today

Keywords: Gospel of Mark. Discipleship. Consecrated Religious Life. Jesus Christ. Formative Process.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: UMA FORMA DE DISCIPULADO	15
2.1 ASPECTOS DA DIMENSÃO TEOLÓGICA DA VRC	15
2.1.1 A Natureza da VRC.....	15
2.1.2 Os Conselhos Evangélicos	16
2.1.3 A Vida Fraterna.....	19
2.1.4 A diversidade Carismática.....	21
2.1.4.1 <i>O Carisma das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã</i>	23
2.1.4.2 <i>A organização da Província do Imaculado Coração de Maria – Santa Maria – RS (IFRAPEC)</i>	24
2.2 ATUAIS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO NA VRC	25
2.2.1 O Contexto da VRC hoje.....	25
2.2.1.1 <i>A crise de Identidade da VRC</i>	26
2.2.1.2 <i>A fragilidade no testemunho Evangélico</i>	36
2.2.1.3 <i>O desafio da reorganização das estruturas</i>	38
2.2.1.4 <i>A questão da convivência</i>	39
2.2.1.5 <i>A crise de novas Vocações para a VRC</i>	40
2.3 RESUMINDO.....	41
3 O DISCIPULADO DE JESUS: UMA VISÃO A PARTIR DO EVANGELHO DE MARCOS.....	43
3.1 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS AO EVANGELHO DE MARCOS	43
3.1.1 A autoria do Evangelho de Marcos.....	44
3.1.2 A intencionalidade teológica do autor.....	46
3.1.3 O chamado dos discípulos no Evangelho de Marcos	51
3.1.3.1 <i>Jesus convoca discípulos para estarem com Ele</i>	53
3.1.3.2 <i>O discipulado de mulheres no Evangelho de Marcos</i>	54
3.1.3.3 <i>O grupo dos Doze</i>	57
3.1.3.4 <i>Quem são seus seguidores e suas seguidoras?</i>	59
3.2 DISCIPULADO DE JESUS E A MISSÃO.....	60
3.2.1 As exigências do discipulado	60
3.2.2 A confissão de Pedro e o processo formativo dos discípulos	65
3.2.2.1 <i>Os anúncios da Paixão e as crises dos discípulos</i>	70
3.2.2.2 <i>O Propósito do Seguimento</i>	74
3.3 RESUMINDO.....	77
4 A CONTRIBUIÇÃO DO DISCIPULADO EM MARCOS PARA AS IRMÃS DA PROVÍNCIA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA – SANTA MARIA, RS.....	81
4.1 O DISCIPULADO DE JESUS E A IDENTIDADE DO IFRAPEC	81
4.1.1 O Discipulado na Comunhão Franciscana.....	81
4.1.2 O tema da cegueira em Marcos e o processo formativo no IFRAPEC.....	82

4.1.3 Os princípios do IFRAPEC no discipulado de Jesus.....	85
4.1.3.1 <i>A Confiança na Providência de Deus</i>	85
4.2.1.2 <i>O Menorismo</i>	87
4.2.1.3 <i>A Fraternidade</i>	91
4.2.1.4 <i>A Reverência à pessoa humana e toda a criação</i>	95
4.2 O DISCIPULADO DE JESUS E O PROCESSO FORMATIVO DA IRMÃS DO IFRAPEC.....	97
4.2.1 A Formação para a missão do IFRAPEC	97
4.2.1.1 <i>Fragilidades e a superação</i>	97
4.2.1.2 <i>Formar para uma nova mentalidade</i>	98
4.2.1.3 <i>Os espaços, métodos e o processo formativo</i>	100
4.2.2 A circularidade das relações entre Jesus e os discípulos como prática iluminadora do processo de gestão sistêmica.....	106
4.2.3 A liderança na condução do projeto missionário à luz do modelo de liderança de Jesus	108
4.2.4 O papel da equipe de Formação Permanente na Província.....	113
4.3 RESUMINDO	115
5 CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS.....	123

1 INTRODUÇÃO

A Vida Religiosa Consagrada (VRC)¹ historicamente é compreendida como um caminho específico de seguimento a Jesus Cristo, buscando sua referência no discipulado de Jesus. No entanto, ao longo dos anos, ela vem sofrendo um gradativo declínio tanto em número de membros nos diversos Institutos, como no enfraquecimento de seu testemunho evangélico. Evidencia-se uma crise de identidade e um distanciamento de suas origens fundantes.

O problema do número cada vez mais reduzido de pessoas que optam pela VRC, a desistência de membros efetivos e o significativo número de consagrados e consagradas em idade avançada, vêm se apresentando como um grande desafio a ser enfrentado para as próximas décadas. Para os que entram no seguimento de Jesus, hoje, os desafios são constantes e frequentes. A sociedade contemporânea é conturbada e não favorece o amadurecimento e a vivência de uma fé amadurecida. Por isso, viver o discipulado nestes tempos requer um aprofundamento sólido que parte do encontro e da convivência com Jesus Cristo.

Esta reflexão suscita decisão e coragem para a construção de um futuro pautado na esperança evangélica. Uma realidade que implica um novo olhar capaz de fomentar uma nova cultura em dinâmica de descida, de identificação com a imagem de um Deus despojado que se fez serviço e colocou-se ao lado da humanidade ferida para lhes resgatar a dignidade.

O tema da presente pesquisa é o discipulado no Evangelho de Marcos: Contribuições para o Processo Formativo das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã - Província do Imaculado Coração de Maria – Santa Maria, RS, este nasce da inquietação pessoal e coletiva no sentido de aproximar sempre mais a proposta formativa atual com o que é proposto por Jesus no Evangelho e do que orientam as intuições originárias do Carisma deixados por Francisco de Assis e Madre Madalena, fundadores do carisma congregacional. Sob este horizonte

¹ Vida Religiosa Consagrada é uma denominação usada pela Igreja Católica Apostólica Romana, referindo-se aos cristãos que se consagram publicamente mediante a Profissão dos Votos de Pobreza, Castidade e Obediência e são membros de Institutos de Vida Religiosa Consagrada. A Sigla usada para referir-se a este estado de vida e que passaremos a adotar ao longo da pesquisa é VRC.

pretendemos, analisar os desafios no atual contexto da VRC buscando respostas para as perguntas: Quais são os distanciamentos que a VRC foi tomando, ao longo da história, em relação às suas fontes originárias e que são evidenciados no atual contexto? Quais seriam as causas da sua crise de identidade? Como o Evangelho de Marcos apresenta o discipulado de Jesus na relação com os seus seguidores? Como cresce nos discípulos a consciência da missão a que foram chamados? Que elementos da Tradição Franciscana² remetem ao discipulado de Jesus e são pertinentes para a atualização formativa do IFRAPEC? E por fim buscar uma resposta para a questão central da pesquisa: Como o discipulado no Evangelho de Marcos pode contribuir com o processo do IFRAPEC?³

Salienta-se a importância dessa pesquisa pela busca, no sentido de identificar possíveis causas que acentuaram a atual crise de identidade da VRC. E diagnosticadas as causas, será possível encontrar elementos para a elaboração de estratégias evangélicas de superação e empenhar-se na construção de uma VRC que revele uma nova face. Certo é que um renovado vigor evangélico das pessoas consagradas enriquece a missão da Igreja no mundo.

A sociedade hodierna é sedenta por Deus. Constata-se que uma vida centrada no capital e no consumo não preenche o coração humano. Neste horizonte, acredita-se que a VRC tem uma importante missão a de ser memória viva do Sagrado mediante seu estilo e opção de vida. Ela é chamada a viver uma vida marcada pela solidariedade humana demonstrando-se capaz de viver o princípio do respeito à alteridade.

O Concílio Vaticano II⁴, mais especificamente através do Decreto "*Perfectae Caritatis*"⁵, conclamou todos os Institutos a uma necessária e urgente atualização e um retorno às fontes, o que significa estudar, aprofundar e retornar ao Evangelho e

² Tradição Franciscana: Conjunto de princípios e orientações deixadas por Francisco de Assis e por sua fraternidade primitiva.

³ IFRAPEC é a sigla que identifica a entidade civil da Província do Imaculado Coração de Maria, localizada em Santa Maria, RS, uma unidade canônica da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Optamos por utilizar esta sigla ao longo da pesquisa para referir-se a esta Instituição.

⁴ O Concílio Vaticano II, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "*Humanae salutis*", pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa fez a abertura do Concílio Vaticano II, no dia 11 de outubro de 1962. Estes foi realizado em quatro sessões terminando no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. Teve como objetivo principal a atualização da Igreja e a retomada do diálogo com o mundo em avanço.

⁵ PERFECTAE CARITATIS.-Trata-se de um documento Conciliar que orienta a VRC em seu processo de atualização.

às origens fundacionais, buscando uma atualização e adaptação de suas estruturas às condições dos tempos.

A partir de então, constata-se uma busca comprometida dos diversos Institutos na elaboração de planos formativos e na organização de equipes que pensam, refletem e sistematizam materiais que auxiliam nesta tarefa. No entanto, nos novos tempos, e no processo de secularização da sociedade, onde se fortaleceu a cultura do descartável, surgem sempre novos desafios e questionamentos acerca do futuro da VRC, aprofundando sua crise de identidade.

O Evangelho de Marcos apresenta um discipulado que acontece no caminho. É no seguimento, nas andanças missionárias e no contato com realidades contrastantes que as dúvidas, perguntas e crises surgem, mas é, também, no caminho que a resposta se confirma. Jesus cria oportunidades onde os discípulos se confrontam a fim de que cada um de seus seguidores crie a convicção profunda de quem é o Mestre. Um caminho permanente marcado por contínuos recomeços. Esta é também uma realidade que atinge os diversos grupos e carismas dos Institutos da VRC, evidenciando diversos desafios no crescimento individual e grupal de seus membros. Assim, o Evangelho de Marcos poderá ser iluminador para o caminho formativo no IFRAPEC.

Esta pesquisa procura estabelecer um possível diálogo entre o discipulado de Jesus em Marcos e a tradição Franciscana, sendo que Francisco de Assis lutou incansavelmente para conservar o Evangelho com norma de vida para si e para o seu grupo. A Ordem Franciscana conserva a imagem de Jesus Cristo, pobre, despojado e servidor, uma clara identificação com o Messias apresentado no Evangelho de Marcos.

Francisco de Assis jamais pretendia ser interpretado como mestre de seu grupo. Os irmãos que entraram na sua Ordem deviam olhar sempre, e muito, para o Evangelho e para a forma de discipulado estabelecido por Jesus para a sua comunidade. Esta seria a referência a ser considerada como ponto de partida e de chegada pelos confrades. Resgatar, portanto, este horizonte evangélico pode ser para os tempos atuais um caminho de renovação para a VRC Franciscana.

Este trabalho desenvolve uma pesquisa bibliográfica, percorrendo o caminho metodológico VER, JULGAR e AGIR. Inicia destacando a etapa do VER,

apresentando aspectos daquilo que compõe a essência da VRC em sua dimensão teológica e carismática, seguindo com uma análise do atual contexto com suas crises evidenciadas. No capítulo seguinte, que corresponde à etapa do JULGAR, trata do discipulado apresentado no Evangelho de Marcos, com análise do contexto em que o Evangelho se insere, a finalidade do discipulado e seu processo metodológico que servirá como confronto para o que está sendo apresentado no capítulo inicial. No último capítulo, que corresponde à etapa do AGIR, se estabelece um diálogo entre os dois capítulos anteriores e se ocupa do objetivo central da pesquisa, buscando a evidência de elementos formativos para o IFRAPEC a partir do discipulado apresentado no Evangelho de Marcos. Sob este aspecto, salienta-se a necessária mudança de mentalidade para viver o profetismo ao qual a VRC é chamada, as relações fraternas e o entendimento do caminho formativo como um processo continuado.

No caminho percorrido consultamos vários autores que auxiliam na análise do contexto atual da VRC. Também é lançada mão de documentos da Igreja, de textos que tratam do carisma franciscano, bem como de autores e obras que tratam do discipulado no Evangelho de Marcos e do processo formativo na VRC. No primeiro capítulo, que se refere a questão do VER, inserimos, entre outros autores, reflexões de José Carlos Pereira, Lourenço Kearns, José M.Castillo, Márcio Fabris, José Cristo Rei Garcia Paredes, Henrique Matos, Irani Rupolo e alguns documentos da Igreja como: *“Perfecta Caritatis”*, *“Vita Consecrata”* e *“Vida Fraterna em Comunidade”*. No segundo capítulo que trata da etapa do JULGAR, nos utilizamos das ideias dos pensadores Xavier Alegre, Leonardo Boff, Vera Ivanise Bombonato, Leonardo Agostini Fernandes, Leo Konzen, Carlos Mesters, José Antonio Pagola e outros. E por fim, para o último capítulo sobre AGIR recorreremos aos autores Amedeo Cencini, Afonso Murad e Jaldemir Vitória, e sobre as questões mais específicas do carisma nos valem das Fontes Franciscanas, como: Anônimo Perusino e Admoestações, 1Regra e os pensadores atuais que tratam da formação franciscana, como José Rodríguez Carballo, Dorvalino Fassini, Roberto Zavalloni, Irani Rupolo e outros.

2 A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: UMA FORMA DE DISCIPULADO

2.1 ASPECTOS DA DIMENSÃO TEOLÓGICA DA VRC

Metodologicamente, este capítulo ocupa-se com a etapa do VER, trazendo presente algumas compreensões teológicas acerca da VRC, retomando conceitos sobre formação, centrando-se principalmente sobre o contexto atual da VRC, identificando algumas causas da sua atual crise de identidade e seus desafios emergentes. A atenção maior não estará na parte conceitual e na compreensão teológica, mas na atual crise de identidade e seus desafios.

2.1.1 A Natureza da VRC

Na forma como são compreendidas as questões teológicas em âmbito eclesial, particularmente no Direito Canônico⁶ da Igreja Católica e Apostólica Romana, a VRC é identificada como uma forma de vida que requer um seguimento mais próximo a Jesus Cristo,⁷ caracterizando sua vida cristã pela profissão dos “conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência.”⁸ A teologia da VRC entende que este tipo de seguimento a Jesus Cristo é inspiração do Espírito Santo, sendo Ele quem guia e sustenta as pessoas consagradas no caminho da fidelidade evangélica. Trata-se de um estilo de vida que consiste numa entrega a Deus como o sumamente amado, e na dedicação da vida para a edificação da Igreja contribuindo com a sociedade no estabelecimento de relações éticas e humanizadas.

As pessoas consagradas, portanto, são chamadas a assumirem a dimensão da solidariedade e caridade cristã, colocando-se à serviço do Reino de Deus e, pelo testemunho, a serem sinais da “vida futura”, realizando um desapego às realidades

⁶ Direito Canônico: Código de Leis que rege a Organização Eclesiástica. IGREJA CATÓLICA; Codex Iuris Canonici; JOÃO PAULO II. Papa II; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Código de Direito Canônico = Codex Iuris Canonici**: Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo, SP: Loyola, 1983.

⁷ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO 2001, Cân 573.

⁸ “Conselhos Evangélicos”, compromisso expresso publicamente pelo consagrado, para viver de forma pobre, casta e obediente a exemplo de Jesus. Outra expressão muito comum para designar a mesma ideia: “Votos Religiosos”.

terrenas.⁹ O Decreto Conciliar “*Perfecta Caritatis*”¹⁰ indica que os conselhos evangélicos, professados pelas pessoas consagradas, têm sua origem na doutrina e nos exemplos de Jesus Cristo e servem como meios que ajudam a irradiar como luz na construção do Reino dos Céus.¹¹

A consagração é reconhecida, pois, como dom oferecido da parte de Deus à Igreja, e se insere no conjunto da missionariedade eclesial. Um caminho de seguimento a Jesus Cristo que se caracteriza pela comunhão profunda com Ele, vivido de coração indiviso à serviço de Deus e da humanidade.¹² Trata-se de um projeto de vida que dá orientação à própria existência: adesão total à Jesus Cristo. Esta opção de vida implica no abandono de qualquer outro projeto pessoal para viver com Ele e estar disponível para a missão, na dinâmica do ir pelo mundo de forma despojada movido pelo amor que parte da experiência do encontro e do convívio com Jesus Cristo.¹³ Nesse sentido, a Igreja Católica Apostólica Romana reconhece o estado da VRC como este estilo de vida, entre outros, pertencente à vida e santidade da Igreja.¹⁴

Nesta direção Matos, destaca a VRC como um dom do Pai, doado por meio do Espírito à Igreja, sendo elemento essencial para que esta realize sua missão no mundo. Argumenta que é um caminho de especial seguimento a Jesus Cristo, que assume a forma que Jesus Cristo escolheu: vida casta, pobre e obediente.¹⁵

2.1.2 Os Conselhos Evangélicos

A essência da VRC tem seu ponto de partida e de chegada em Jesus Cristo e seu modo de vida e, as pessoas que realizam tal opção, exprimem este propósito vinculando-se a um Instituto da VRC.¹⁶ Esta vinculação se dá mediante um

⁹ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado por João Paulo II, PAPA. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Edição Revista e Ampliada com a Legislação Complementar da CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 2001, Cân. 573 § 1.

¹⁰ *Perfecta Caritatis* - Documento do Concílio Vaticano II específico para a VRC.

¹¹ PERFECTA CARITATIS. *In*: COMPENDIO DO VATICANO II. **Constituições, decretos, declarações**. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier, OFM, 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 1.

¹² MATOS, Henrique Cristiano de. **Vida Religiosa: discipulado em Missão**: Subsídio para a Formação Permanente. Belo Horizonte: Lutador, 2008, p. 7.

¹³ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata***: Sobre a Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1996, n. 18.

¹⁴ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO 2001, Cân574 § 1.

¹⁵ MATOS, 2008, p. 7.

¹⁶ Instituto de VRC - Sinônimo aceito: Congregação Religiosa.

compromisso público¹⁷ realizado perante uma comunidade eclesial onde professam viver os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, como meios que ajudarão neste caminho do seguimento a Jesus Cristo. Na compreensão de Matos:

Os Votos Religiosos possuem uma inegável fundamentação cristológica pelo fato de serem uma expressão existencial do seguimento de Jesus. Têm como princípio-base o amor gratuito que inspira e sustém a livre e crescente doação da pessoa consagrada a Deus e aos irmãos, a exemplo de Cristo. Constituem uma fonte viva de liberdade criativa, de amor desinteressado e universal, de oferta lúcida e generosa do próprio ser, de disposição ao serviço gratuito.¹⁸

A VRC caracteriza-se por um permanente construir-se na história buscando continuamente animar-se pelo testemunho de Jesus de Cristo. Uma identidade que vai se formando gradativamente a partir da relação vital e profunda com Jesus Cristo, estabelecendo com Ele uma comunhão não desvinculada da comunhão com a humanidade. A consciência do pertencimento a Jesus Cristo e a busca no sentido de tornar-se como Ele, conduz a uma profunda solidariedade com todos, especialmente com os mais empobrecidos.¹⁹ Assim, a “[..] profissão dos conselhos evangélicos é expressão e sinal tangível do Cristo livre, amante, ligado à vontade do Pai, apaixonado por um grande amor por toda a criatura.”²⁰

Pelo conselho evangélico da obediência a pessoa consagrada se compromete a discernir em todas as situações, circunstâncias e realidades a fim de intuir a vontade de Deus, colocando-se, em total disponibilidade para estar a serviço do Reino. Este discernimento se concretiza a partir do aprofundamento da Palavra de Deus, da oração, do diálogo e leitura da realidade. Na visão de Matos, através da obediência,

[...] o consagrado entra no coração do mistério de Jesus Cristo e assume vitalmente as suas mais profundas aspirações. Um constante colocar-se à escuta, um ouvir atentamente o que Deus nos quer dizer através das circunstâncias concretas da vida.²¹

¹⁷ Este compromisso público é expresso através de uma fórmula específica que difere de acordo com cada Instituto como expressão de seu Carisma próprio.

¹⁸ MATOS, 2008, p. 90.

¹⁹ PUNTEL, Joana T. **Os Conselhos Evangélicos na ótica da comunicação** São Paulo: Paulinas, 2005, p. 18-19.

²⁰ SCALLIA. “*Pastorale Vocazionale: interrogativis comodi*”, *Em Vita Consecrata*. Milano: Ancora, 2000, n. 5, p. 464.

²¹ MATOS, 2008, p. 91.

O conselho evangélico da castidade traz presente a dimensão do compromisso que a pessoa consagrada, assume no sentido de participar da missão de Jesus Cristo através do amor doado em comunidade ao mundo.²² Um dom inteiramente gratuito da parte de Deus. Só o celibato vivido “por causa do Reino” liberta e significa fonte de fecundidade apostólica, pois torna a pessoa consagrada efetivamente disponível para as coisas do Senhor e livre para a vivência de um amor não singularizado e restritivo, mas aberto e universal, gratuito e oblato. Um amor que faz avançar além de si mesmo, movido pelo amor a Deus e aos irmãos. Esta saída de si que vai ao encontro da outra pessoa encontra um sentido muito peculiar no contexto latino-americano onde a pobreza se torna evidente por um longo período da história. Cria relevância, portanto, o amor preferencial pelos pobres tão claramente assumido por Jesus Cristo em seu amor misericordioso e incondicional pelos excluídos.²³ O que na atualidade o papa Francisco aplica quando se refere ao ser Igreja em saída.²⁴ A pergunta que emerge dessa reflexão é, se no contexto atual e nas circunstâncias em que a VRC se encontra, ela está pronta para exercer este protagonismo de ser uma Igreja em movimento de saída?

O conselho evangélico da pobreza deve ser entendido no horizonte da partilha e da solidariedade. Sob este olhar, Oliveira aponta para a utopia das primeiras comunidades cristãs: “Ninguém considerava seu o que possuía, tudo era comum entre eles.” (At 4,32) e “Ninguém passava necessidades” (At 4, 33). A partilha é uma das mais ricas experiências vividas no interior das comunidades religiosas.²⁵

Na compreensão de Matos, a pobreza evangélica parte da convicção de que todas as pessoas são existencialmente pobres. Tudo remete ao dom gratuito de Deus, sob o horizonte de que todos os bens usufruídos são tomados “por empréstimo”. Assim, ninguém pode apossar-se das realidades criadas por Deus, cabe à pessoa apenas administrar os bens recebidos. Esta consciência garante uma atitude de verdadeira humildade e de confiança total na providência de Deus.²⁶

²² PUNTEL, 2005, p. 87.

²³ MATOS, 2008, p. 92.

²⁴ PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Vaticano, 2013. *In*: www.vatican.va. n. 20. Acesso em: 20 out. 2020.

²⁵ OLIVEIRA, Eurides Alves de. Desafios da Economia e da Partilha na Vida Religiosa Consagrada. *In*: ANJOS, Márcio Fabri. (Org.) **Vida Religiosa e Novas Gerações**: Memória, poder e utopia. Aparecida: Santuário, 2007, p. 161.

²⁶ MATOS, 2008, p. 93.

Parece que essa partilha assegura à VRC a possibilidade de investir em diversos projetos missionários que se fazem verdadeira partilha de si para os mais necessitados.

A pobreza evangélica nasce, portanto, da contemplação do Cristo pobre, e é retrato visível da mesma, de modo que se torna caminho vital para a identificação com os sentimentos de Cristo, na opção profunda de realizar a vontade do Pai em todos os momentos da vida e missão.²⁷

2.1.3 A Vida Fraterna

As pessoas consagradas organizam-se em comunidades fraternas, chamadas à comunhão de vida, de espírito e missão. O termo “vida fraterna” é, sobremaneira, estimada na Tradição Franciscana como referência ao modo como são sugeridas as relações entre os membros no interior das comunidades bem como na forma de estabelecer vínculos fora dela. Estas são propostas de forma circular e reverente como costumeiramente acontecem entre irmãos.

Weber assinala que:

A Vida Religiosa Consagrada é chamada a sinalizar que é possível viver o amor, a fraternidade, a partilha, a liberdade, a oblatividade e o compromisso com Deus e a humanidade. É o ideal, traduzido nos diversos carismas congregacionais, enriquecido e renovado com os carismas pessoais de cada membro dos Institutos. Este ideal se concretiza a partir de pessoas em sua capacidade de se relacionar consigo mesmas, com Deus, com as demais pessoas e com o cosmos. Pessoas humanizadas e em processo de amadurecimento.²⁸

Assim, a vida fraterna se bem assumida significa apoio afetivo no exercício das variadas funções apostólicas assumidas, alimentando o entusiasmo na missão.²⁹ O Documento *Vita Consecrata*³⁰ indica que a vida fraterna desempenha um papel importante no caminho espiritual das pessoas consagradas, sobretudo, na sua permanente atualização bem como no cumprimento da missão. Esta se

²⁷ PUNTEL, 2005, p. 138.

²⁸ WEBER, Veronice. **Carisma, Instituição e Pessoa: O amadurecimento humano-espiritual da pessoa consagrada.** Porto Alegre: ESTEF, CRB Nacional, p. 40.

²⁹ MATOS, 2008, p. 73.

³⁰ *Vita Consecrata* é uma Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Papa João Paulo II, sobre a Vida Consagrada.

expressa num amor recíproco que se manifesta como sinal luminoso da comunhão entre Deus e a humanidade.³¹

A VRC é chamada a testemunhar o amor dentro de um mundo muitas vezes machucado pelo ódio. E a vida fraterna é entendida como o espaço onde a pessoa consagrada se exercita para a vivência do amor, da partilha e do comprometimento com a humanidade. Uma proposta de vida que se torna possível na medida em que cada membro do Instituto cresce na sua capacidade de relacionar-se com a alteridade.

O documento da Congregação para os Institutos de Vida Apostólica VFC³² afirma que a vivência fraterna em comunidade é garantia de fecundidade missionária. Desta forma, quanto mais intenso for o amor fraterno, maior será a credibilidade da mensagem anunciada. A fraternidade é um dos elementos essenciais da VRC, tão importante quanto a missão apostólica.³³

Na atual conjuntura, existem desafios que muitas vezes se interpõem à vivência de um estilo de vida comunitária mais fraterna. Neste horizonte, Paredes entende que “as comunidades tanto locais como provinciais”³⁴ precisam passar por um processo de reorganização interna, de verdadeira refundação³⁵ criando estruturas mais leves. Em tempos de inovação, onde tudo se torna mais acessível, simples e facilitado, não se torna mais viável sustentar estruturas pesadas e inflexíveis.³⁶ A questão que se coloca é: será que não persiste uma resistência a esta mudança nas comunidades da VRC, e as estruturas pesadas continuam gastando a vitalidade de seus membros?

³¹ PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Vita Consecrata***. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2004, n. 45.

³² VFC Sigla adotada para se referir ao documento da Congregação para os Institutos de Vida Apostólica: “A Vida Fraterna em Comunidade”, emitida em 1994.

³³ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **A Vida Fraterna em Comunidade**. Roma: Vaticano, 1994. Disponível: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021994_fraternal-life-in-community_po.html. Acesso em: 03 maio 2019. n. 54-n. 55.

³⁴ Comunidade local, neste contexto, significa uma unidade menor a nível local, onde é assumida conjuntamente uma determinada missão vinculada a uma Província Canônica. E comunidade provincial pode ser entendida como um conjunto de comunidades dentro de um Instituto de Vida Consagrada com certa “autonomia administrativa”, denominada, também de Província.

³⁵ Refundação é um termo usado pela VRC para se referir a uma renovação profunda a partir do Evangelho e das Fontes carismáticas.

³⁶ PAREDES, José Cristo Rey García. **Outra Comunidade é Possível: Sob a liderança do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 10.

Tudo indica que a realidade que predomina no interior das comunidades da VRC não seja tão positiva. Muitas vezes, afirma Paredes, “[...] os mais belos sonhos vocacionais se espatifam contra a prosaica realidade da convivência comunitária. As comunidades reais nas quais vivemos dificilmente correspondem a este ideal de comunidade que todos levamos dentro.”³⁷ O que indica uma distância entre o ideal e o real. Pois podem haver casas que não significam mais do que simples residências por não serem lugares de relações humanizadoras.³⁸

A vivência fraterna requer uma relação que possibilita o crescimento de relações de confiança. O ideal de vida comunitária é que ela seja por excelência um espaço favorável para desenvolver a cultura do diálogo e da busca por caminhos conjuntos. Sob este olhar, a Tradição Franciscana traz sua contribuição no entendimento de que “[...] os componentes do grupo fraterno devem ter tal confiança entre si que mutuamente possam expor seus ideais, projetos, acertos, desacertos, problemas e fracassos de maneira como um filho se confia à sua mãe.”³⁹

2.1.4 A diversidade Carismática⁴⁰

A partir do Concílio Vaticano II,⁴¹ ocorrido entre os anos de 1962 e 1965, a Igreja passa a ressaltar a diversidade de carismas, nos diversos Institutos da VRC, como uma riqueza constitutiva para a Igreja, considerando os diferentes dons e ministérios como ação do Espírito Santo, colocados a serviço da missão eclesial.⁴² Este momento da história é considerado um tempo profícuo no sentido de entender a diversidade como importante, necessária e querida por Deus.

Weber confirma esta ideia afirmando que:

A expressão ‘carisma dos fundadores’ começou a ser utilizada logo após o Concílio Vaticano II. O Papa Paulo VI, em 1971, inaugura a terminologia na

³⁷ PAREDES, 2019, p. 41.

³⁸ PAREDES, 2019, 39-40.

³⁹ MERINO, J. Antônio. **Humanismo Franciscano**: Franciscanismo e mundo atual. Petrópolis: FFB, 1999, p. 170.

⁴⁰ Entende-se por diversidade carismática a existência de diferentes Institutos de VRC no interior da Igreja, e cada um com seu carisma próprio.

⁴¹ O Concílio Vaticano II, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa fez a abertura do Concílio Vaticano II, no dia 11 de outubro de 1962. Estes foi realizado em quatro sessões terminando no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. Teve como objetivo principal a atualização da Igreja e a retomada do diálogo com o mundo em avanço.

⁴² CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*, 2000, n. 33-34.

Exortação Apostólica Evangélica Testificatio (ET). Nesse documento consta também, pela primeira vez, a expressão carisma da vida religiosa.⁴³

O vocábulo carisma tem sua origem na raiz grega “*char*” indicando para a graça divina “*charis*”, ou seja um dom que emana de Deus, por Ele outorgado à vida da pessoa cristã.⁴⁴ É a partir dessa compreensão carismática que também os diferentes Institutos da VRC passam a usar o termo para distinguir o estilo de vida e a missão específica de cada Instituto.

Entende-se que a experiência fundante de cada um dos Institutos representa um dom do Espírito Santo doado ao fundador que numa determinada época da história intuiu um apelo concreto para o qual sentiu-se chamado a intervir mediante a graça de Deus. Por isso dom de Deus oferecido à Igreja. Este carisma prolonga-se no tempo pela adesão dos membros que no decorrer da história passam a integrar o Instituto. Estes o atualizam de acordo com as necessidades e apelos emergentes que nascem no percurso da história. “O carisma dos Fundadores é uma experiência do Espírito comunicada aos seus discípulos para que vivam segundo a mesma, a guardem, aprofundem e desenvolvam em sintonia com o Corpo de Cristo sempre em crescimento.”⁴⁵

Por isso historicamente torna-se necessária uma adequada conservação, desenvolvimento e atualização desse patrimônio espiritual a fim de enriquecê-lo como expressão da força criadora e renovada do Espírito.⁴⁶ Por isso, é algo dinâmico, a ser desenvolvido e atualizado no decorrer do tempo. Aqui indica para uma tarefa constante, no sentido de renovação e atualização daquilo que foi a intuição inicial.

Historicamente a VRC nasce como uma “releitura do Evangelho”, constituindo-se em uma forma específica de responder às necessidades emergentes, numa época histórica determinada. É assim que surge a diversidade de carismas vividos pelos fundadores, constituindo-se num caminho peculiar de seguimento a Cristo. Desta forma o Carisma fundacional resulta como “[...] uma

⁴³ WEBER, 2012, p.16.

⁴⁴ RODRÍGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals (Diretores). **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo, 1994, p. 89.

⁴⁵ *Mutuae Relationes*, 1978, p. 11, apud RIBEIRO, A. Pina. **Vida consagrada, sinal e serviço**. 2 ed. Lisboa: Paulinas, 1994, p.89.

⁴⁶ WEBER, 2012, p. 17.

“vocação eclesial” pelo fato de ser uma forma permanente e comprometida de ser-cristão oficialmente aprovada pela Igreja.”⁴⁷

2.1.4.1 O Carisma das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã

O Carisma das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã é um dos Carismas entre muitos outros Institutos da VRC e, originou-se a partir do movimento franciscano que se situa no início do século XIII, em Assis na Itália, sob a liderança de Francisco de Assis. Este movimento se constitui em uma Ordem Franciscana, oficialmente reconhecida pela Igreja em 24 de fevereiro de 1209.

Francisco de Assis tem suas raízes nas comunas, um movimento que se caracterizou pela partilha do ideal libertador, por isso, Francisco organizou seu grupo a partir do modelo associativo não piramidal, abrindo-se ao mundo dos pobres e dos excluídos. É na ótica desta realidade que Francisco lê o Evangelho. Este lhe revela o verdadeiro caminho da fraternidade universal.⁴⁸

Embora Francisco de Assis tenha buscado alguma inspiração no movimento das comunas, a raiz que fundamenta o carisma da Ordem, na Igreja, está no Evangelho. Esta era a intuição genuína do jovem Francisco, quando a ele se agregaram outros colegas que queriam viver, assim como ele uma vida de entrega e doação a Deus e aos irmãos em relação fraterna.

Madalena Damen que deu início à Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, assumiu o Carisma Franciscano ainda jovem, antes de emitir os votos de Consagração e fundar a Congregação. Consta que no dia 12 de outubro de 1817 ela professou na Terceira Ordem Secular de São Francisco de Assis⁴⁹, no interior da Igreja dos Capuchinhos em Heythuysen, na Holanda.⁵⁰ No mesmo lugar em que no dia 10 de maio de 1835 é oficialmente reconhecida a Congregação.⁵¹

⁴⁷ MATOS, 2008, p. 90.

⁴⁸ LECLERC, Eloi. **Francisco de Assis: O retorno ao Evangelho**. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1983, p. 25.

⁴⁹ Ordem Secular – designa a Ordem fundada por Francisco de Assis para Leigos.

⁵⁰ SCHOENFELDT, Paula. **Guia de Informações para peregrinações pessoais aos Santuários de Madre Madalena**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2010, p. 34.

⁵¹ ACKERMANS, Gian; OSTERMANN, Ursula; SERBACKI, Mary. **Chamadas pela Bondade de Deus: História das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã do Século XX**. Porto Alegre: s/ed., 2000, p. 19.

Em 02 de abril de 1872, a pedido do Jesuíta Pe. Guilherme Feldhaus, as primeiras Irmãs da Congregação chegaram ao Brasil, instalando-se em São Leopoldo, no meio dos imigrantes alemães, onde exerceram suas primeiras atividades missionárias no campo da educação e da ação pastoral. Suas origens no Brasil indicam um estilo de vida modesto e desprovido de recursos econômicos. A primeira escola iniciou num pequeno casebre.⁵²

No Brasil, a Congregação expandiu-se rapidamente, chegando a instalar-se a primeira Província⁵³ brasileira com sede em São Leopoldo, no dia 04 de abril de 1928, com o nome de Província do Sagrado Coração de Jesus. Na data do dia 02 de abril de 1951 constituiu-se oficialmente a segunda Província Brasileira, a do Imaculado Coração de Maria com sede em Santa Maria, RS.⁵⁴

De acordo com o Plano Provincial de Médio Prazo - 2018-2021, da Província do Imaculado Coração de Maria, no dia 12 de março de 1994 instalou-se a primeira entidade civil, denominada Associação Franciscana Madalena Damen (AFMD), cuja entidade, a partir do dia 13 de setembro de 2016, é civilmente denominada de Instituto das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã (IFRAPEC).⁵⁵

2.1.4.2 A organização da Província do Imaculado Coração de Maria – Santa Maria – RS (IFRAPEC)

A Província do Imaculado Coração de Maria tem sua sede em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, agregando até o final do ano de 2019 220 irmãs com consagração perpétua, 3 irmãs de consagração temporária, 2 noviças e 5 postulantes.⁵⁶ Com núcleos missionários, presentes, nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul, DF, Goiás, Minas Gerais e Bahia e, em missão além fronteiras na Guatemala e Argentina. A mesma organiza suas atividades em três Entidades Cívicas denominadas: a) Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte (SCALIFRA-ZN) que se ocupa com a área da Educação, b) Serviço Franciscano de Assistência à Saúde (SEFAS) que atua no campo da saúde

⁵² ACKERMANS; OSTERMANN; SERBACKI, 2000, p. 177.

⁵³ O termo Província designa uma unidade administrativa canônica dentro de um Instituto de VRC.

⁵⁴ ACKERMANS; OSTERMANN; SERBACKI, 2000, p. 180-184.

⁵⁵ RUPOLO, Irani. (Org.). **Plano de Médio Prazo - 2018-2021**: Província do Imaculado Coração de Maria. Santa Maria: Editora Unifra, 2018, p. 12-13.

⁵⁶ ESTATÍSTICA- 2019. **Suore Francescane della Penitenza e Carità Cristiana**. Roma: s/ed, 2020.

hospitalar e a Obra Social Santa Isabel (OSSI) dedicada à Assistência Social. Além disso, mantém uma Regional missionária⁵⁷ inserida em meios populares nos estados de Minas Gerais e Bahia onde as Irmãs atuam diretamente na ação pastoral e saúde alternativa. Conjuntamente com a Província do Sagrado Coração de Jesus de São Leopoldo, RS, mantém um projeto missionário no país da Guatemala.⁵⁸

A Província ainda se compõe em diversas equipes de serviço que coordenam o Regional de Minas e Bahia, a Missão na Guatemala, a administração econômica e patrimonial, a formação e o planejamento.⁵⁹ É sobre esta Província que se tratará no último capítulo do trabalho.

2.2 ATUAIS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO NA VRC

2.2.1 O Contexto da VRC hoje

Na primeira parte do trabalho destacou-se a dimensão do ideal que a VRC se propõe a viver, uma espécie de utopia, ou de um referencial norteador, a ser construído no decorrer do caminho. Algo ainda não atingido nem pronto e acabado. Trata-se de um projeto em construção. Nesta segunda parte serão destacados desafios que se apresentam e que precisam ser considerados a fim de que a atualização se efetive e esta forma de discipulado seja profética assim como se propõe em seus princípios.

O Concílio Vaticano II mais especificamente através do Decreto “*Perfectae Caritatis*”, que trata da atualização da VRC, veio conclamar a todos os Institutos a uma necessária e urgente atualização e um retorno às fontes, o que significa estudar, aprofundar e retornar ao Evangelho e às origens fundacionais, buscando uma atualização e adaptação de suas estruturas às condições dos tempos, procurando manter os seguintes princípios: seguimento de Cristo proposto no Evangelho; uma retomada das origens fundacionais; vida Eclesial; atualização permanente e renovação espiritual.⁶⁰

⁵⁷ Regional Missionária designa, neste caso, uma descentralização evangelizadora, com autonomia em alguns aspectos, em uma região missionária contudo agregada e subordinada a uma Província, canonicamente constituída.

⁵⁸ RUPOLO, 2008, P. 11-17.

⁵⁹ RUPOLO, 2008, p.40-44.

⁶⁰ *PERFECTA CARITATIS*, 2000. n. 1219 -1220.

A partir de então, constata-se uma busca comprometida dos diversos Institutos na elaboração de planos formativos e na organização de equipes que pensam, refletem e sistematizam materiais que auxiliam nesta tarefa. No entanto, os novos tempos, e o processo de secularização da sociedade onde o perene facilmente é substituído pelo descartável, trazem sempre novos desafios e questionamentos acerca do futuro da VRC.

Na visão de Fassini, cada instituto é o lugar próprio onde se deve buscar caminhos novos para um seguimento coerente com o Evangelho. Este é o lugar próprio para o exercício adequado que prepara para a difícil arte do seguimento. O autor destaca que nas Províncias e Congregações se torna perceptível uma considerável preocupação com os processos formativos, tanto para as etapas iniciais, quanto o caminho permanente de formação. Todavia, parece ocorrer um equívoco na compreensão do que seja a formação.

Normalmente esta vem identificada com momentos de estudo, cursos acadêmicos, ler e estudar livros. Esta fica focada na busca de conteúdo, na acumulação de informações e no desenvolvimento de habilidades. Nesse sentido, a formação é compreendida como sinônimo de atualização e não de transformação interior. Com este equívoco, muitas vezes priorizam-se os estudos ligados às atividades civis, profissionais e pastorais visando um trabalho competente que se afina mais com o mercado de trabalho e o oferecimento de serviços competitivos. Percebe-se neste campo muito empenho por parte da VRC.⁶¹

A renovação constante da VRC é um imperativo que se coloca. Na percepção de Pereira a renovação pede mudança e esta supõe deslocamento, desinstalação, enfim, rupturas com as estruturas que favorecem a acomodação. Portanto, um processo nem sempre tranquilo.⁶²

2.2.1.1 A crise de Identidade da VRC

O que no início deste trabalho foi apresentado em relação as questões teológicas que norteiam a VRC, é sem dúvida atraente, mas, ao mesmo tempo

⁶¹ FASSINI, Dorvalino. **Leitura Espiritual e Formação Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 32-33.

⁶² PEREIRA, José Carlos. **Novos Ventos nos Conventos**: Desvelando os meandros da Vida Religiosa Consagrada em vista da sua renovação. São Paulo: Paulus, 2015, p. 189.

utópico. Trata-se de um ideal ainda a ser construído. Este deveria ser o seu rosto concreto. Mas não se pode negar que ainda há um longo caminho a ser percorrido. Nas últimas décadas, parece que a VRC aprofundou sua crise de identidade e, por ela, apresenta-se sempre mais fortemente afetada.

Nesse sentido, Castillo refere-se à essa crise apontando para:

[...] o dado alarmante do envelhecimento das comunidades religiosas. Cada vez há mais anciãos e menos jovens nos institutos e nas ordens religiosas. Por isso compreende-se que, há cinquenta anos, se construíram grandes noviciados e casas de formação, ao passo que agora o que mais preocupa os provinciais são as enfermarias e as casas de anciãos.⁶³

Na percepção de Kearns, não se trata de uma crise intelectual e sim prática, que afeta a vida e o cotidiano dos Institutos. E em sua análise cita algumas situações que confirmam a difícil realidade enfrentada no contexto atual: a falta de vocações novas em quase todas as Congregações; a presença de desânimo nas comunidades religiosas; as dúvidas sobre a validade da VRC em suas estruturas tradicionais; as desistências frequentes em quase todas as Congregações e o crescente formalismo religioso.⁶⁴

Castillo entende este momento como uma travessia obscura, que afeta não somente alguns Institutos da VRC, esta está presente de forma geral em todos os estilos e carismas. Trata-se de uma questão generalizada. Por isso, a análise do problema não pode se restringir a cada “carisma fundacional”, é preciso ir para questões mais abrangentes e recuar no tempo a fim de detectar falhas no processo.⁶⁵

Para Kerns, o que contribuiu com a desfiguração da VRC foi o distanciamento de suas fontes originárias e apresenta possíveis causas: o fato de a VRC ter sido interpretada por um longo período da história como um estado de perfeição; por ter sido apresentado Jesus como seu fundador, quando na verdade se originou séculos depois de Cristo; muita ênfase no fazer a tal ponto da pessoa consagrada ter maior reconhecimento pelo seu fazer do que pelo ser, muita

⁶³ CASTILLO, José M. **O Futuro da Vida Religiosa**: das origens à crise atual. São Paulo: Paulus, 2008, p. 159.

⁶⁴ KEARNS, Lourenço. **A teologia da vida consagrada**. Aparecida: Santuário, 1999, p.7- 9.

⁶⁵ CASTILLO, 2008, p. 90.

importância às grandes obras, hoje muitas vezes obsoletas dando grandes desgastes na busca de soluções para ressignificá-las.⁶⁶

Para Castillo, um dos motivos pelos quais a VRC entrou em crise se deu pelo fato de compreender-se historicamente como um estado de vida superior, ou seja, criou-se e institucionalizou-se uma mentalidade compreendendo que as pessoas consagradas pelo fato de terem sido escolhidas por Deus por um chamado especial lhes garantiria certo *status*. Algo que remonta ao tempo do monarquismo, onde nasce a ideia de que os monges levavam uma vida superior aos demais cristãos, uma espécie de “vida angelical”. E este modo de compreender a vida monástica se tornou muito comum e criou força na tradição dos mosteiros desde o século III, acentuando-se nos séculos subsequentes. Já Orígenes se referia ao ofício dos anjos como servidores da liturgia divina. Os monges entendiam-se como “habitantes do Paraíso”, alimentados com comida do céu. Daí se presume o fato da questão histórica ser responsável por um tipo de mentalidade, em que os monges e posteriormente outros modelos da VRC, se autocompreendiam, por séculos, como um estado de maior perfeição, o que pode ter estabelecido uma visão muito negativa do mundo, das pessoas e da sociedade em geral, colocando-se num patamar de superioridade.⁶⁷

Até mesmo Basílio entendia que:

[...] quem escolheu a vida angélica elevou-se a uma maneira de viver incorporal, já que superou as possibilidades ordinárias da natureza humana. É de facto, próprio da natureza angélica ser libertado do matrimônio e não se deixar desviar para contemplar nenhuma outra beleza que não seja a do rosto divino.⁶⁸

Não se pode deixar de apontar, nesse sentido, a forte influência que a vida monástica⁶⁹ exerceu sobre a VRC Apostólica⁷⁰ que nasceu posteriormente e, cresceu nos séculos XVIII e XIX com vigorosas obras de caridade. No entendimento de Moreira, houve uma verdadeira transposição da vida monástica para a VRC

⁶⁶ KEARNS, 1999, p. 11-16.

⁶⁷ CASTILLO, 2008, p. 93.

⁶⁸ *Sermoasceticus*. PG 3, 873 B. P. MIQUEL. “*Monaquisme*”, in Dict. de Spirit, X, 1554.

⁶⁹ Vida Monástica – refere-se ao Monarquismo histórico, que foi a primeira tipologia de vida consagrada. Organizada em torno de três pontos principais: “a existência de um fundador a adoção de uma regra e a solidão ligada à clausura e vida de oração.(Cf. DE FLORES, Stefano; GOFFI, Tullo (Orgs). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo, SP: Paulinas, 1989. p. 1173.

⁷⁰ VRC Apostólica - Refere-se aos diferentes institutos de Vida Religiosa Consagrada que realizam atividades missionárias e apostolados diversos conciliando vida de Oração e trabalho.

Apostólica, acentuando a fuga do mundo, a regularidade nas observâncias, na estabilidade e a oração do ofício divino nas horas canônicas, descaracterizando o que a VRC apostólica é chamada a cultivar: experiência de Deus, vida fraterna em comunidade e missão.⁷¹

No entanto, Kearns, localiza o início da crise num tempo posterior. Ele entende que a VRC começou a perder a sua identidade a partir do Concílio de Trento (1545-1563),⁷² e assim assinala:

O problema começou inocentemente com o Concílio de Trento, quando a Igreja estava num período difícil depois da Reforma Protestante. O Concílio teve o dever de colocar a Igreja em ordem, teologicamente e em suas estruturas essenciais. A vida religiosa estava um tanto confusa em suas estruturas nesse período, mas estava viva, vibrante e com saúde. Entendia bem sua identidade e seu projeto dentro da Igreja. Para poder colocar as estruturas da vida consagrada em ordem, o Concílio determinou que eram autênticos religiosos na Igreja somente os que professassem os três votos: pobreza, castidade e obediência. Mas dessa ênfase nos três votos saiu o maior erro sobre a teologia da vida consagrada, erro que perdura até hoje. Muitos religiosos ainda hoje acreditam que o ser e a identidade da vida consagrada estão exatamente na profissão dos três votos evangélicos. Em certo sentido, desde o Concílio de Trento, esqueceu-se o verdadeiro projeto dos Padres do deserto, que começaram a vida consagrada na Igreja do século quatro. Desde o Concílio de Trento, muito foi escrito sobre os três votos, mas pouca coisa sobre a teologia e a identidade do ser religioso. Por isso, a vida consagrada assumiu uma identidade errada. E, com o tempo, essa situação tinha de causar uma crise de identidade.⁷³

O que Kearns destaca a respeito da questão teológica parece ser um aspecto relevante para a atualidade. Passou-se a valorizar muito a questão dos conselhos evangélicos como se fossem fins e não como meios facilitadores ao seguimento evangélico. Mas não se pode deixar de considerar que houveram deficiências históricas que se originaram antes desse período, como menciona Castillo, a respeito da visão angelical que foi construída séculos anteriores. Certamente o que afeta até hoje, a VRC, poderá ser entendido como um conjunto desses equívocos.

Constata-se permanências dessa mentalidade, até a época do Concílio Vaticano II (1962-1965) e nem este conseguiu resolver estas questões na sua

⁷¹ MOREIRA, Vilma. **A Identidade da Vida Religiosa Apostólica Feminina na Igreja e no Mundo**. Disponível em: https://gerhardinger.org/wp-content/uploads/2017/05/PR_THE_IDENTITY_OF_APOSTOLIC_WOMEN_RELIGIOUS.pdf, 2014, p. 3. Acesso em: 25 jun. 2020, s/p.

⁷² O Concílio de Trento foi realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico da Igreja Católica. Convocado pelo Papa Paulo III como reação à Reforma Protestante, denominado por isso também de Contrarreforma, com o objetivo de manter a unidade da fé e da disciplina eclesiástica.

⁷³ KEARNS, 1999, p. 10.

totalidade. O referido Concílio parece ter sido uma luta bem mais abrangente, do que no âmbito da vida monástica e posteriormente nos Institutos da VRC Apostólica. Ao que tudo indica, trata-se de um problema eclesial, a forma com a própria Igreja se autocompreendia na sua relação com o mundo. Esta vivia o impasse com o mundo da ciência e resistia em dialogar com as diferentes instâncias sociais. Havia desenvolvido uma visão muito negativa do mundo. O que se pode deduzir desse contexto é que, a VRC, sofreu influência e contribuiu com tal tipo de mentalidade, fortalecendo ainda mais uma visão piramidal da Igreja a ponto de ter que admitir isso e tratar do assunto com autenticidade. O que atesta essa percepção é a grande ênfase que este contexto recebeu nas discussões e documentos do Concílio Vaticano II. A Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”⁷⁴ evidencia todo um esforço para estabelecer uma nova relação com o mundo, assumindo que:

As ALEGRIAS E AS ESPERANÇAS, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada de verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração.⁷⁵

Nesta direção também a Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”⁷⁶ traz uma nova configuração da estrutura eclesial, colocando em primeiro lugar a condição de igualdade em que se encontram todos os cristãos batizados e, a seguir, cita as diferentes formas de viver o cristianismo no horizonte ministerial, o que anteriormente não se compreendia dessa forma, pois descrevia-se sempre uma Igreja hierárquica piramidal, com destaque ao papel do clero.⁷⁷

Palácio entende que a Igreja em diálogo com a sociedade impacta sobre a VRC:

De maneira muito simples, poderíamos dizer que o encontro da Igreja com o mundo moderno no Concílio Vaticano II – a passagem do anátima para o diálogo – significou a descoberta e o confronto com o horizonte de compreensão do mundo, do ser humano e da história, radicalmente diferente daquela no qual tinha sido vivida e expressa a fé cristã desde as

⁷⁴ GS, sigla que designa: Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”, fruto do Concílio Vaticano II que trata do diálogo da Igreja com o mundo.

⁷⁵ CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*. In: Compêndio do Vaticano II. **Constituições, decretos, declarações**. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier, OFM, 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 1.

⁷⁶ LG, sigla que designa: Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”.

⁷⁷ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*. In: Compêndio do Vaticano II. **Constituições, decretos, declarações**. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier, OFM, 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 24-43.

origens. Uma das características da modernidade é a afirmação do ser humano como centro absoluto de compreensão e de criação de sentido. O homem moderno se compreende e se move dentro do horizonte imanente da história, sem referência nenhuma à transcendência.⁷⁸

O Concílio Vaticano II foi um momento forte que convocou todas as instâncias da Igreja e, como tal, todos os Institutos da VRC para uma adequada renovação. Nesse sentido, Palácio entende que com a substituição da visão teocêntrica para o antropocentrismo radical, aconteceu uma profunda mudança de mentalidade que colocou em crise os valores da sociedade, situação que se acentuou a partir dos anos 75 do século passado. Na compreensão do autor este é um dos motivos pelos quais o projeto do Concílio Vaticano II entrou em crise. O mundo moderno que se apresentou não era o mesmo com o qual o Concílio imaginava dialogar.⁷⁹

O que Palácio questiona é a reviravolta que a sociedade moderna realizou a partir de uma visão teocêntrica para a antropocêntrica radical, com a finalidade de apresentar a pessoa como centro absoluto. O grande problema parece estar na radicalização das visões. Anteriormente Deus era o centro de tudo e a religião possuía respostas para todas as questões humanas e do universo, e agora o esquema se inverte, parece que Deus é substituível e a pessoa é capaz de solucionar e explicar tudo a partir da razão e de si mesmo. Deduz-se que faltou aquela percepção genuína da mensagem trazida pela história da salvação: Deus encarnou-se na história como humano sem deixar de ser divino. Parece que nisso está o verdadeiro equilíbrio da fé cristã. Nesse sentido, o pensamento negativo em relação ao mundo e a humanidade, por muito tempo cultivado pela Igreja, também não pode ser considerada uma visão cristã. Pela encarnação há uma valorização da corporeidade e da materialidade.

Castillo ressalta que os documentos conciliares ainda continuam evidenciando resquícios de uma forma de tratar a VRC, que perdurou por séculos, e faz referência à LG nº 44, que deixa transparecer a ideia de que o “estado religioso”, mediante a profissão dos “conselhos evangélicos”, estaria imitando mais de perto

⁷⁸ PALÁCIO, Carlos. *Vida Religiosa Consagrada: Memória e Perspectivas*. In: ANJOS, Márcio Frabris dos. **Vida Religiosa e Novas Gerações**: Memória, poder e utopia. Aparecida: Santuário, 2007, p. 23.

⁷⁹ PALÁCIO, 2007, p. 23-24.

Jesus Cristo e a forma que Ele escolheu ao vir a este mundo.⁸⁰ Parece que, nesse sentido, a teologia da VRC continua pecando até hoje. Existe uma idealização desta forma de vida que até hoje continua a destacá-la das demais maneiras de viver a fé cristã como um caminho de maior santidade. Quando na verdade esta é apenas uma, entre outras formas de viver o cristianismo no mundo. Pergunta-se: até que ponto esta carga cultural que as pessoas consagradas continuam herdando não criam problemas de consciência entre o que lhes é exigido como tal, com o que os limites da condição humana lhe permitem ver, perceber e transformar? Não se evidencia no caminho, certos desânimos por uma busca de perfeição nunca alcançada, precisando, portanto, ser representada? Até que ponto as pessoas consagradas podem revelar sua condição de fazerem parte da espécie humana frágil e sujeita ao erro?

Para Castillo existe um problema, pois coloca as pessoas em situação de contradição, representado serem anjos quando muitas vezes não os são.⁸¹ E sintetiza a questão da seguinte forma: “[...] o parecer prevalece sobre o ser, ou seja, o que é mais importante é tratar das aparências, por mais que cada um seja egoísta, ambicioso, orgulhoso ou até coisas piores.”⁸²

Embora os documentos conciliares tratem o assunto com um discurso um tanto ambíguo em relação ao que se pretende e o que de fato o texto diz, considera-se que, de modo geral, todo processo conciliar tenha sido muito lúcido, e o discurso deve ser interpretado a luz do que o próprio Concílio buscou, uma atualização da Igreja e de todos os grupos que a compõem propondo um genuíno retorno às fontes, menciona-se, aqui o que é proposto para a VRC, “A atualização da vida religiosa compreende ao mesmo tempo contínuo retorno às fontes de toda a vida cristã e a inspiração primitiva e original dos institutos, e a adaptação dos mesmos às novas condições dos tempos.”⁸³ De fato, a história comprovou o empenho de todos os Institutos da VRC, no sentido de buscar esta atualização, todavia esta não se deu sem a ocorrência de grandes conflitos, como afirma Pereira:

Com uma nova estrutura institucional da VRC, muitos religiosos ficaram libertados espiritual, cultural e psicologicamente de recalques históricos. Muita gente, no entanto, não suportou esse momento de intenso conflito

⁸⁰ CASTILLO, 2008, p. 95.

⁸¹ CASTILLO, 2008, p. 97.

⁸² CASTILLO, 2008, p.97.

⁸³ *PERFECTA CARITATIS*, 2000, n. 2.

pessoal, grupal e institucional. A ideologia medieval, hierárquica, supostamente espiritual neutra tinha sido muito bem assimilada na consciência dos religiosos dominados, acostumados à “segurança” de sua situação e temendo mudanças.⁸⁴

O período entre as décadas de 1960 a 1980 foi inconstante e o mundo se tornara cada vez mais complexo, o que exigiu das instituições religiosas uma série de análises no que se refere ao poder, dinheiro, saber, prestígio, carisma, obras, idade, gênero, sexualidade, espiritualidade e missão.⁸⁵

O sistema capitalista já estava em pleno vigor, o que acentuou a desigualdade social. E, segundo Pereira, uma característica deste tempo foi o surgimento e o desenvolvimento da Teologia da Libertação, com clara e expressa opção pelos empobrecidos. Era questão de identidade cristã, engajar-se na luta pela superação da pobreza, muito mais do que o exercício de grandes meditações metafísicas ou doutrinárias. Havia uma sintonia entre as propostas do Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação pelo fato de levantar as bandeiras contra o despojamento dos privilégios do poder eclesiástico, e estes ideais influenciaram fortemente os ideais da VRC desta época.⁸⁶

Transcorridas mais de cinco décadas, pós conciliares, Palácio compreende que, por mais autênticas que tenham sido as reflexões e todas as prerrogativas do Concílio Vaticano II, este não conseguiu chegar onde pretendia alcançar e argumenta que:

A VR foi surpreendida por duas ondas arrasadoras: A crise do que significou o “projeto da modernidade” e o desencanto da “pós-modernidade” com a desconstrução do universo cultural, social e religioso tradicional. É o que denominei “travessia truncada”. Começou todo um processo de transposição dos valores tradicionais da VR para o horizonte moderno de compreensão, houve uma assimilação de novos valores sem o tempo necessário para decantá-los, diríamos hoje, evangelicamente.⁸⁷

Na visão de Palácio, o que resultou destas duas ondas arrasadoras foi uma profunda desarticulação do projeto da VRC. O modelo antigo passou a não valer mais e a gestão do novo modelo iniciado a partir das reflexões conciliares passou a ser abortado durante o percurso, sem mesmo chegar a uma síntese nova, em

⁸⁴ PEREIRA, William Cesar Castilho. A porta de entrada da Análise Institucional na Vida Religiosa Consagrada. In: PEREIRA, William César Castilho et al. (Orgs). **Análise institucional na vida religiosa consagrada**. Belo Horizonte: CRB, 2012, p. 41.

⁸⁵ PEREIRA, 2012, p. 42.

⁸⁶ PEREIRA, 2012, p. 37.

⁸⁷ PALÁCIO, 2007, p. 24.

virtude das mudanças aceleradas. Assim, a VRC ficou à deriva, fazendo experiências no esforço de adaptar-se sempre a novas realidades, sem alcançar o lugar que de fato pretendia chegar.⁸⁸

O capitalismo acelerara de forma acentuada neste período, implantando uma nova forma de relação. Segundo Weber, o tempo passou a ser sinônimo de dinheiro.⁸⁹ Na visão de Machado, esta mentalidade passou a dificultar a compaixão para com os caídos do caminho, e seria, pois, perda de tempo e perda de dinheiro ocupar-se com a outra pessoa, especialmente com quem não poderia retribuir. Para ele, “Seria um desastre se os religiosos passassem a se relacionar como o tempo desse modo. O tempo para os consagrados pertence a Deus e está a serviço do seu Reino.”⁹⁰ A pergunta que cabe aqui é se a VRC conseguiu se manter isenta, no sentido de não assimilar estes valores propostos e sutilmente defendidos na conjuntura social. Será que os processos formativos, nos institutos da VRC, deram e estão dando conta de garantir um processo de construção de “autonomia” tal, a ponto de a pessoa consagrada manter seu ideal de vida apesar dessas contrapostas? Até que ponto a VRC não incorporou esta mentalidade capitalista? Será que o mérito da VRC não migrou para a lógica do fazer e do produzir que se sobrepôs ao testemunho evangélico?

Palácio entende que a desintegração entre a experiência de Deus e a atividade missionária é uma das causas de insatisfação e desencanto presentes hoje na vida de muitas das pessoas consagradas. A VRC corre o risco de esquecer sua fonte principal que é o seguimento a Jesus e se reduzir a um espaço terapêutico de autorrealização, acentuando a subjetividade salientada pela pós-modernidade. Isso não significa que a pessoa não possa cuidar de si e não se empenhar na realização pessoal. Mas o seguimento pede um descentramento do eu pessoal.⁹¹

⁸⁸ PALÁCIO, 2007, p. 24.

⁸⁹ WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1985, p. 29.

⁹⁰ MACHADO, Everton Ricardo Berny. **Humanização da Vida Religiosa**: Reflexões a partir da parábola do Bom Samaritano. Porto Alegre: ESTEF, CRB Nacional, p. 20.

⁹¹ PALACIO, C., SJ. **Luzes e sombras da Vida Religiosa Consagrada nos dias de hoje em Convergência**. Brasília, setembro 2011, pp. 416-428.

O sistema capitalista passa a adotar a teoria econômica neoliberal. Este sistema traz grandes consequências, pois, de modo sutil, realiza a passagem de todos os coletivos para a esfera individual.⁹² Para Machado,

[...] O combate aos coletivos, capazes de salvaguardar a vida do indivíduo, é a tentativa de inviabilizar a solidariedade em grande escala. Essa perversa atitude tem por consequência o individualismo, que sacraliza a máxima: 'cada um por si'.⁹³

Como resultado, todas as instituições são combatidas. Neste contexto, também as entidades religiosas são atingidas, perdendo sua força e autonomia. As pessoas passam a se ver como concorrentes e rivais. A qualquer momento uma pode superar a outra, ou até mesmo tomar seu lugar. Uma ética que acaba com a solidariedade. Para ajudar a outra pessoa torna-se necessário colocar em risco a própria sobrevivência.⁹⁴ Nisso consiste um grande impasse para a VRC, chamada a uma vida de partilha e comunhão. Nesse sentido, Oliveira entende que as atuais estruturas não favorecem a vivência da comunhão.⁹⁵

Para Machado, existe uma espécie de sono da inumanidade, referindo-se à ausência da compaixão capaz de olhar para o outro e considerá-lo em suas diferenças e necessidades peculiares. A sociedade neoliberal centra-se numa visão capitalista e individualista. E a VRC está inserida neste contexto e dela sofre influência. Nesse sentido, também muitas congregações religiosas entram nesta lógica para sobreviver. O risco que decorre desta opção é priorizar o capital em detrimento de seus membros.⁹⁶ Para Santarém, “Muito se tem investido e realizado em termos de aperfeiçoamento da tecnologia, dos processos, da arquitetura e a reestruturação das organizações, mas pouco se tem feito pela transformação das mentes humanas.”⁹⁷ Muitas instituições religiosas passaram a adotar métodos de gestão, oriundos do modelo empresarial. Em muitos casos, optou-se pela gestão a partir dos princípios da “Qualidade Total”. Na Visão de Pereira:

⁹² COMBLIN, José. **O Neoliberalismo**: ideologia dominante na virada do século. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 21.

⁹³ MACHADO, 2012, p. 21.

⁹⁴ MACHADO, 2012, p. 21.

⁹⁵ OLIVEIRA, José Lisboa de. **Viver em Comunidade para a Missão**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 14.

⁹⁶ MACHADO, 2012, p.15-16.

⁹⁷ SANTARÉM, Robson. **A Perfeita Alegria**: Francisco de Assis para Líderes e Gestores. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 54.

A Política da “Qualidade Total” e da “Reengenharia” é neoliberal. Tem como meta a reestruturação de uma empresa, por forças das novas condições de mercado, da concorrência, do comércio internacional etc., para aumento da competitividade. Nos procedimentos metodológicos, inclui reciclagem do pessoal interno, privatização, terceirização, demissões, utilização de um número menor de empregados, porém mais capacitados.⁹⁸

Pelo dizer de Pereira, entende-se que as Instituições da VRC, que por princípio deveriam estar pautadas pelo diálogo, entre ajuda, trabalho em equipe e a solidariedade, também acabaram incorporando outros referenciais nem sempre muito evangélicos. Oliveira ressalta que nem sempre os pressupostos teológicos da VRC são observados na organização das comunidades. Pode até ser que alguns deles sejam considerados, mas na sua maioria ultrapassados e anteriores ao Concílio Vaticano II. Por isso, pouco inspirados nos fundamentos bíblicos da vida fraterna. Em muitos casos não acontece o retorno às fontes e, sim, uma adaptação fácil ao sistema neoliberal.⁹⁹

Ambrósio em sua análise a respeito da crise na VRC faz uma distinção entre o carisma presente na Igreja e a VRC institucional afirmando que o que está em crise são os Institutos, com todas as suas grandes obras caritativas. Ela entende que mesmo em meio a toda a obscuridade a VRC como tal, continua atraente e tem seu espaço na história, sendo que ela não é sinônimo de Congregação Religiosa. A autora específica que a congregação é uma organização humana, comparando a mesma com a fragilidade de um vaso de argila, dentro do qual é carregado o precioso dom de Deus, referindo-se ao carisma que a VRC representa para o mundo.¹⁰⁰

2.2.1.2 A fragilidade no testemunho Evangélico

A história demonstrou um enfraquecimento da vitalidade evangélica por parte da VRC. O que já se denominou como crise de identidade. Nesse sentido, Palácio entende que alguns passos foram dados com o abandono do “modelo tradicional” no pós Concílio, pelo empenho no diálogo com a sociedade moderna, no

⁹⁸ PEREIRA, 2012, p. 47.

⁹⁹ OLIVEIRA, José Lisboa de. **Viver em Comunidade para a Missão**: Um chamado à Vida Religiosa Consagrada. São Paulo: Paulus, 2013, p.42.

¹⁰⁰ AMBRÓSIO, Marian. **A Vida Religiosa no contexto atual, desafios e perspectivas: aula inaugural na ESTEF**. 19 jul. 2008. Disponível www.estef.edu.br/.../ESTEF_PESSOAL_29_07_2008_09_00_2_aulainauguramarian.doc-.em: Acesso em: 01 jul. 2020.

aprender a lidar com a pluralidade, no exercício da autoridade e da obediência. Mas não nega a permanência de uma anemia evangélica. Entende que continua existindo uma grande e defasada figura da VRC. Parece não haver mais razões pelas quais uma pessoa consagrada queira, hoje, ser e/ou permanecer na VRC, sobretudo na Vida Religiosa Apostólica. Entende que a principal causa deste desencanto tenha se originado com a transposição ocorrida a partir da vida monástica, e que tenha afetado a proposta da VRC Apostólica, que tem suas raízes na experiência de Deus, na vida fraterna em comum (comunidade) e na missão.

Palácio entende que a Vida Religiosa Apostólica não conseguiu realizar uma síntese entre estes três elementos, e acabou dissociando os mesmos como se fossem independentes entre si. Tratando-os como se o primeiro fosse somente de ordem espiritual e interno, e o segundo e o terceiro como sendo de ordem temporal, externo. Desta forma, desarticulou-se a unidade constitutiva entre o ser, o crer e o fazer. Sendo assim, a própria missão acontece de forma desarticulada com o que as pessoas consagradas são em seu âmbito privado. Desta forma, o espaço missionário deixa de ser uma atividade evangélica para tornar-se um mero espaço para o exercício profissional. Esta realidade que se apresenta poderá deixar a pessoa consagrada mais vulnerável e alheia aos valores evangélicos e permitir que cresça a tendência de deixar-se motivar pelos critérios da eficácia do mercado mais do que, pelas relações fraternas pautadas no Evangelho. O que pode dificultar a própria experiência de Deus.¹⁰¹

Neste horizonte, também Machado observa que não são poucos os que permanecem indiferentes diante da dor dos que passam pelo seu caminho, que até veem as vítimas da história e não se comprometem nem se engajam na luta para tirá-las do sofrimento. Uma espécie de desumanidade, perceptível, que também perpassa a VRC, que se deixa contaminar pela maneira de pensar do coletivo social.¹⁰²

Vitório também se refere à dificuldade que a VRC vem enfrentando nas últimas décadas, apontando para uma urgente retomada dos aspectos essenciais de sua identidade, indicando para a evidência de sinais de esgotamento de uma figura

¹⁰¹ PALACIO, 2011, p. 416-428.

¹⁰² MACHADO, 2012, p. 13-14.

histórica da VRC que foi construída ao longo do tempo.¹⁰³ E assim se expressa: “Seu vigor profético esvaiu-se ao se tornar, em muitas circunstâncias, instituição esclerosada e anacrônica, incapaz de despertar o interesse de jovens portadores de grandes ideais, por se ter deslocado de suas raízes evangélicas.”¹⁰⁴

2.2.1.3 O desafio da reorganização das estruturas

Na atualidade, a questão das grandes obras passou a representar um problema para os Institutos da VRC. O que em outra época da história representou uma necessidade para a realização da missão, quando ainda havia muito mais membros nas congregações, hoje se tornou um pesadelo, no sentido ressignificar ou até dar outro destino para as referidas obras. Nesta direção, Paredes afirma:

As nossas comunidades locais e provinciais necessitam entrar numa nova fase de reorganização interna, de genuína refundação; e não para tornar as coisas mais difíceis. É próprio da “inovação” sempre facilitar, tornar tudo mais simples, mais acessível, possibilitar o que, por diversas circunstâncias, parece impossível.¹⁰⁵

Machado entende que: “Para manter as grandes obras, muitas vezes, as Congregações veem-se obrigadas a sacrificar seus membros. Cada vez é mais difícil encontrar jovens que queiram consagrar-se a levar adiante as obras das Congregações [...].”¹⁰⁶ Refere-se ainda a estruturas caducas que hoje precisam ser sustentadas e que geram desgastes de pessoas e de recursos financeiros que poderiam ser destinados a trilhar outros caminhos missionários, que poderiam, inclusive, representar um caminho de maior fidelidade carismática. No entanto, percebem-se grandes resistências no sentido de desapegar-se do que já não responde mais às necessidades reais das pessoas de hoje.¹⁰⁷ Oliveira também afirma que a VRC “[...] gasta suas energias e emprega seus membros em obras e em atividades que, na maioria das vezes, nada expressam de sua identidade carismática.”¹⁰⁸

¹⁰³ VITÓRIO, Jaldemir. Memória e Futuro da Vida Religiosa: Discernindo a ação do Espírito. *In*: ANJOS, Márcio Frabri dos. **Vida Religiosa e Novas Gerações: Memória, poder e utopia.** Aparecida: Santuário, 2007, p. 35.

¹⁰⁴ VITÓRIO, 2007, p. 35.

¹⁰⁵ PAREDES, 2019, p. 10.

¹⁰⁶ MACHADO, 2012, p.29.

¹⁰⁷ MACHADO, 2012, p. 29.

¹⁰⁸ OLIVEIRA, 2013, p. 57-58.

Os diferentes autores parecem estar unânimes no entendimento de que os Institutos da VRC precisam rever com realismo e urgência suas atuais estruturas e tomar as medidas necessárias a fim de salvaguardar a vida e a missão das pessoas.

2.2.1.4 A questão da convivência

No entendimento de Machado as vezes a insensibilidade é tamanha, no interior das comunidades da VRC, que até mesmo, torna-se inviável perceber a dor, as feridas e o sofrimento que a outra pessoa carrega.¹⁰⁹ O que muitas vezes acentua o sentimento de solidão. O autor ainda menciona a dificuldade de lidar com a diversidade e que, nesse sentido, há muita intolerância também entre as pessoas consagradas, em seu convívio cotidiano. Ele chama isso de uma relação desumanizante.¹¹⁰ Também na visão de Vítório a VRC tem sido espaço de desumanidade, de relações interpessoais tumultuadas, mau uso da autoridade, individualismo e despersonalização.¹¹¹

Paredes compreende que hoje se torna perceptível, certa insatisfação, por parte dos que compõe as comunidades da VRC, no sentido das relações defasadas e não construtivas. Menciona que não há um nível de satisfação elevado em termos de relações humanas qualificadas.¹¹²

Para Grün, o que desestimula muitas pessoas consagradas, é a total dependência da autoridade constituída, o fato de muitas vezes, na comunidade, ter pouco espaço para iniciativas, ter que pedir tudo e ter pouca participação nas decisões. Sendo que muitas vezes a pessoa é tratada como mão-de-obra, mas não respeitada como pessoa com direito à informação e participação.¹¹³

No que se refere ao problema da autoridade, Murad aponta para dois pontos de vista. Primeiramente, os jovens reclamam das decisões verticais e do pouco espaço de participação. Num segundo momento, aponta para lideranças que

¹⁰⁹ MACHADO, 2012, p. 15.

¹¹⁰ MACHADO, 2012, p.23.

¹¹¹ VITÓRIO, 2007, p. 50-51.

¹¹² PAREDES, 2019, p. 10.

¹¹³ GRÜN, Anselm; SARTORIUS, Christiane. **Amadurecimento Espiritual e Humano na Vida Religiosa**. 2. ed. Coleção Viver Melhor. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 132-133.

expõem o fato das gerações mais novas, terem o hábito de reclamar sem participarem efetivamente dos processos necessários.¹¹⁴

Fassini, referindo-se à VRC Franciscana, salienta que:

Por andarmos no único e próprio caminho nosso, por não estarmos inseridos naquilo que constitui a nossa decisão mais radical, a nossa profissão, colocamo-nos à margem da iluminação que procede desta mesma via, a Vida Franciscana. Conseqüentemente, tornamo-nos cada vez mais débeis, opacos, confusos e incapacitados para um confronto sereno e benéfico com as pessoas e com as questões fundamentais e intrincadas, tanto do mundo secular como do mundo religioso. Sem esta base sólida e clara, começamos a saltitar, de cá pra lá, sem jamais se crescer em coisa nenhuma.¹¹⁵

A partir do que os autores expõem, existem problemas reais a serem resolvidos em âmbito das relações interpessoais e no exercício do poder. Este parece ser um caminho longo e difícil de ser percorrido sendo que muitas vezes os talentos pessoais se perdem e não são suficientemente integrados no todo da “Organização”. Assim, perdem-se algumas forças pela falta de cuidado e sensibilidade na gestão e no direcionamento dos dons individuais. Segundo Boff, enquanto perdurarem as relações de repressão de um sobre o outro, e o poder não for entendido como serviço direcionado para o bem comum, sufoca-se, então, a liberdade individual. Neste caso, o legalismo se sobrepõe sobre a convivência fraterna, reduzindo alguns ao silêncio.¹¹⁶

2.2.1.5 A crise de novas Vocações para a VRC

Um dos problemas que hoje mais preocupa a VRC é a falta de novas vocações. O escasso número de pessoas que queiram escolher este estilo de vida e ingressar nos Institutos para dar continuidade ao carisma e a missão, garantindo seu futuro. Nesse sentido, Castillo afirma que:

Se nos interrogamos acerca do futuro da Vida Religiosa, é porque esse futuro se apresenta cada dia mais problemático. A falta de vocações, as numerosas saídas de religiosos e religiosas que abandonam os seus

¹¹⁴ MURAD, Afonso. Participar do Poder na Vida Consagrada. In: ANJOS, Márcio Frabri dos. **Vida Religiosa e Novas Gerações**: Memória, poder e utopia. Aparecida: Santuário, 2007, p. 127.

¹¹⁵ FASSINI, 1996, p. 153.

¹¹⁶ BOFF, Leonardo. **Igreja**: Carisma e poder. Edição Revista. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.322.

institutos, o inevitável envelhecimento dos que continuam neles, tudo isso obriga-nos a questionar o futuro das ordens e congregações religiosas.¹¹⁷

A questão assim exposta pede muita reflexão, decisão e coragem para um futuro muito próximo. Esta realidade implica num planeamento capaz de incorporar uma nova cultura que possibilite uma descida, no sentido de perder certa visibilidade institucional e garantir visibilidade evangélica. Assim, entende Pereira que “O novo tempo contemporâneo clama por uma nova estrutura institucional da VRC. Muitos religiosos buscam formas libertárias espiritual, cultural e psicologicamente distantes dos recalques históricos. [...]”¹¹⁸

Nesta mesma direção, Cencini compreende que a proposta de formação permanente dos Institutos da VRC, tem a tarefa de auxiliar seus membros na construção de uma mudança cultural.¹¹⁹ A missão formativa por vezes é árdua necessitando sempre buscar elementos que lhes deem consistência. Há muitas vezes uma resistência à mudança.

Machado lembra que na atualidade vive-se uma mudança de época, que inevitavelmente causa instabilidades em virtude das antigas seguranças que desapareceram. Nesta linha, entende-se que pode ser um tempo favorável para que a VRC possa imprimir um novo estilo de ser, que talvez seja mais atraente a novos seguidores, pois este tempo pede menos rigidez e mais flexibilidade. Trata-se de perceber a crise com um olhar mais positivo, uma vez que esta poderá permitir uma necessária conversão.¹²⁰

2.3 RESUMINDO

Até aqui nos ocupamos no aprofundamento de alguns aspectos teológicos que fundamentam a VRC, e investigamos o seu atual contexto, constatando os diversos desafios presentes, tanto na sua constituição como tal, bem como na dimensão fraterna e missionária. A seguir, faremos uma breve síntese deste

¹¹⁷ CASTILLO, 2008, p. 7.

¹¹⁸ PEREIRA, William César Castilho. Corporeidade, Afetividade e Novas Tecnologias. *In*: ANJOS, Márcio Frabri dos. **Vida Religiosa e Novas Gerações**: Memória, poder e utopia (p. 81-96). Aparecida: Santuário, 2007, p. 95.

¹¹⁹ CENCINI, Amedeo. **Formação Permanente**: acreditamos realmente? São Paulo: Paulus, 2012, p. 24-28.

¹²⁰ MACHADO, 2012, p. 25.

capítulo, destacando alguns pontos que merecem atenção na atual conjuntura da VRC.

a) **A urgência em relação a questão da leveza Institucional:** Parece um foco central na continuidade do trabalho investigar possíveis caminhos para garantir uma maior leveza institucional que favoreça as relações humanizadas entre os membros que compõem os Institutos da VRC.

b) **Crise de Identidade decorrente do distanciamento das fontes:** Para garantir a continuidade e a fidelidade evangélica do carisma, constata-se uma ampla necessidade no sentido de voltar às fontes que subsidiam o referencial teórico-prático da VRC atual, ou seja, o Evangelho e as origens fundantes do carisma.

c) **As relações comunitárias e as relações de poder:** De acordo com a realidade abordada neste capítulo, constata-se que as relações verticalizadas de poder sufocam a beleza carismática da VRC, tornando-se urgente a busca e a aplicação de modelos de relacionamento que fomentem maior participação e despertem maior sentimento de pertença.

d) **A VRC entendida com um estado de vida de maior perfeição:** Evidencia-se a influência histórica que levou a VRC a criar uma autocompreensão como um estado de perfeição. O que pode dificultar um processo formativo natural e favorecer a negação das próprias fragilidades tornando-se um entrave para entender a formação como um caminho contínuo.

e) **A capacidade de diálogo com a sociedade:** O desenvolvimento de um olhar mais positivo em relação às diferentes formas de entender a vida e a fé, uma aproximação com as culturas diversas e, estabelecer um diálogo positivo com a sociedade, sem deixar de exercer o necessário profetismo, poderá ser salutar para garantir a atualização e a renovação VRC.

f) **O lugar da missão:** A reorganização das estruturas e as grandes obras requerem uma sincera reflexão e decisão no que concerne aos lugares de missão.

Na continuidade da pesquisa nos propomos a realizar um confronto iluminador com o discipulado apresentado no Evangelho de Marcos, buscando contribuições que ajudam a fazer frente às questões acima expostas com o objetivo de auxiliar a VRC frente ao atual momento em que se encontra, impelida a uma profunda renovação.

3 O DISCIPULADO DE JESUS: UMA VISÃO A PARTIR DO EVANGELHO DE MARCOS

Este capítulo da pesquisa corresponde à etapa do JULGAR, que visa iluminar a realidade apresentada no capítulo anterior com o discipulado em Marcos. A estrutura do trabalho se compõe basicamente de duas partes: uma primeira, mais introdutória, apresentando uma rápida contextualização do Evangelho de Marcos e, uma segunda parte mais densa onde, propriamente, o tema central é desenvolvido. O foco do presente trabalho é, pois, o discipulado de Jesus no Evangelho de Marcos. Assim, a primeira parte se torna necessária para compreender o discipulado em seu contexto, mas será uma apresentação menos aprofundada e mais breve do que a segunda. São temas desenvolvidos ao longo do trabalho: o chamado, a identidade de Jesus, as exigências do seguimento, o processo formativo, as relações na comunidade do discipulado, o Reino de Deus e a missão dos discípulos.

No percurso da pesquisa são utilizados os termos discipulado e seguimento correlacionados, uma vez que se interligam entre si. Esta percepção encontra reforço na visão de Schulz, que aponta para algo fundamental ao afirmar que o “[...] verbo seguir (*akolouthéô*) está relacionado com o conceito de discípulo (*mathêtês*) que designa aquele que ouviu o chamado de Jesus e se uniu a ele por meio de uma resposta ativa que compromete toda a existência”.¹²¹

3.1 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS AO EVANGELHO DE MARCOS

Entre os Evangelhos sinóticos, Marcos é o mais enxuto e o mais breve. Contudo, é relevante em sua força teológica e no seu anúncio. O estilo literário da obra percorre um caminho no ensejo de responder a três perguntas fundamentais: “Quem é Jesus? Qual a sua missão? E como ser seu discípulo?”¹²² É muito provável que, para o cristianismo, esta seja a obra inauguradora do gênero literário denominado Evangelho. Strecker lembra que “[...] O termo *evangelho* deriva do grego *εναγγελιον*, sendo que (*ευ*) significa “*bom/boa*” e *αγγελιον*” significa notícia\

¹²¹ SCHULZ, A. **Discípulos do Senhor**. São Paulo: Paulus, 1969. p. 36-37.

¹²² FERNANDES, Leonardo Agostini. **O Evangelho Segundo Marcos**: eleição, partilha e amor. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 7.

mensagem”.¹²³ Nesse sentido, como ponto de partida para a discussão que se sucede, a obra marcana pode ser caracterizada como uma Boa Notícia, no sentido de um “[...] anúncio, de um acontecimento bom e extraordinário” nos lábios de quem o transmite e para os ouvidos de quem o escuta.”¹²⁴

Entende-se por Evangelho não qualquer Boa Notícia que alguém possa vir a dar. Ele significa um acontecimento salvífico, cujo autor é Jesus Cristo. Foi assim que, paulatinamente, os primeiros cristãos experimentaram a fé cristã a partir do anúncio transmitido pela fé dos apóstolos que conviveram com Jesus e experimentaram da sua força salvadora. Assim, o termo *euangélion* (*εὐαγγέλιον*) é empregado para designar o evento Jesus Cristo na sua totalidade, desde o começo de sua missão iniciada na Galileia, até a sua entrega definitiva em Jerusalém.¹²⁵ Para o Novo Testamento o sentido semântico da palavra Evangelho sempre é compreendido no sentido singular do termo, trata-se de uma única realidade: Jesus Cristo, sua vida e ministério do início ao fim.¹²⁶

3.1.1 A autoria do Evangelho de Marcos

Sobre a autoria do Evangelho de Marcos, existem divergências e as conclusões são controvertidas. Na visão de Fernandes, segundo uma antiga tradição, fica mais evidente a possibilidade de ter sido João Marcos, que acompanhou Paulo e Barnabé em sua primeira viagem missionária. Há indícios de que o texto tenha sido escrito por volta do ano 70 d.C, em Roma, com a difusão do Evangelho, entre as comunidades cristãs durante o período do Império Romano.¹²⁷

O mesmo retrata um tempo de perseguição e sofrimento, remetendo provavelmente ao tempo de Nero entre os anos 64-67 d.C, período em que se deu o martírio de Pedro e Paulo. Certo é que o tema da perseguição é evidenciado em vários textos: Mc 8,34-35.38; 10,30.33.38-39-45; 13,8-10.13.¹²⁸ Roma teria sido o lugar do desfecho da atividade apostólica de Pedro (cf. 1Pd 5,13). O que confirmaria

¹²³ STRECKER, G. “*euaggelioin*”. In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (orgs). **Dizionario Esegético Del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 2004, vol. 1, p. 1427-1438.

¹²⁴ FERNANDES, 2012, p.9

¹²⁵ FERNANDES, 2012, p.9.

¹²⁶ DOCUMENTOS DA CNBB 097. **Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2012, nº 18.

¹²⁷ FERNANDES, 2012, p. 12-13.

¹²⁸ FERNANDES, 2012, p. 22.

esta tese seria o uso de algumas expressões latinas transliteradas para a língua grega.¹²⁹ Citando Morgenthaler, Pohl, menciona que Marcos é quem tem o maior percentual de estrangeirismos latinos. O que pode sugerir uma interpretação no sentido de se referir a uma tradução realizada para os romanos.¹³⁰

O que se tem como fato é que a tradição cristã, desde o século II, reconhece Marcos como autor deste Evangelho, de tal modo que daí deriva o título: “[...] Segundo Marcos” (κατα Μαρκον). Os Padres da Igreja, inclusive, denominaram Marcos *intérprete e discípulo de Pedro*.¹³¹

Para Brown, é mais provável que o texto tenha sido elaborado entre os anos 68 e 73 d.C, mencionando também outras possibilidades quanto ao local, entre estes a Síria, o Norte da Transjordânia, a Decápolis e a Galileia.¹³² Marques reconhece que alguns autores afirmam que o Evangelho de Marcos teria sido escrito em Roma e outros na Síria, todavia, destaca que pesquisas recentes acreditam que tenha sido na Galileia. A teoria de ter sido na Galileia se apoia em alguns argumentos: a) pelo fato da principal atividade missionária de Jesus ter sido desenvolvida na Galileia; b) o autor se revela conhecedor do contexto da Galileia, sobretudo, em suas tensões entre diversos grupos salientando ainda que a reação adversária vem de Jerusalém; c) os principais destinatários são gentios, d) usa termos aramaicos e sua tradução em momentos chaves. A autora entende que por este motivo é possível pensar que o Evangelho de Marcos tenha sido escrito na Galileia tendo como destinatários a região da Síria, Tiro e Decápolis.¹³³ Esta percepção de Marques parece ser pertinente correspondendo a pesquisas recentes. Esta pesquisa segue, portanto, esta linha de raciocínio.

¹²⁹ FERNANDES, 2012, p. 20

¹³⁰ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos**: Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 21.

¹³¹ FERNANDES, 2012, p. 13

¹³² BROWN, Raymund E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004, Coleção Bíblia e história. (Série Maior). p. 206.

¹³³ MARQUES, Maria Antônia. No Caminho de Jesus: Uma leitura do evangelho de Marcos. *In: Vida Pastoral*: Revista Bimestral para Sacerdotes e agentes de pastoral. setembro-outubro de 2012 – ano 53 – n. 286 p. 3-7. Disponível: <https://www.paulus.com.br/portal/wp-content/uploads/2012/08/Vida-Pastoral-2012-Set-Out.pdf>. Acesso em: 06 out 2020, p.4.

O objetivo aqui não é aprofundar a autoria do Evangelho de Marcos, sendo mencionado somente que há opiniões que divergem e/ou ratificam as teses apresentadas. Isto é possível verificar em outros autores.¹³⁴

3.1.2 A intencionalidade teológica do autor

No início do Evangelho de Marcos, o autor, enuncia a obra como “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.” (Mc 1,1). O termo “Evangelho”, traduzindo do grego, significa “Boa Nova”, e o vocábulo “Cristo” designa: ungido, o que se pode presumir disso é que Cristo é o ungido, o Filho de Deus.¹³⁵ De antemão, entende-se que, Jesus é portador de uma Boa Notícia. Basta agora compreender que Messias Ele é? E para quem Ele é uma Boa Notícia?

O tema da identidade de Jesus parece ser o fio condutor de toda obra. De modo gradativo, o autor vai realizando um percurso através do qual seus seguidores são chamados ao entendimento. No primeiro capítulo aparecem dois enunciados que introduzem a temática. Primeiramente a questão é exposta da seguinte forma: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.” (Mc 1,1). E, em seguida, no batismo rasgam-se os céus e ouve-se uma voz: “Tu és o filho amado. Em ti eu me agrado.” (Mc 1,11). Aqui parece ninguém estar presente. “Jesus está atuando “secretamente” como Filho querido de Deus. Na transfiguração está presente um círculo mais íntimo de discípulos. Também eles ouvem a voz: “Este é meu Filho amado. Escutai-o.” (Mc 9,7). Só no final da obra, pela boca do centurião romano transparece um reconhecimento mais convincente acerca de quem é Jesus: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus.” (Mc 15,39).¹³⁶

Reimer, sob este aspecto, aponta para uma das características literárias de Marcos, mencionando o suposto “segredo messiânico” como expressão cristológica. Por diversas vezes o Evangelho destaca o fato de Jesus pedir silêncio a respeito de seus feitos. Entender-se-ia que, com este estilo de escrita, Jesus queira manter sua verdadeira identidade até a ressurreição. Sob esta ótica também teriam sido escritas as parábolas com o objetivo de endurecer os ouvintes e explicar a incompreensão

¹³⁴ A questão da autoria pode ser verificada em: LOHSE, Eduardo. **Introdução ao Novo Testamento**. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 142-143; POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos: Comentário Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

¹³⁵ BIBLIA DE JERUSALÉM. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2002. Nota de rodapé, Mc 1,1.

¹³⁶ PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação Histórica**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 532.

dos discípulos. Realidade esta que as comunidades dos primeiros cristãos estavam vivendo ainda num tempo de medo e de silêncio, retratando a dificuldade real dos primeiros cristãos para interpretar o movimento iniciado por Jesus.¹³⁷

É curioso perceber que já no primeiro capítulo (Mc 1,2-11) o autor insere a figura de João Batista, colocando-o em referência com a passagem de Is 40,3 onde descreve o personagem João como “a voz que clama no deserto”.¹³⁸ O texto, na visão de Konzen, se insere na tradição do povo de Israel, sendo que:

O movimento do Batista é ousado, pois questiona profundamente o Templo de Jerusalém com todas as suas práticas e funcionários sagrados. A atuação de João se dá no deserto, nas proximidades do rio Jordão, ambos, lugares simbólicos, evocadores da experiência fundante do povo de Israel que tinha sido praticamente sufocada pela lógica do Templo.¹³⁹

Pode-se deduzir disso uma espécie de revolução na cultura reinante da época, cujas permanências continuam visíveis nos tempos atuais, de que o poder emana de uma institucionalização estrutural verticalizada. Jesus aponta para algo essencialmente diferente, um poder serviço que nasce da base, portanto, descentralizado da estrutura hierárquica representada pelo Templo e pelas autoridades dos Judeus. Certamente uma crítica ao próprio sistema judaico que perdeu seu primeiro amor, suas raízes originárias leves que nasceram do deserto, das andanças do Povo de Deus do Antigo Testamento, da experiência amorosa e gratuita com um Deus itinerante, com características de radicalidade, pobreza e flexibilidade. Isso parece ficar mais evidente em Marcos 1,13, quando o autor coloca Jesus sendo tentado no deserto, de modo que Ele se revela mais identificado com a experiência do deserto do que com a do Templo.

No Evangelho de Marcos, o autor provoca uma descentralização do poder e do dom de Deus, colocando Jesus como a figura que vem recuperar a experiência genuína do deserto, da revelação de um Deus misericordioso, que vem para todos os povos indistintamente e, realiza sua missão com o objetivo de exterminar o mal que ameaça e impede a vida.

¹³⁷ REIMER, Ivoni Richter. **Compaixão, cruz e esperança**: teologia de Marcos. São Paulo: Paulinas, 2012, p.59-60.

¹³⁸ BIBLIA DE JERUSALÉM, 2002, paralelo Mc,1,2.

¹³⁹ KONZEN, Leo. O Lugar de João Batista no Evangelho de Marcos. **Anais do Congresso Estadual de Teologia**. São Leopoldo, EST, V,1, 2013, p. 141-152. Disponível em: <http://www.anais.est.edu.br/index.php/teologiars/article/view/185/146>. Acesso em: 11 maio 2020, p. 143.

Segundo Konzen, no batismo realizado por João Batista existe algo de inovador e estrategicamente intencional, pois nele está implicado o perdão dos pecados, o que era prerrogativa do Templo em sua estrutura sacerdotal e sacrificial. E, para obter este perdão, era preciso oferecer sacrifícios a Deus cuja mediação era realizada pelos sacerdotes em expiação aos pecados cometidos. Isso era vantajoso no sentido econômico e no poder que o ato representava para o Templo.¹⁴⁰

Werner chama atenção para o fato de Jesus ter perdoado pecados, o que desencadeou conflitos com autoridades judaicas, como vemos, no relato de Mc 2,5, em que algumas pessoas trazem um paraplégico para ser curado. De imediato Jesus lhes anuncia o perdão dos pecados: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2,5). Diante desta ação os escribas reagem, se escandalizam e questionam: “Porque está falando assim? Ele Blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus? (Mc 2,7). Todavia, na formulação: “Filho os teus pecados estão perdoados” (Mc 2,5), Jesus assume de certa forma a divindade. Ele é agora o novo mediador do perdão.¹⁴¹ Portanto, já não é mais exclusividade do Templo e está acessível a todas as pessoas.

Na percepção de Alegre, “[...] Marcos quis corrigir uma espiritualidade triunfalista que colocava em perigo a fé de sua comunidade.”¹⁴² Supõe-se que nem a comunidade de Marcos havia conseguido superar uma mentalidade errônea acerca do Messias. Isso desestabiliza o modo de pensar institucionalizado reivindicando uma profunda mudança cultural. Esta parece ter sido a intencionalidade do Evangelho de Marcos, no sentido de realizar uma inversão na compreensão acerca da esperança messiânica triunfalista. O Reino de Deus não se deixa aprisionar no Templo, nem em estruturas arcaicas, mas acontece pela ação do Espírito, que desce sobre Jesus no batismo realizado por João no Jordão (Cf. Mc 1,11) e que o conduz ao deserto conforme (Mc 1,12). Fernandes concorda com esta visão alegando que Jesus não veio como um messias guerreiro ou como um líder político.

¹⁴⁰ KONZEN, 2013, p. 143

¹⁴¹ HOEFELMANN, Verner. O Caminho da Paixão de Jesus na Perspectiva do Evangelho de Marcos. **Conferência Inaugural**, proferida na Escola Superior de Teologia em 6 de novembro de 1985. Disponível em: http://ism.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/1227/1186. Acesso em: 11 maio 2020, p. 103.

¹⁴² ALEGRE, Xavier. **Marcos ou a Correção de uma Ideologia Triunfalista**: Chave de Leitura de um Evangelho Beligerante e Comprometido. Série: A Palavra na Vida, CEBI: São Leopoldo, 2000, p. 23.

Ele é o Messias sofredor, que veio realizar a vontade do Pai, esvaziado de pretensões grandiosas. Sua missão é realizar a libertação de todos os oprimidos por causa das injustiças provocadas pelas estruturas de poder.¹⁴³

Sob esta perspectiva, Alegre entende que analisando os elementos acentuados pelo autor do Evangelho, certamente este, tenha escrito a obra para sua comunidade que corria o risco de desfigurar a verdadeira imagem de Jesus. Esta, por sua vez, não havia entendido o núcleo central e a radicalidade de sua mensagem.¹⁴⁴

Uma compreensão que se dá não somente a nível intelectual, mas aquela que se faz na experiência do caminho até a configuração com Jesus, de sua pessoa e seu projeto a partir dos dramas vividos pelo discípulo-missionário. Alegre identifica este caminho com a própria trajetória de Jesus afirmando que:

No fundo, toda a vida de Jesus não é senão um drama – e como tal o apresenta Marcos em sua obra. Porém um drama com raízes muito profundas. Pois a história de Jesus que se desenrola na Galileia, na Decápolis e em Jerusalém, é o cenário da luta escatológica entre Deus e as forças do mal, personificado, segundo a mentalidade da época, no demônio.¹⁴⁵

Parece, portanto, ser coerente que logo de início Jesus se depara com o enfrentamento das forças malignas quando é tentado no deserto. E na sequência chama os primeiros discípulos (cf. Mc 1,16-20) ao que se sucede uma série de curas e “seções” de exorcismo (cf. Mc 1,21-3,6), dando a entender que sua primeira tarefa é denunciar o mal do poder que oprime. Só assim é possível instaurar o Reino de Deus. A perseguição de Jesus, imposta pelo mal do poder da morte, parece não lhe deixar sossego até o momento da cruz. Sendo assim, afirma Richard:

Jesus morreu por fidelidade às tradições libertadoras do êxodo e da aliança dos profetas expressões do reino de Deus que pregou. O conflito com o centro foi inevitável, uma vez que as autoridades judias traíram as próprias tradições e bases teológicas, e os romanos possuíam perspectiva de poder oposta às propostas e práticas de Jesus.¹⁴⁶

A título de distinção da intencionalidade teológica, entre os Evangelhos, faremos uma observação sobre alguns aspectos relevantes de cada evangelista.

¹⁴³ FERNANDES, 2012, p.29-30.

¹⁴⁴ ALEGRE, 2000, p.5.

¹⁴⁵ ALEGRE, 2000, p. 8-9.

¹⁴⁶ RICHARD, Pablo. **O Homem Jesus**. São Paulo: Moderna, 1993, p. 56-57.

Para esta observação valemo-nos da análise realizada por Bombonato, ao destacar que o Evangelho de Marcos tem o objetivo de trabalhar a identidade de Jesus como o Filho de Deus, cuja revelação se dá de modo progressivo. Assim, importa compreender Jesus e sua história com seu projeto existencial, a fim de descobrir o Reino de Deus presente e escondido na história. O Evangelho de Mateus, no entanto, já é mais direto em sua narrativa. Seu objetivo é dizer que Jesus é o Cristo. Escrito para comunidades que estavam em crise gerada pela reorganização do judaísmo, com a presença de diversos conflitos. Jesus é entendido como a presença do Emanuel, o Deus-conosco na comunidade. Ele alimenta o povo e assiste os discípulos. Ele é cumpridor da Antiga Aliança. A obra de Lucas, por sua vez, foi escrita para uma cultura helenista e judaico-cristã: numa visão nova de Jesus, acompanhando o ritmo da história em seu passado representado pelo Antigo Testamento. Lucas apresenta o presente centrado em Jesus e o futuro que se realiza na Igreja. É por isso, considerado o Evangelho do caminho da salvação e dá uma atenção especial aos seguidores do caminho. Para Lucas é importante salientar que Jesus é o hoje da salvação. E em João, Jesus é o verbo encarnado, a revelação divina. No horizonte da Ressurreição, Ele é o Cristo, o Messias.¹⁴⁷ O propósito de Marcos é afirmar que em Jesus o Reino de Deus se concretiza.¹⁴⁸ E as características deste reinado são a justiça, a paz, a liberdade, a fidelidade e o amor. Trata-se de um Reino sem fronteiras, presente, aqui e agora, irrompendo em toda parte estendendo-se a todos os povos.¹⁴⁹

Este Reino de Deus propõe ser acolhido na liberdade e concretizado na prática das relações. Para o cristão trata-se de um modo de estar no mundo de forma coerente com os princípios deste Reinado. Um estilo de vida que consiste num caminho de permanente conversão, no empenho de construir uma abertura para o crescimento e o amadurecimento contínuo, testemunhando uma fé comprometida com a alteridade.

No entendimento de Alegre, o Reino de Deus, suscita não apenas uma relação com a alteridade no sentido de qualquer alteridade, e sim, implica numa opção radical pelos pobres da sociedade, sendo esta a causa que ocasionou o

¹⁴⁷ BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Seguimento de Jesus**: Uma abordagem segundo a Cristologia de Jon Sobrino, 2007, p. 52-73.

¹⁴⁸ NODARI, Paulo César. **Aprendendo com o Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulus, 2009, p. 15.

¹⁴⁹ NODARI, 2009, p.23.

conflito entre Jesus e os poderes políticos, econômicos e religiosos de sua época. Este impasse se instaurou, por que o jeito de Jesus falar e trazer Deus para o mundo não vinha ao encontro das expectativas judaicas. Marcos reforça a imagem de um Deus em movimento de descida. Um Deus sem holofote, sem aparência e sem destaque.¹⁵⁰

Segundo Pohl, embora haja uma preocupação unânime por parte dos quatro evangelistas em trabalhar a dinâmica do Reino, Marcos reforça esta ideia com o termo, Evangelho, indicando que este é uma “Boa Notícia” universal, especialmente para os pobres.¹⁵¹ Cunha, concordando com esta compreensão afirma que:

Por isso, para uma devida apropriação do conteúdo marcano, a leitura do evangelho precisa ser global. O conjunto do texto mostra a convergência dos elementos que apontam para o reconhecimento de Jesus, a proclamação do Reino e o convite a uma vida cristã. É preciso estar atento à correlação destes elementos.¹⁵²

Outro aspecto teológico importante que Marcos aponta é o do seguimento. Neste horizonte, Alegre ressalta a dimensão da vida caminhante de Jesus, uma espécie de andarilho junto com seu grupo de seguidores pelos vilarejos da Galileia, da Judeia e no caminho para Jerusalém. Um discipulado marcado pela missionariedade, desprovidos de qualquer conforto, desapegados, livres para se dedicarem inteiramente ao Reino.¹⁵³

3.1.3 O chamado dos discípulos no Evangelho de Marcos

O relato de Marcos informa que Jesus, ao voltar para a Galileia, logo depois do martírio de João Batista, realiza chamados personalizados para convocar pessoas com duas finalidades claras: estar em seu seguimento e sair a pregar, tornando-se pescadores de pessoas (cf. Mc 1,16-19).

O tema do discipulado em Marcos recebe relevância desde o início da atividade pública de Jesus, dando a entender que Ele tem a intenção particular de não realizar uma atividade missionária solitária sem uma comunidade de vida.

¹⁵⁰ ALEGRE, 2000, p. 5-6.

¹⁵¹ POHL, 1998, p. 33.

¹⁵² CUNHA, Carlos. Teologia do Evangelho de Marcos. In: **Teologia da Fronteira**. Setembro de 2012, disponível em: <https://teologiadefronteira.wordpress.com/2012/09/10/teologia-do-evangelho-de-marcos/>. Acesso em: 11 maio 2020, s/p.

¹⁵³ CUNHA, 2012.

Ao longo de sua obra aparecem diversos chamados com características diferenciadas. Na passagem de Mc 3,13-19, Jesus constitui o grupo dos doze, mas em diversos momentos realiza outros chamados e constata-se um grupo de mulheres que estão presentes em seu ministério do início até o fim. Mateos salienta que o termo “discípulo” não se apresenta de modo muito definido no Evangelho de Marcos. Existem diversas conotações para se referir a este termo, o que dificulta a interpretação, pois, ora parece se referir à convocação dos doze, ora ao discipulado geral. Esta pluralidade de chamados cria dificuldades de interpretação e divergências entre os autores. Embora todos aceitem que, na maioria dos textos, os “discípulos” e os “Doze” designam os mesmos sujeitos, por outro lado alguns exegetas, como G. Schmahl, K. Stock, R. Pesh, E. Best, ainda resistem em aceitar tal afirmação.¹⁵⁴ Mateos entende que há uma possibilidade da designação “Doze”, ser uma referência direta à comunidade e o termo discípulos remeter a uma interpretação indireta. Todavia, a insegurança permanece, pois parece que Marcos nesse sentido peca por falta de coerência na aplicação do termo.¹⁵⁵ Uma hipótese que Mateos levanta, é a de que os mesmos personagens num primeiro momento seriam tratados como discípulos (Mc 3,15) e só depois integrados no grupo dos Doze (Mc 3,16s). O que poderia significar primeiramente uma adesão pessoal a Jesus para depois ser integrado ao Israel messiânico.¹⁵⁶

Para os outros evangelistas parece que a questão aparece de forma um pouco mais nítida. Destaca-se, portanto, uma distinção do termo discípulo nos diferentes Evangelhos: Para Marcos, o Reino de Deus desponta e se torna perceptível no decorrer do caminho do seguimento. O discípulo é aquele que vê, compreende e caminha com Jesus. É aquele que retoma o caminho para fazer o que Jesus fez. Em outras palavras, continuador da missão de Jesus. Em Mateus, o seguimento se dá na perspectiva do Reino, acentuando a preocupação com o próximo, no serviço aos outros, na ajuda aos pequenos e no perdão aos pecadores. Ao discípulo é atribuída uma missão profética e este tem compromisso com a justiça do Reino. Em Lucas os discípulos são caracterizados como seguidores do caminho

¹⁵⁴ MATEOS, Juan. **Los “doce”y otros seguidores de Jesús em El Evangelio de Marcos**. Madrid: Crisandad, 1982, p. 64; 19.

¹⁵⁵ MATEOS, 1982, p. 20.

¹⁵⁶ MATEOS, 1982, p. 80.

que pregam o Evangelho até os confins do universo. E em João, o discipulado consiste em permanecer com Jesus, em união íntima.¹⁵⁷

Segundo Pagola, o discipulado de Marcos se caracteriza, simplesmente, porque as pessoas se sentem atraídas por Jesus, umas por curiosidade procurando nele um profeta curador, outros porque se sentem convencidos pela sua mensagem, e há os que lhe manifestam plena adesão dando-lhe hospedagem quando chega junto às aldeias. Por último, há um grupo disposto a segui-lo, são os discípulos e as discípulas que o acompanham em sua vida itinerante. Entre estes estão os Doze que formam o grupo mais próximo.¹⁵⁸ Há uma diversidade de seguidores, alguns realizam este seguimento pelos caminhos da Galileia, outros não podem abandonar suas casas e colaboram com Ele de forma diversificada.¹⁵⁹ Um exemplo explícito deste tipo de discipulado é encontrado no episódio da cura do endemoninhado que roga a Jesus pedindo a autorização para permanecer com Ele e, Jesus não o deixa, enviando-o para a sua própria casa a fim de que lá ele anuncie o que Senhor realizara em sua vida. O curado acolheu a ordem de Jesus e partiu para a Decápolis e ali anunciou o que havia experimentado no encontro com Jesus (cf. Mc 5,18-20).

3.1.3.1 Jesus convoca discípulos para estarem com Ele

O primeiro chamado que Jesus realiza logo no início de seu ministério em Marcos 1,16-20 evidencia três aspectos relevantes: a iniciativa do chamado é de Jesus, a prontidão de Simão e André para colocar-se em seu seguimento e a caminho com Ele e, o chamado que aponta para a missão.

O estar com Jesus pode ser entendido como entrar em sua escola para aprender com Ele, formando-se como discípulo, cuja finalidade não se esgota no fato de ser agraciado com a sua presença. O chamado implica em uma razão, formar-se neste convívio com Jesus. De antemão, pode-se entender que Jesus pretende criar um grupo colaborativo de convivência e de ação. Parece que Jesus aqui indica para uma questão fundamental: a atividade missionária não é uma tarefa individual e solitária e sim uma tarefa de comunhão colaborativa. Pode-se, no

¹⁵⁷ BOMBONATTO, 2007, p. 55-73.

¹⁵⁸ PAGOLA, 2014, p. 324.

¹⁵⁹ PAGOLA, 2014, p. 326.

entanto, perguntar acerca do que significa esta comunhão de vida e missão com Jesus.

Marcos esclarece que o seguimento implica inserção na missão de Jesus e seus seguidores são desafiados a aprender com situações diversas e adversas. Jesus não cria para seus seguidores uma realidade confortável, nem parece que queira poupá-los em algum momento no sentido de não enfrentamento da realidade tal e qual ela se apresenta. Como reflete, Ribeiro, Jesus apela para um seguimento com motivação teológica para a periferia (Galileia), é na Galileia que ele realiza os chamados. Trata-se de um lugar privilegiado para o convívio com os pobres e a considerar o cotidiano como tempo e o espaço para a compreensão e a realização do Reino.¹⁶⁰ Neste horizonte, o seguimento é compreendido a partir da espiritualidade que nasce da periferia. Lugar geográfico e/ou “existencial” onde as pessoas não são poupadas dos diversos dramas da vida. É nesta escola que Jesus quer formar seus discípulos.

3.1.3.2 O discipulado de mulheres no Evangelho de Marcos

Mesters salienta que as mulheres marcam presença junto à missão de Jesus, como seguidoras, desde a Galileia, como atesta Mc 15,41.¹⁶¹ Para Pagola é indiscutível que haviam mulheres entre o grupo de seguidores de Jesus desde seu início. Elas vêm e permanecem com Jesus. São integradas à nova família que Jesus vai formando e têm a mesma consideração em relação aos varões. Desta forma, Jesus propõe um discipulado de iguais.¹⁶²

Um episódio que evidencia com força a presença ativa de mulheres na vida e missão de Jesus se dá na unção em Betânia, quando Jesus, estando na casa de Simão, o leproso, e entra uma mulher trazendo um vaso cheio de perfume (de nardo puro), quebrando o frasco, derrama o perfume sobre a cabeça de Jesus. E os presentes consideram este ato absurdo, apontando que o perfume poderia ter sido vendido para beneficiar os pobres. E Jesus fala que a mulher praticou uma boa

¹⁶⁰ RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. “Meus inimigos estão no poder”: uma leitura do evangelho de Marcos a partir do conflito de Jesus com o centro. *In: Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos: Estudos da Religião*, Ano XXII, n.35, 158-177, jul/dez. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/177>. Acesso em: 11 maio 2020, p. 161.

¹⁶¹ MESTERS, Carlos. **Com Jesus na contramão**. 17 ed. São Paulo: Paulinas, 2013, p.82.

¹⁶² PAGOLA, 2014, p. 276.

ação, lembrando-lhes que pobres teriam sempre por perto para servi-los (cf. Mc 14,3-9).

Na visão de Neto, o tema da presença de mulheres na missão de Jesus recebe um significado particular no relato acima pois:

[...] por si só a narração significa defesa da mulher, que, como vimos, não gozava de liberdade para tomar atitudes como essa do episódio. Muito mais do que isso, porém, significa aceitar e legitimar o gesto de unção profética, tarefa que cabia a pessoas que tivessem autoridade e, especialmente, a homens. O gesto ganha ainda mais ênfase quando a mulher é apresentada como aquela que tem visão mais clara sobre a *via crucis* de Jesus do que os discípulos homens, que a queriam impedir.¹⁶³

Nesta direção, também Pagola, entende que são as mulheres que percebem mais nitidamente a missão de Jesus. São elas que se mantêm em pé junto a cruz, sendo que, enquanto os varões fogem, mulheres permanecem e assistem de longe à sua crucificação e vão averiguar mais tarde o lugar de seu sepultamento.¹⁶⁴ Nesse sentido, Marcos informa que, ao pé da cruz, estavam algumas mulheres que o seguiam e serviam enquanto estava na Galileia e ainda muitas outras que haviam subido com Ele para Jerusalém (cf. Mc 15,40-41).

Marcos inclui as discípulas no destino da Paixão de Jesus. Sendo assim, estas mulheres chegaram a Jerusalém em virtude do seguimento. Os discípulos que foram chamados para estarem em sua companhia (cf. Mc 3,14) não estiveram com ele na hora do sofrimento junto à cruz (cf. Mc 14,50); e, ainda mais: Pedro o nega três vezes (14,66-72). Todavia, as mulheres discípulas que o haviam seguido da Galileia a Jerusalém (cf. Mc 15,40s) estiveram lá e perseveraram na fidelidade.¹⁶⁵

Evidencia-se que mulheres exercem um protagonismo importante na origem da fé pascal. Elas foram portadoras primárias da notícia da Ressurreição.¹⁶⁶ Segundo Pagola, a presença de mulheres no grupo de discípulos representam o modelo do verdadeiro discipulado. Não se evidencia nenhuma discussão por parte de mulheres acerca de quem é mais importante e de quem deve ocupar o primeiro lugar. As mulheres eram acostumadas a se ocuparem com o serviço à mesa e

¹⁶³ NETO, Rodolfo Gaede. **A diaconia de Jesus**. Contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal/CEBI; São Paulo: Paulus, 2001, p. 171.

¹⁶⁴ PAGOLA, 2014, p. 277.

¹⁶⁵ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **O discipulado de iguais**. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995, p.128.

¹⁶⁶ PAGOLA, 2014, p. 277.

outros similares, experientes no serviço desinteressado pelo Reino de Deus.¹⁶⁷ Para Jesus, este serviço é modelo daquilo que deve ser a atuação do discípulo. O discipulado das mulheres é modelo para o discipulado dos varões, pela sua entrega, serviço e fidelidade até o fim, sem trair e negar Jesus.¹⁶⁸

Sobre o testemunho por parte de mulheres, acerca da Ressurreição de Jesus, Marcos informa que, havendo passado o sábado, Maria de Magdala e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para ir ungir o corpo. De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram junto ao túmulo ao nascer do sol. E chegando ao local viram que a pedra do túmulo já havia sido removida. Entrando, encontraram um jovem vestido de branco, sentado à direita. Diante disso elas ficaram espantadas. O jovem interage encorajando-as para que não tenham medo, dando-lhes a notícia sobre a Ressurreição de Jesus. As mulheres são enviadas aos discípulos com a ordem de comunicar-lhes esta alegre notícia e que o Ressuscitado os precederia na Galileia. Neste momento as mulheres fogem do túmulo e não contam nada a ninguém por medo (cf. Mc 16,1-8).

Pelo fato de as mulheres terem fugido e não haverem contado nada a ninguém por medo, como informa o Evangelho, Alegre discorda de Pagola afirmando que nem as mulheres entenderam com clareza a mensagem de Jesus, no final também elas buscaram entre os mortos aquele que está vivo e que tantas vezes lhes havia anunciado a ressurreição, estas fogem e permanecem em silêncio com medo. O silêncio mostra que não compreenderam o significado da ressurreição, nem o sentido da cruz, nem a missão que lhes cabe de serem testemunhas do “itinerário pascal.”¹⁶⁹ Apontando para a necessidade de um contínuo recomeço na Escola de Jesus.

Pagola afirma que as mulheres não são citadas como discípulas, e que até mesmo não existia este termo em aramaico para distinguir as discípulas dos discípulos, sendo o que justificaria o fato dos evangelhos não fazerem esta diferenciação. Estas não seriam reconhecidas como discípulas, mas Jesus as teria

¹⁶⁷ PAGOLA, 2014, p. 278.

¹⁶⁸ PAGOLA, 2014, p. 278.

¹⁶⁹ ALEGRE, 2000, p. 39.

tratado como tais. E no envio de dois a dois não pode ser descartada a possibilidade de ter enviado casais para a missão.¹⁷⁰

3.1.3.3 O grupo dos Doze

Marcos narra o chamado dos doze, informando que Jesus subiu à montanha e constituiu os Doze para estarem em sua companhia e para enviá-los a pregar, dando-lhes autoridade para expulsar demônios (cf. Mc 3, 13-19). É significativo que Jesus, para realizar o chamado dos Doze, sobe ao monte. Certamente trata-se de um lugar teológico que remete ao núcleo fundante do povo de Israel. A Escritura narra que Moisés recebeu o código da Aliança aos pés da montanha (cf. Ex 19-23).

Ribeiro entende que o autor de Marcos queria indicar que o movimento iniciado com Jesus tem suas raízes na experiência do êxodo, do deserto, das doze tribos, ou seja, da corrente profética. E que sua prática está longe da perspectiva do sacerdócio real instituído no Templo. Salientando que o conhecimento e a sabedoria de Jesus vêm do deserto e não da sinagoga.¹⁷¹

Mateos parece sintonizar com esta percepção quando afirma que, em oposição a Jerusalém, esta convocação seria realizada no monte, e não no templo. A ideia de monte remontaria a “convocação do Israel messiânico e escatológico”, em continuidade à antiga eleição. Assim como outrora o povo eleito é chamado a construir o Israel escatológico, messiânico, o grupo dos doze o concretiza na sua totalidade.¹⁷²

Para Mateos, Jesus está introduzindo uma novidade. Esta comunidade representa a Aliança de Deus com todos os povos, conforme Mc 14,24. O critério de pertença a esta Aliança ultrapassa o da etnia.¹⁷³ Para Myers, a eleição não se restringe a um grupo privilegiado. “A comunidade dos Doze surge para destruir o espírito de autoritarismo.”¹⁷⁴ E para Pagola esta comunidade não deve se reger pelos decretos do imperador e sim pela vontade de Deus.¹⁷⁵

¹⁷⁰ PAGOLA, 2014, p. 279.

¹⁷¹ RIBEIRO, 2008, p. 161.

¹⁷² MATEOS, 1982, p. 70.

¹⁷³ MATEOS, 1982, p. 73.

¹⁷⁴ MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**: grande comentário bíblico. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 511.

¹⁷⁵ PAGOLA, 2014, p. 351.

Fiorenza afirma que Marcos não destaca a missão dos doze como tendo caráter apostólico. Ele não se preocupa com a fundação do ministério apostólico, mas com o seguimento e o discipulado de modo que a missão do discípulo é fazer o que Jesus fez.¹⁷⁶

Os discípulos são impelidos a deixarem a segurança de um trabalho, conhecido por outro desconhecido. Suas preocupações não devem centrar-se em seu próprio bem estar ou de sua família. O convite de Jesus aponta para outra referencialidade, a do Reino de Deus e sua justiça. Eles são chamados a viverem a solidariedade com os empobrecidos. Afinal, são pessoas simples que entram no projeto de Jesus e são formadas para lutarem por uma nova ordem social, contra valores que parecem “intocáveis e definitivos”.¹⁷⁷ Este projeto proposto por Jesus tem o objetivo de não se conformar com a situação econômica, política, social e religiosa vigente. É uma proposta aberta às necessidades dos marginalizados e empenhada na criação de uma nova sociedade.¹⁷⁸

Com o grupo dos doze, Jesus tem uma particular intimidade. Eles formam uma comunidade de vida com Ele, praticando uma experiência missionária, que consiste em anunciar a boa nova e libertar as pessoas do mal (cf. Mc 6,7-13).¹⁷⁹ É próprio da pedagogia de Jesus o ensino às multidões e a instrução particular ao grupo de seguidores. Sua comunidade devia ser preparada para dar continuidade a obra de Jesus. Para o grupo de seguidores, cria particular importância uma convicção profunda e razões para o seguimento.

A firmeza no seguimento foi se consolidando gradativamente em meio a fracassos e recomeços. No Evangelho de Marcos os seguidores se revelam sobremaneira frágeis. Para eles a identidade de Jesus também não estava clara como vemos: confundem Jesus com um fantasma (cf. Mc 6,49), Ele é traído por Judas (cf. Mc 14,17-21), negado por Pedro (cf. 14,66-72) e abandonado por todo o grupo (cf. 14,48-52) e, por fim, eles são reenviados para a Galileia a fim de se reencontrarem com o Ressuscitado e recomeçar o caminho do seguimento.¹⁸⁰

¹⁷⁶ FIORENZA, 1995, p. 127.

¹⁷⁷ BALANCIN, Euclides Martins. **Como Ler o evangelho de Marcos: Quem é Jesus?** São Paulo: Paulinas, 1991, p. 28.

¹⁷⁸ BALANCIN, 1991, p. 29.

¹⁷⁹ NODARI, 2009, p. 38-39.

¹⁸⁰ ALEGRE, 2000, p. 36.

3.1.3.4 Quem são seus seguidores e suas seguidoras?

Marcos apresenta um único estilo de chamamento, mas revela uma diversidade de pessoas chamadas. Muitas pessoas sentem-se tocadas pelo dinamismo de Jesus e vêem que Ele tem um projeto sólido e atraente. Na visão de Mesters, Jesus usa um estilo simples e variado para chamar as pessoas ao seguimento, muitas vezes somente passa e chama (cf. Mc 1,16-20). Outros seguidores são fruto de alguma convivência com Ele (Jo1,39; Lc 5,1-11), outros ainda porque o escutaram na sinagoga ou viram Ele ajudando as pessoas e se sentiram atraídos.¹⁸¹

Assim, a diversidade marca a comunidade dos discípulos. E Jesus, conhecendo as limitações de cada um, simplesmente chama os que Ele quer e forma com eles uma nova família. Sua única exigência é deixar algo ou alguém para permanecer com Ele. Os que o seguem devem encontrar Nele toda sua confiança e esperança, na certeza de que o Pai providenciará.¹⁸² Esta confiança plena em Jesus deve ser a marca dos discípulos depois da sua resposta ao chamado (cf. Mc 8,14-21).

Estando com Jesus, os discípulos aprendem a discernir as reais intenções das pessoas. É como frequentar a escola da sabedoria e do bom senso.¹⁸³ Gallardo, afirma que “[...] O estar com Jesus, o caminhar com Jesus é condição à integração dos discípulos na comunidade de seguidores de Jesus e para que sejam co-responsáveis pela causa do Reino.”¹⁸⁴

Mesters entende que:

O chamado não é coisa de um só momento, mas feito de repetidos chamados e convites, de avanços e recuos. Começa à beira do lago (Mc 1,16) e só termina depois da ressurreição (Mt 28, 18-20; Jo 20, 21). Começa na Galileia (Mc 1, 14-17) e, no fim, recomeça na Galileia (Mc 14,18; 16,7), também à beira do lago (Jo 21, 4-17). Recomeça sempre! Na prática, o chamado coincide com a convivência dos três anos, “desde o batismo de João até o momento em que Jesus foi levado ao céu” (At 1,21-22).¹⁸⁵

¹⁸¹ MESTERS, 2013, p. 66.

¹⁸² COLAVECCHIO, R. L. **O Caminho do Filho de Deus**, contemplando Jesus o Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 57.

¹⁸³ FERNANDES, 2012, p. 97.

¹⁸⁴ GALLARDO, Carlos Bravo. **Jesús, hombre em conflicto**: El relato de Marcos em América Latina, 1986, p. 85.

¹⁸⁵ MESTERS, 2013, p. 66-67.

Nesta direção, o Documento de Aparecida afirma que foi no convívio com Jesus e no confronto com os seguidores de outros mestres, que os discípulos descobriram duas coisas bem originais: eles foram escolhidos pelo Mestre e não foram eles que o escolheram, e foram convocados, não somente, para algo e sim para Alguém. Escolhidos para se vincularem intimamente a Jesus (cf. Mc 1,17;2,14).¹⁸⁶

3.2 DISCIPULADO DE JESUS E A MISSÃO

Marcos apresenta o discipulado de Jesus inserido no próprio ministério de Jesus. O lugar da missão é por excelência o espaço formativo adotado por Jesus. É no contexto da missão que os discípulos são instruídos e formados. A prática de Jesus leva a compreender que estar com Ele é assumir com Ele a missão. É perceptível que praticamente todo o caminho formativo se estabelece no itinerário da ação missionária.

3.2.1 As exigências do discipulado

Conforme relata o Evangelho de Marcos, aos Doze ele conferiu a seguinte missão:

Chamou a si os Doze e começou a enviá-los dois a dois. E deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros. Recomendou-lhes que nada levassem para o caminho a não ser um cajado apenas, nem pão, nem alforge, nem dinheiro no cinto. Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas. E dizia-lhes: Onde quer que entreis numa casa, nela permaneçai até vos retirardes do lugar. E se algum lugar não vos receber nem vos quiser ouvir ao partirdes de lá, sacudi o pó de debaixo dos vossos pés em testemunho contra eles. Partindo, eles pregavam que todos se arrependessem. E expulsavam muitos demônios, e curavam muitos enfermos, unguendo-os com óleo. (Mc 6, 6b-13).

O texto informa que Jesus, chamando a si os Doze, começou a enviá-los de dois a dois, o que num primeiro momento poderia indicar para uma espécie de apoio mútuo. Um olhar mais apurado poderia destacar a importância que Jesus pretendia dar ao anúncio compartilhado, remetendo ao fato de que a ação missionária não é somente um ato solidário e, sim, comunitário.

¹⁸⁶ DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. 4 ed., Brasília, São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulus, 2007, nº 131.

Pohl, no entanto, destaca um outro elemento considerável indicando que o envio, em duplas, tem em vista o significado jurídico de testemunho. Naquela época, o testemunho de uma única pessoa, em interrogatórios, não era credível. Valia o mesmo que nenhuma. O testemunho de duas ou três pessoas poderia esclarecer o fato. Por isso, também o envio de dois mensageiros confere qualidade à sua mensagem.¹⁸⁷

Interessante é observar que Jesus confere aos doze uma autoridade. Esta não diz respeito a um poder qualquer, uma espécie de poder opressor ou de superioridade, pelo contrário, concede-lhes o poder de expulsar os espíritos impuros. Certamente este lhes confere a missão de atuar sobre as forças do mal estruturadas, naquele contexto, e que matam a vida. Os seus seguidores devem extirpar o mal para fazer emergir os sinais do Reino. Sendo assim, esta autoridade que Jesus dá aos doze é um poder serviço. É sobremaneira significativo que em nenhuma outra passagem do Evangelho de Marcos se encontra um relato onde Jesus tenha dado qualquer poder de outra natureza para os seus seguidores.

O envio dos doze ainda vem acompanhado do imperativo de que fossem pelo mundo de modo muito modesto, desapegados de bens materiais. O Evangelho lembra sobre o risco que a riqueza comporta. O acúmulo de bens poderá levar para um comportamento egocêntrico, não favorecendo a partilha e a solidariedade. Portanto, pode impedir o desenvolvimento daquela sensibilidade necessária para com as pessoas necessitadas encontradas no caminho.

Segundo Pohl, o fato de Jesus orientar os discípulos a não levarem mantimentos pelo o caminho, não supõe a exigência por parte de Jesus, que seus seguidores passassem fome e tem, sim, a intenção de conscientizá-los para que acolhessem e se considerassem satisfeitos com as possibilidades que o caminho lhes ofereceria.¹⁸⁸

O fundamento do discipulado, portanto, não está no deixar, e sim no pertencimento. O discípulo de Jesus pertence ao Senhor.¹⁸⁹ E o chamado que Jesus faz é para compartilhar com Ele a paixão pelo Reino de Deus. Ele quer acender nos discípulos o mesmo fogo que arde em seu coração, assim, “Quem quiser salvar sua

¹⁸⁷ POHL, 1998, p.200.

¹⁸⁸ POHL, 1998, p. 200.

¹⁸⁹ MAGGIONI, Bruno. **Nas Raízes do Seguimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p.33.

vida, perdê-la-á” (cf. Mc 8,35), pois o discípulo não pode estar aferrado à sua própria segurança, caso contrário pode perder a vida no horizonte do Reino de Deus.¹⁹⁰

Pagola contribui afirmando que Jesus quer imprimir no seu grupo um estilo de vida profética e desafiadora. Os discípulos são identificados pela sua maneira simples de se vestir e sua forma de agir pelas aldeias da Galileia. Jesus não sublinha o que devem levar para exercer uma brilhante missão e sim no que não devem levar para que não se afastem dos últimos (cf. Mc 6,6b-13).

O mandato de Jesus ainda reza sobre o modo de estarem em algum povoado, onde por ventura entrarem (cf. Mc 6,10). Os enviados devem permanecer no mesmo lugar, até de lá se retirarem. Estes devem se contentar com o tipo de acolhida que receberem sem buscar confortos desejados. Aquela simplicidade de vida que os iguala ao povo. O convite é para que vivam com o povo do jeito do povo sem procurar regalias e tratos distintivos.

Mencionando Bill, II, 644, Pohl reforça que todo judeu em viagem teria direito ao alimento proveniente de fundos públicos ao chegar nos povoados. Este fundo também fornecia roupas para suprir as necessidades do viajante. Era costume o pernoite nas casas. Os peregrinos ficavam em pé na praça central de um povoado até que um morador se apresentasse para lhes oferecer o pernoite.¹⁹¹

Os discípulos deveriam aderir a este costume normal e rotineiro sem criar exigências na busca de comodidades. Esta hospitalidade era considerada uma das obras mais notáveis da caridade dos judeus. Seria expressão de benção, de perdão dos pecados e de intercessão junto a Deus. A não acolhida, por parte de algum morador, representava exclusão do povo de Israel. Por isso, era uma prática comum recolher até inimigos. E não levar dinheiro era a melhor forma de proteger-se dos assaltantes.¹⁹²

Na compreensão de Fernandes, o discipulado que Jesus propõe se fundamenta na centralidade do Reino. Isso implica em abandonar as falsas seguranças e as esperanças messiânicas que não são autênticas em conformidade

¹⁹⁰ PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus**: Marcos, 2013, p. 340.

¹⁹¹ POHL, 1998, p. 200-201.

¹⁹² POHL, 1998, p. 201.

com a verdadeira identidade de Jesus. A proposta é aderir a Ele aceitando a cruz (cf. Mc 8,34-38).¹⁹³

Nodari concorda com Fernandes sob este aspecto, da centralidade do Reino, como critério de discernimento para o seguimento. Nodari entende que seguir Jesus supõe colocar em jogo toda a existência confiando Nele (Mc 4,40ss; 9,1-10; 10,32-45). Jesus chama e forma para um tipo de vida que vai na contramão da história e que questiona todas as seguranças e propondo como projeto alternativo o Reino de Deus, que é vida plena para todos. Por isso, requer uma opção radical. Uma adesão feita a partir da fé. Uma renúncia às esperanças humanas e uma entrega generosa a Deus.¹⁹⁴

Sobre este modo de compreender o discipulado de Jesus, Juan Luís Segundo aponta que, para estar no seguimento de Jesus é preciso assumir a vida na dinâmica do amor e do compartilhamento. O seguidor de Jesus deve tornar-se uma pessoa comunitária, este faz a experiência de um amor incondicional a Jesus assumindo com os irmãos um projeto comum. Juan Luís Segundo, coloca a própria criação da pessoa humana nesta perspectiva colaborativa. A realidade do Reino de Deus se torna uma tarefa comunitária, no empenho de transformar o contexto de dor e sofrimento. Com efeito, o Reino de Deus constituirá a felicidade dos pobres. E isso implica em assumir a causa dos pobres a ponto de introduzir o conflito, se necessário. Nesta direção pode ser entendida a dinâmica da cruz como consequência e não como escolha, nem como necessária.¹⁹⁵

O seguimento de Jesus demanda, portanto, um serviço gratuito aos mais pobres. E isso se coloca como exigência para os discípulos, uma opção primordial pelos empobrecidos da sociedade. Boff reforça esta compreensão, alertando para o perigo de uma interpretação ideológica do próprio Evangelho:

A libertação de Deus se traduz em um processo de libertação que implica luta e conflitos que devem ser assumidos e compreendidos à luz do caminho feito por Jesus, como amor que tem, algumas vezes de sacrificar-se. [...] Cremos que, em nosso contexto, ler o Evangelho e seguir a Jesus

¹⁹³ FERNANDES, 2012, p.37.

¹⁹⁴ NODARI, 2009, p. 71.

¹⁹⁵ SEGUNDO. Juan Luís. **O Homem de Hoje diante de Jesus de Nazaré**. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 141.

de uma forma não libertadora é obrigar-se a colocá-lo de pernas para o ar ou interpretá-lo de forma ideológica em sentido pejorativo.¹⁹⁶

Mesters entende que a opção de Jesus pelo pobre é muito clara em toda sua vida e missão. Por isso não é possível dizer-se amigo de Jesus, sem posicionar-se de forma clara e decidida em favor dos empobrecidos. E aos que são chamados a segui-lo, Ele coloca esta exigência de modo ainda mais radical.¹⁹⁷ Comblin sublinha esta visão e a expressa dessa forma: “[...] é graças aos evangelhos que sabemos claramente o que é o amor de Deus a ser vivido por seus seguidores: é o amor ao pobre, ao rejeitado, ao abandonado”.¹⁹⁸ Em outras palavras, Gutierrez afirma que tudo o que significa dar vida, e de diversas formas, é tarefa e missão própria do seguidor de Jesus.¹⁹⁹ Nesse sentido, “A opção pelo pobre é componente fundamental do seguimento de Jesus”.²⁰⁰

No Evangelho de Marcos Jesus aponta para o discipulado no horizonte da renúncia a si mesmo e à urgência do assumir a cruz. Assim informa o relato:

Chamando a multidão, juntamente com os discípulos, disse-lhes: “ Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar sua vida, a perderá; mas, o que perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará. (Mc 8,34-35)

Jesus, ao chamar a multidão, e junto com ela os discípulos, lhes coloca uma exigência radical. O discípulo de Jesus é aquele que é capaz de dar a própria vida na luta por melhores condições de vida para o seu povo. Assim é possível compreender a cruz de Jesus, no horizonte martirial. E a multidão testemunha esta formação que Jesus dá para os seus seguidores. A missão do discípulo é a mesma de Jesus. Por isso, eles devem estar, interiormente, livres e prontos para o seguimento, capazes de renunciar à própria vida em vista do Reino. A vida do discípulo não é uma vida poupada, medíocre, fácil. Trata-se de uma vida doada. O fato de Jesus apontar para a necessidade de tomar a cruz, como condição para o discipulado não indica que para estar no seguimento de Jesus é preciso procurar a dor. Não é a dor pela dor. Supõe-se que aqui não se trata de uma dor sem sentido.

¹⁹⁶ BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 35.

¹⁹⁷ MESTERS, 2013, p. 86- 87.

¹⁹⁸ COMBLIN, José. **O Caminho**: Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004, p. 145.

¹⁹⁹ GUTIERREZ, Gustavo. **O Deus da vida**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 113.

²⁰⁰ GUTIERREZ, Gustavo. A opção profética de uma Igreja. *In*: SOTER E AMERÍNDIA (Orgs). **Caminhos da Igreja Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 290.

O que se pode aprender deste momento formativo é que Jesus queira deixar claro para os discípulos que o anúncio do Reino vai ser sinônimo de incômodo para o poder institucionalizado. Por este motivo, os seguidores de Jesus também serão perseguidos por causa da justiça do Reino e é disso que os discípulos não podem fugir ou recuar. A causa pela qual perderão a vida é por Jesus e sua “Boa Notícia”.

3.2.2 A confissão de Pedro e o processo formativo dos discípulos

A passagem de Marcos 8,27-30 merece uma atenção à parte dentro do contexto do Evangelho de Marcos, no que se refere ao tema do discipulado. É nesta passagem intermediária entre a primeira e a segunda parte do Evangelho de Marcos que, pela primeira vez, alguém atribui a Jesus o título de “o Cristo”. Expressão que sai da boca de Pedro, um de seus seguidores. Trata-se de um título fundamental para a comunidade cristã que se auto compreendia como continuadora do Antigo Testamento.²⁰¹ O texto informa que:

Jesus e seus discípulos partiram para os povoados de Cesareia de Filipe. No caminho, ele perguntou aos discípulos: “Quem dizem as pessoas que eu sou?”. Eles responderam: “Uns dizem João Batista; outros, Elias; outros ainda, um dos profetas”. Jesus, então, perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”. E Jesus os advertiu para que não contassem isso a ninguém. (Mc 8,27-30)

Segundo a narrativa, Jesus foi com os discípulos para Cesareia de Filipe e pelo caminho realizou uma avaliação perguntando-lhes acerca dos comentários e das diferentes imagens que as pessoas construíram sobre sua identidade: “Quem dizem os homens que eu sou?” (v.27). E os discípulos lhe respondem que para alguns é João Batista, para outros Elias ou algum dos Profetas (cf. v. 28) E Jesus provoca um confronto mais pessoal perguntando-lhes: “E vós, quem dizeis que eu sou? E Pedro responde: “Tu és o Cristo” (v.29).

Os discípulos eram pessoas comuns do povo. Estes traduziam o pensamento da cultura de sua época. Sujeitos a opiniões equivocadas. Era preciso adquirir uma nova forma de ver a vida e a missão de Jesus. Eles viviam a mesma cegueira de seus contemporâneos. Por isso Jesus realiza uma avaliação acerca do nível de compreensão de seus discípulos. No entender de Mesters, no episódio de Cesareia de Felipe, Jesus provoca os discípulos a fazerem uma leitura de contexto,

²⁰¹ ALEGRE, 2000, p. 16.

convidando-os a observarem, escutarem e ponderarem a fim de se posicionarem de forma pessoal sem influência de outrem.²⁰²

E, nesse sentido, o texto parece ser central para compreender a pedagogia de Jesus e o processo de seus seguidores. O contexto anterior à narrativa traz presente a realidade da cegueira sobre a qual Jesus atua conforme indica Marcos 8,22-26 e na sequência da narrativa, o Evangelho de Marcos coloca uma longa catequese sobre o seguimento na perspectiva da cruz. Alegre observa que Marcos fecha o primeiro bloco narrativo em Mc 3,6 colocando em evidência a cegueira dos opositores e adversários de Jesus; em Mc 3,7-6,1 aparece a cegueira dos habitantes de Nazaré e num terceiro momento em Mc 8,14-21 aparece a cegueira dos discípulos que forma uma inclusão com Mc 10,46-52.²⁰³

Dentro dessa linha de percepção, a cura do cego de Betsaida parece ser simbólica. O cego começa a enxergar de forma processual de modo que inicialmente não enxerga nada, (cf. Mc 8,22) depois gradualmente passa a ver alguma coisa, mas sem muita clareza (cf. Mc 8,24) e, por fim vê claramente (cf. Mc 8,25). Este parece ter sido o caminho dos seguidores de Jesus em seu processo de adesão e comprometimento com a proposta de Jesus.

O gesto de levantar o cego pela mão e de erguê-lo, denota que Jesus está pedagogicamente conduzindo os discípulos para uma compreensão mais realista acerca do Messias e de sua missão. O mesmo gesto realizado com o cego, Jesus agora o realiza com os discípulos para esclarecer-lhes sua identidade e fortalecê-los para a missão. Na atitude de impor novamente as mãos aos olhos do cego (Mc 8,25), Marcos, parece querer representar a lógica do entendimento do Reino que se dá de modo processual. Este caminho se torna necessário porque Jesus quer uma adesão convicta, consciente, livre, e não ingênua. Caso contrário, o seguimento não se sustenta diante dos desafios da missão. Nesse sentido, o cego de Betsaida, no Evangelho de Marcos, pode se tornar imagem do verdadeiro discípulo, aquele que chegou a ver e a caminhar.

Pedro, no episódio de Cesareia de Felipe, parece ver quem é Jesus, reconhecendo-o como Messias. Basta saber que imagem de Messias ele internalizou. Não seria a mesma ideia de um líder triunfalista como era esperado por

²⁰² MESTERS, 2013, p. 80-81.

²⁰³ ALEGRE, 2000, p. 14-15.

diversos grupos da época? Alguém poderoso em vista do um projeto nacionalista que viria com poder de destruir os inimigos?²⁰⁴

A resposta assertiva de Pedro, “Tu és o Cristo” (Mc 8,29), não indica necessariamente uma clareza plena acerca da identidade de Jesus. Pode ser que ele ainda esteja emitindo uma opinião a partir do senso comum de sua época. O que Ele traz em mente é, certamente, a antiga esperança messiânica, existente, pensando num Messias poderoso que viesse libertar Israel destruindo seus adversários.

Shigeyuki destaca que na época em que o Evangelho de Marcos foi escrito, era muito comum existirem grupos ou movimentos messiânicos que se organizassem em torno de um líder à semelhança do Rei Davi, uma espécie de “Filho do Homem” descrito em Dn7, que viria com o objetivo de restaurar o Reino de Israel e que derrotaria os Romanos. Da mesma forma como existiam movimentos proféticos que evocavam Elias ou outros profetas que denunciariam as injustiças sociais. Talvez dentro dessa visão poderia se inserir a questão de Jesus ser confundido com um dos profetas.²⁰⁵ Existiam, pois, diversas visões no horizonte da esperança em torno da vinda do Messias que trouxesse um novo, o que, provocava divisão entre os diferentes grupos como, por exemplo, os saduceus, fariseus e essênios. Os Saduceus pela aliança com os dominadores não concebiam a esperança messiânica.²⁰⁶ Já os Zelotas alimentavam uma aspiração mais popular a partir do ideal libertário.²⁰⁷

A literatura apocalíptica, em meio às perseguições, acreditava que o Reino de Deus viria acabar com a era do Satã, que significava o mal. Jesus apresenta o novo reinado evangelizando os pobres. O Reino de Deus se dá a partir de novas relações, onde não existem mais excluídos, e se evidencia uma relação de

²⁰⁴ GALLARDO, Carlos Bravo. **Jesus Homem em Conflito: O Relato de Marcos na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 176.

²⁰⁵ NAKANOSE, Shigeyuki. **Vida Pastoral**. Quem dizem os homens que eu sou? Uma leitura de Marcos 8,27-38. São Paulo, Paulus: 2012. Disponível em: <http://www.vidapastoral.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

²⁰⁶ RIBEIRO, Ari Luís do Vale. Jesus e os Movimentos Messiânicos. *In: Revista de Cultura Teológica* – V. 17 - n. 66 – jan/mar. 2009, p. 17-54. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15490/11569>. Acesso em: 07 de out. de 2020, p. 34.

²⁰⁷ RIBEIRO, 2009, p. 34.

irmandade.²⁰⁸ Esta compreensão parece ter sido uma realidade difícil a ser incorporada pelos discípulos.

As narrativas que seguem Mc 8,27-30 parecem atestar este entendimento, quando Pedro coloca-se como um impedimento para Jesus diante do anúncio da paixão. Ele ainda tem em mente um messias sem cruz, portanto, também um discipulado sem cruz. Sendo assim, precisa aprender tudo novamente como indica a expressão: “Vai atrás de mim Satanás” (cf. Mc 8,31-33).

Pedro pode estar representando todos os discípulos que ainda continuam contaminados por uma mentalidade satânica, eles não têm em mente o Messias do Reino de Deus e sob este aspecto precisam re-iniciar o discipulado. Com a mentalidade voltada para a glória e o poder o discipulado fica comprometido. A lógica do Reino não se enquadra nos moldes humanos. Ao chamar Pedro de Satanás Jesus dá a entender que agora inclusive os discípulos são seus adversários.²⁰⁹ E, por isso, devem colocar-se atrás de Jesus e realizar um novo começo. Os discípulos ainda estão cegos e precisam voltar ao começo do chamado.²¹⁰

O Fato de Marcos colocar os textos da cegueira como moldura da perícopé, parece ser oportuna, pois, muito mais do que uma cegueira física trata-se da cegueira espiritual, ou seja, a dificuldade de identificar nitidamente quem é Jesus. Na visão de Alegre se Deus não abrir os olhos dos discípulos eles não serão capazes de entender o mistério da cruz do Filho do homem e muito menos entender o seguimento de Jesus no caminho da cruz. Uma mensagem que se torna muito evidente a partir de Marcos 8,31.²¹¹ Marcos quer esclarecer que o conflito é inerente à vida cristã para quem leva a sério o seguimento de Jesus de Nazaré.²¹²

Sob esta perspectiva, Bombonato entende que a confissão de Pedro em Cesareia de Felipe constitui a questão central do Evangelho de Marcos. Nesta etapa do discipulado Pedro dá uma resposta fundamental à pergunta: “quem é Jesus?”.

²⁰⁸ RIBEIRO, 2009, p. 50.

²⁰⁹ OLIVEIRA, Eduardo dos Santos de. **A salvação pela humanidade** : o Jesus de Mc 8,31-33. São Leopoldo, RS, 2016. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016 Disponível em: <http://dSPACE.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/695/1/oliveira_es_tm322.pdf>. Acesso em 20 out. 2020, p. 80.

²¹⁰ OLIVEIRA, 2016, p. 80.

²¹¹ ALEGRE, 2000, p. 15.

²¹² ALEGRE, 2000, p.10.

Todavia de agora em diante se abre uma nova etapa. Enriquecida com a cura e o seguimento do cego Bartimeu (cf. Mc 10,46-52). A profissão de fé de Pedro é ponto de partida para o seguimento. Ele é porta-voz do grupo dos seguidores, que são imagem dos seguidores de todos os tempos. Daí a importância deste gesto para o cristianismo.²¹³ A partir da confissão de Pedro nasce a necessidade de uma nova catequese a fim de evitar uma compreensão equivocada do título messiânico que sai de sua própria boca e que traduz o pensamento de sua comunidade.²¹⁴

Glaab também indica que Pedro chegou ao entendimento de que Jesus é o Messias, mas falta dar um passo: Jesus é o Messias, mas não o glorioso. Ele vai à cruz por amor. A pergunta por quem é Jesus implica em perguntar por quem é o discípulo. É isso que assusta os seus seguidores. Eles devem assumir a mesma atitude do Mestre.²¹⁵

Não é possível ser seguidor de Jesus e continuar com a compreensão que parte do senso comum. A grande passagem que eles devem realizar é a de abandonar a mentalidade comum de seu tempo e entrar por um caminho mais estreito e alternativo. Na visão de Oliveira “Eles precisam aprender a pensar como Deus pensa e não como a humanidade pensa.”²¹⁶ Sendo assim, fica evidente que a busca pela grandeza desvirtua o discipulado e contraria a obra de Jesus pela raiz.²¹⁷ Por isso a importância da clareza a respeito de quem o discípulo segue e quem o sustenta no caminho.

A confissão de Pedro expressa que os discípulos, para os quais Jesus dedicou particular atenção, são chamados a ter clareza a respeito do Reino e do Mestre. Somente com esta convicção eles serão aptos a darem continuidade à missão de Jesus frente à sua eminente partida.

É curioso, portanto, que logo depois da confissão de Pedro, Marcos coloca os três anúncios da Paixão, parece que ele pretende chamar a atenção sobre esta realidade. Assim fica evidente que compreender a real identidade de Jesus consiste em assumir uma nova prática, desde modo, o Messias que Jesus revela é aquele

²¹³ BOMBONATTO, 2007, p. 56.

²¹⁴ GLAAB, Bruno. G. **A Cegueira Como Método no Evangelho de Marcos**. Disponível: <https://docplayer.com.br/35613419-A-cegueira-como-metodo-no-evangelho-de-marcos-bruno-g-glaab.html>. Acesso em: 08 jul. 2020, p. 8.

²¹⁵ GLAAB, 2020, p.7-8.

²¹⁶ OLIVIERA, 2016, p. 82.

²¹⁷ GLAAB, 2020, p. 6.

que seguirá o caminho da cruz, que se fará o último dos últimos, o servidor de todos. Os discípulos de Jesus só entenderão sua verdadeira identidade seguindo o caminho da cruz. “Na cruz ser-lhes-á revelado seu mistério”. Todavia, o que tomou conta de Pedro foi não somente o fato de ter que compreender o destino da morte de Jesus, mas o fato de ele próprio ser envolvido nesse destino.²¹⁸

3.2.2.1 Os anúncios da Paixão e as crises dos discípulos

A partir da experiência relatada em Mc 8,27-30, a formação dos discípulos se intensifica. Jesus vai dedicar mais tempo para esmiuçar seu anúncio e falar-lhes abertamente. Esclarece-lhes que assume a imagem do Servo Sofredor anunciado em Isaías Capítulo 53 e não a de Messias glorioso, Filho do Homem apresentado por Daniel 7.²¹⁹ É o serviço que lhe confere identidade. Ele é o Filho de Deus que “está entre os seus como Aquele que serve” (cf. Lc 22,27).

Agora as multidões parcialmente saem de cena, Jesus reduz o ritmo das curas, e dedica-se quase que exclusivamente à instrução dos discípulos. A relação entre Jesus e os seus seguidores vai se estreitando, no entanto, a incompreensão dos discípulos continua. Estes precisam continuar seu processo formativo no encontro com Jesus. Eles ainda não entendem o mistério que se encerra Nele (cf. Mc 8,33; 9,10.32; 10,38). Mesmo diante dos anúncios da paixão, os discípulos não entenderam a mensagem. O objetivo de Jesus é ajudá-los na assimilação de uma mentalidade nova.²²⁰

O primeiro anúncio da Paixão narrado em Marcos segue imediatamente a célebre confissão de Pedro: “Tu és o Cristo” (Mc 8,29). Quando Jesus começa a instruí-los conforme narra o Evangelho

E começou a ensinar-lhes: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar”. Dizia isso abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a recriminá-lo. Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, recriminou a Pedro, dizendo: Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens! (Mc 8,31,33).

²¹⁸ FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os Evangelhos (I)**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2014, p. 515.

²¹⁹ GALLARDO, 1986. p.162

²²⁰ FERNANDES, 2012, p. 32.

Nodari observa que, se por um lado Pedro professa solenemente que Jesus é o Cristo (cf. Mc 8,29), por outro manifesta, logo a seguir, a pretensão de aprisionar Jesus, fazendo-se mestre dele repreendendo-o (cf. Mc 8,32). Pedro revela aqui um fechamento, uma não abertura para acolher a novidade que se revela em Jesus.²²¹

O relato do segundo anúncio da Paixão se insere logo após a cura do epilético endemoninhado e, afirma que:

“Tendo partido dali, caminhava através da Galileia, mas não queria que ninguém soubesse, pois ensinava aos seus discípulos e dizia-lhes: “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e eles o matarão e, morto, depois de três dias ele ressuscitará”. Eles, porém, não compreendiam essa palavra e tinham medo de interrogá-lo.” (Mc 9,30-32)

Marguerat salienta que o segundo anúncio da Paixão é seguido de reflexões sobre a condição do discípulo. A criança torna-se o protótipo do Reino de Deus, em sua capacidade de acolhida, enquanto as riquezas materiais e a perfeição religiosa são colocadas como obstáculos.²²²

Já o terceiro anúncio da Paixão se dá na subida para Jerusalém, assim informa o evangelista:

Estavam no caminho, subindo para Jerusalém. Jesus ia à frente deles. Estavam assustados e acompanhavam-no com medo. Tomado os Doze novamente consigo, começou a dizer o que estava para lhe acontecer. Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos sacerdotes e aos escribas; eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, Zombarão dele e cuspirão nele, o açoitarão e o matarão, e três dias depois ele ressuscitará. (Mc 10,32-34).

Após este terceiro anúncio da Paixão, ainda na subida para Jerusalém, os discípulos buscam o privilégio de quererem sentar um à direita e outro a esquerda de Jesus no Reino dos Céus. Jesus deixa claro que não cabe a Ele escolher quem vai sentar à direita ou à esquerda dele (cf. Mc 10,35-40). Frente a este fato, Marguerat salienta que na cruz os discípulos desaparecem, sendo que à sua direita e à sua esquerda estão ocupados por dois bandidos.²²³

Diante dessa discussão, Tiago e João ficaram indignados e, a partir do desconforto que se gerou entre os discípulos, se sucede uma nova catequese por parte de Jesus:

²²¹ NODARI, 2009, p. 77-78.

²²² MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 54-55.

²²³ MARGUERAT, 2015, p. 54-55.

Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e seus grandes as tiranizam. Entre vós não deve ser assim: ao contrário, aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. (Mc 10, 41-45)

Alegre entende que os relatos da paixão confirmam a incapacidade dos discípulos no sentido de entender e aceitar o que Jesus revela sobre a sua identidade, missão e seu destino, e que entenderam mal a mensagem central de Jesus. O seguimento não consiste em evitar a cruz, nem no *status* econômico, social ou religioso e, sim, deve ter em mente uma disposição para o serviço amoroso aos marginalizados.²²⁴

Os discípulos levaram muito tempo, ou seja, a vida toda para entender esta mensagem de Jesus, como mostra o Evangelho, ao chegarem em Jerusalém, diante de a Betfagé e de Betânia, perto do Monte das Oliveiras, Jesus dá mais uma lição no sentido de, fazer os discípulos adquirirem uma percepção mais clara acerca de sua pessoa enviando dois deles a sua frente para buscar um jumentinho amarrado, que ainda não havia sido montado. E logo em seguida se sucede a entrada de Jesus em Jerusalém montado num jumentinho. (cf. Mc 11, 1-11). É curioso que Jesus não monta num cavalo, mas num jumentinho, um animal usado para o serviço.

E mais uma seção formativa se realiza com a ceia de despedida. Neste bloco narrativo Jesus expressa abertamente que um deles o há de trair (cf. Mc 14,17). Depois da ceia com o seus, Jesus foi com eles ao Monte das Oliveiras, onde Jesus retoma com os discípulos o assunto a respeito de seu destino, afirmando que não de se escandalizar por aquilo que está escrito. Que o Pastor será ferido e as ovelhas dispersadas. Fala também que depois da Ressurreição vai precedê-los na Galileia. A essa fala de Jesus, Pedro reage afirmando que embora todos se escandalizassem ele não se escandalizaria. Diante da reação de Pedro Jesus o alerta, dizendo: “Em verdade te digo que hoje, esta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás! Ele, porém, reafirmou com mais veemência: “Mesmo que tivesse de morrer contigo, não te negarei. E todos diziam o mesmo.” (Mc 14,26,31). Parece que mesmo um diálogo muito sincero e franco não conseguiu resolver o mal entendido dos discípulos de Jesus. E, logo em seguida, no Getsêmani, eles não foram capazes de vigiar uma hora com Jesus e acabam se

²²⁴ ALEGRE, 2000, p. 18.

rendendo ao cansaço (cf. Mc 14,32,42) e imediatamente o traidor Judas, se apresenta entregando Jesus ao pior dos destinos (cf. Mc 14,43-47).

Conforme o relato, a estas alturas, Pedro seguia Jesus de longe, enquanto Jesus era levado ao Sumo Sacerdote, sem querer ser identificado como sendo do grupo de seguidores. Neste momento acontece o que Jesus já predissera anteriormente em Mc 14,30. Pedro, nega Jesus três vezes ao ser interrogado pela criada do Sumo Sacerdote se ele era um seguidor de Jesus. Por fim Pedro cai em si e chora amargamente (cf. Mc 14, 66-72). O que tudo indica que as crises profundas vividas pelos discípulos de Jesus aprofundavam ainda mais sua cegueira. Algo que só as experiências pós-pascuais e o tempo conseguiram resolver.

Neste bloco narrativo Marcos deixa ainda mais evidente a fragilidade dos seus seguidores e a dificuldade que apresentam na compreensão do caminho que lhes é proposto. Estes precisam aprender e, se retomar continuamente a partir dos dramas concretos da existência.

É, pois, inevitável imaginar o caminho dos discípulos sem crises e recuos. Nesta linha menciona Marguerat que:

O Anúncio, a Pedro, de sua negação não impede o discípulo de cair na tentação do sono três vezes no Getsêmani, nem de negar três vezes durante o processo que se torna também seu. Mas a memória da palavra dita de antemão, despertada pelo canto do galo, permite lágrimas e inscreve a angústia da infidelidade na tensão de um cumprimento.²²⁵

Marguerat ainda faz alusão ao abandono experimentado por Jesus na hora da morte, deixado pelos discípulos e traído por Judas. O Evangelho relata que permaneceram algumas mulheres diante da cruz e depois diante da tumba.²²⁶ O discipulado no Evangelho de Marcos é um convite para aceitar seguir Jesus até as últimas consequências, assumindo a “*via Crucis*”. Portanto, o caminho formativo consiste num processo de conversão, de aprendizado com Jesus a ponto de deixar-se plasmar por Ele, até atingir uma identificação com sua pessoa. “É preciso que Jesus abra os olhos dos discípulos. Da parte dos discípulos disposição para se deixar formar por Jesus.”²²⁷

²²⁵ MARGUERAT, 2015, p. 56.

²²⁶ MARGUERAT, 2015, p. 56.

²²⁷ GLAAB, s/d, p. 4.

No entendimento de Cencini, o serviço em Jesus é expressão da partilha do amor recebido do Pai. Jesus torna-se servo dos seres humanos a fim de que eles experimentem do amor do Pai. Nisso consiste a condição de “[...] servo sofredor, com toda a carga de dor física, moral e mortal, que ela significou na vida de Jesus.”²²⁸ Um sofrimento aceito até os extremos para manifestar a plenitude do amor divino.

Sob esta perspectiva, o discipulado de Jesus se coloca ao lado dos mais frágeis da sociedade feito a partir do amor, da fraternidade, da justiça e do perdão. Esta é a contribuição de Jesus para a humanidade, sem deixar de considerar os reais conflitos que o cercavam. O que é relevante para o discipulado é que Jesus não se deixa aprisionar pela mentalidade de sua época.²²⁹ Esta deve ser, portanto, também a atitude do discípulo.

O que tudo indica é que Jesus pretende criar nos discípulos aquela fé que parte da experiência. Estes devem compreender de forma personalizada quem é Jesus para poderem anunciar a “Boa Notícia”, mesmo quando Jesus já não estiver mais com eles. Conforme Nodari, “[...] É a expulsão de toda dúvida e incerteza (Mc 11,23s). É o pleno convencimento da revelação de Deus na história humana em Jesus.”²³⁰ É, portanto, de fundamental importância que cada um dos discípulos, em particular, compreenda isso e sinta-se convidado a criar esta convicção interior a partir da sua experiência com Jesus. Esta nasce do convívio e da relação diária com Ele. O caminho que Jesus vai percorrendo com os discípulos, sugere que a condição humana diante do Mistério reivindica tempo, processo e espaço. Um percurso acompanhado de crises, questionamentos e aprendizados que levam para um contínuo amadurecimento na fé.

3.2.2.2 O Propósito do Seguimento

O fato de Jesus chamar pessoas colaboradoras com a finalidade de formar um grupo com Ele, não tem um fim em si. O objetivo desse chamamento o Jesus deixa muito claro para seus discípulos. Trata-se de um seguimento que supõe

²²⁸ CENCINI, Amedeo. **Árvore da Vida**: Proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007, p.197.

²²⁹ RIBEIRO, 2009, P. 52.

²³⁰ NODARI, 2009. p. 51.

disponibilidade plena e corajosa para a missão. Segundo Mesters, Jesus “[...] chama para duas coisas: “para ficar com ele” e “para enviar a pregar e a expulsar os demônios (Mc 3,13-15)”.²³¹

Com Jesus a missão implica num estilo de vida. Os discípulos, segundo Pagola, devem estar às margens do sistema que oprime. Eles estarão como Jesus fora das estruturas do império e em saída do grupo familiar. Estas atitudes devem aproximá-los de todos os que estão à margem da sociedade. Quem entra no seguimento de Jesus assume um modelo de vida que se diferencia do modelo das famílias herodianas que se situam no centro do poder. Os seguidores de Jesus se movimentam, portanto, fora dessas estruturas. Estes se inserem nos espaços marginais da sociedade, sem casas, sem terras e sem bens. Vivem na casa comum e por ela sentem-se co-responsáveis. Vivem entre os “pequenos” e insignificantes da Galileia. E, assim, testemunham que Deus é acolhido, não pelos poderosos e sim, pelos últimos da sociedade.²³²

Para Pohl, quando Jesus realiza o chamado dos discípulos para o seguimento a fim de se tornarem “pescadores de homens” (Mc 1,17), isso não indica envio imediato, seria algo para o futuro. Os seguidores precisam primeiro aprender com Jesus. Mas já existe aqui um direcionamento acerca da razão do seguimento. Foram chamados para serem enviados, para o anúncio. O grupo não está voltado sobre si mesmo e os discípulos não podem fazer uso da condição de estarem com Jesus em benefício próprio. Não se trata de um privilégio. O estar com Ele implica numa abertura para toda a criação. A vida nova experimentada no encontro com Jesus pertence à humanidade inteira, sem reservas. Trata-se de uma relação com o Senhor e uma relação com pessoas que devem ser beneficiadas pela riqueza desse encontro.²³³

E como atesta Mc 6,6b-13, ao grupo dos doze é outorgada a responsabilidade de irem pelo mundo, em duplas com a missão de anunciar, converter, transformar, curar e expulsar demônios. Aqui é importante destacar o uso da palavra e da ação como características desse movimento. “A lógica é clara: chamar à conversão e mostrar que o Reino de Deus chegou [...]”.²³⁴ O trabalho

²³¹ MESTERS, 2013, p. 65.

²³² PAGOLA, 2014, p. 352.

²³³ POHL, 1998, p. 75.

²³⁴ FERNANDES, 2012, p. 73.

missionário não se caracteriza por um trabalho individualizado e sim cooperativo e compartilhado. O que supõe uma organização acompanhada pelo testemunho de uma vida simples e desapegada, a fim de que a práxis seja efetivamente libertadora.²³⁵

Na visão de Pagola Jesus enviou seus discípulos pelas aldeias da Galileia com a finalidade de abrirem caminhos para o Reino de Deus. Certamente uma missão breve e de pequena abrangência, o que faz entender que a intenção do grupo não é chamar atenção sobre si e nem buscar sucesso pessoal ou grupal. Os seguidores de Jesus devem ter clareza de que não estão agindo em nome próprio e sim em nome de Jesus.²³⁶ Deste modo, Pohl, afirma:

É significativo que, no contexto deste envio, encontramos aqui em Marcos a única passagem que diz que, além de Jesus, mais alguém ensinou (6,30; cf. por 2 a 1.21-28). Na verdade Jesus é o único mestre e, até hoje, quem ouve os discípulos ouve o próprio Jesus.²³⁷

Daí a importância dos discípulos de todos os tempos e lugares manterem a consciência acerca dos lugares próprios da missão. Em que lugares Jesus se situa preferencialmente? Se Ele dedicou um olhar particular para com os mais pobres, sendo que o seguidor é aquele que age em nome de Jesus, onde seria então a opção preferencial do discípulo? Sobrino apresenta uma resposta para esta questão referindo-se “[...] à predileção de Deus para com os fracos e pequenos deste mundo.”²³⁸ O discípulo é aquele que ajuda a descer da cruz os povos crucificados.²³⁹

Para Alegre, quando Jesus chama e forma um grupo de seguidores, Ele traz em mente o início de um novo povo, livre de estruturas que impedem e massacram a vida. Com eles se inicia algo original, um projeto alternativo no horizonte do Reino. A luta de Jesus é para acabar com o privilégio religioso. Certamente é com este intuito que tanto insiste que o discípulo precisa estar apto para entender, acolher e viver a dinâmica da cruz.²⁴⁰

²³⁵ REIMER, 2012, p. 116.

²³⁶ PAGOLA, 2014, p. 353.

²³⁷ POHL, 1998, p. 200.

²³⁸ SOBRINO, Jon. **Jesus na América Latina**: seu significado para a fé e a cristologia. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 19.

²³⁹ SOBRINO, Jon. **A fé em**: Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes 2000, p. 26.

²⁴⁰ ALEGRE, 2000, p. 41.

3.3 RESUMINDO

Até aqui foram descritos aspectos introdutórios sobre o Evangelho de Marcos e feita uma análise mais detalhada da teologia e do discipulado de Jesus buscando extrair elementos pertinentes para o discipulado hoje.

A seguir, sintetizam-se alguns desses elementos que serão retomados no conjunto do corpo do último capítulo, com o objetivo de ressaltar os ecos da pesquisa para o IFRAPEC:

a) A dimensão da responsabilidade pessoal sobre o próprio processo: Jesus chama ao discipulado de forma personalizada de modo que cada um deve assumir a condição de estar com Jesus, aprofundar-se na comunhão com Ele, aprender a discernir a vontade do Pai e crescer na experiência de intimidade com Jesus e seu projeto. Assim também cada pessoa consagrada em particular, é chamada a assumir seu próprio processo formativo, zelando por momentos de solidão, vida de oração, leituras, integração da história pessoal, e crescimento nas relações humanas e no compromisso com a missão.

b) Responsabilidade comunitária sobre o caminho formativo: no caminho formativo que Jesus realiza com sua comunidade, percebe-se, Ele convidando os discípulos, por diversas vezes, para irem a um lugar a parte e os instrui em comunidade. Parece que com isso Jesus ressalta a importância de uma compreensão conjunta acerca da missão. Isso vem ao encontro das orientações eclesiais como parte constitutiva da VRC.

c) O discipulado como processo permanente: o Evangelho de Marcos revela o caminho dos discípulos de forma muito inconstante, necessitando de retomada contínua. Até mesmo depois da experiência pós-pascal ainda são reenviados à Galileia para começar tudo novamente. Sob este aspecto, também a VRC é chamada a um contínuo processo de retomada.

d) O “*Lócus*” formativo: Os discípulos são formados sendo inseridos no ministério de Jesus. Eles o acompanham nos caminhos da Galileia, escutam seus ensinamentos, assistem as curas que realiza, participam das ações de Jesus, sentem que Jesus se compadece pelos sofredores, o acompanham no caminho para Jerusalém, ouvem Jesus e ficam desconsertados diante dos anúncios da paixão,

tentam desconversá-lo diante do inevitável embaraço da cruz, assistem Jesus no enfrentamento das estruturas de morte e por fim voltam novamente para a Galileia. São estes os locais formativos por excelência que Jesus escolhe. Visualiza-se um caminho dinâmico, cheio de compromissos e imprevistos. Poucas vezes a formação se dá em um espaço reservado, o que VRC entende como “formação extraordinária”, a formação mais intensa se dá no caminho ordinário. O lugar da missão parece ser um espaço privilegiado para o confronto e a mudança de mentalidade. Estes são lugares de confronto que suscitam sempre novas atitudes.

e) Exigências do seguimento: Jesus estabeleceu para os seguidores algumas exigências que vão na contramão da história. Entre essas exigências, destacam-se o aspecto de uma vida modesta e desapegada, o espírito de renúncia e partilha e o assumir a cruz como fidelidade ao Reino. São aspectos muito significativos para os Institutos de VRC. Ainda mais quando, na atualidade, se visualiza a exigência de uma descida no sentido das grandes aparências, das grandes obras e do exercício de um poder de influência social que as pessoas consagradas representaram por muito tempo ao longo da história. Está aqui uma urgente necessidade de retomar a consciência evangélica da consagração que não se vende por propostas triunfalistas do grande, do destaque e da aparência.

f) O discipulado no horizonte do Reino: O objetivo de Jesus ao formar colaboradores indica para uma vida comprometida, na luta contra as forças do mal e no amor aos pobres. A atividade missionária não é lugar para projeções pessoais nem do exercício de poder de uns sobre os outros. O único poder autorizado por Jesus é o de expulsar demônios. Aqui parece um caminho que pode ser indicativo para a VRC no sentido de uma saída e, de uma compreensão mais clara acerca do exercício da liderança.

g) Confiar na Providência de Deus: O Evangelho de Marcos aponta aos discípulos que estes devem confiar no que o caminho lhes oferece. Isso é lançar-se na plena confiança em Deus. Diante de um momento em que a VRC se preocupa muito com o futuro institucional, parece que esta confiança em Deus deva ser continuamente realimentada.

h) Comunidade missionária: Jesus não apresenta para os seus discípulos um caminho de facilidades, não se trata de um simples clube de amigos, nem mesmo o seguimento tem caráter de fim último, estão unidos e comprometidos com

o projeto salvífico do Reino de Deus, portanto, consiste em assumir as consequências da missão até o fim, inclusive a cruz. Trata-se de formar para assumir o estilo de vida e as motivações de Jesus. Nesse sentido está também implicado um desafio para os(as) seguidores(as) de hoje no sentido de entenderem a dimensão missionária da consagração e como comunidade os membros viverem um projeto missionário compartilhado.

i) O exercício da liderança: a liderança de Jesus se revela uma liderança descentralizadora, servidora e circular. Este é um aspecto a ser sempre retomado nos tempos atuais.

Todos esses aspectos, embora façam parte de um todo relacionado ao discipulado, adquirem importância especial em face dos desafios apresentados à VRC na atualidade.

4 A CONTRIBUIÇÃO DO DISCIPULADO EM MARCOS PARA AS IRMÃS DA PROVÍNCIA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA – SANTA MARIA, RS

Este capítulo realiza uma espécie de diálogo entre os dois primeiros capítulos e o carisma de Francisco de Assis e Madre Madalena Damen, os fundadores da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. A intencionalidade desta parte do trabalho é trazer alguns aspectos pertinentes a serem considerados para a dinâmica formativa do IFRAPEC, o que corresponderá ao terceiro passo da metodologia adotada na pesquisa, denominada como a etapa do AGIR. O capítulo levanta questões a serem consideradas a partir do discipulado em Marcos, entendendo, que muitos deles vêm ao encontro do que propõe o Carisma de Francisco de Assis e de Madalena Damen, partindo do entendimento de que fazer memória das fontes, ecoa como um desafio renovador para a VRC Franciscana.

4.1 O DISCIPULADO DE JESUS E A IDENTIDADE DO IFRAPEC

Nesta parte do trabalho destaca-se o conjunto das fontes originárias do carisma que abrangem o Evangelho e a Tradição Franciscana, que são um convite sempre atual e renovador para todos os membros do Instituto com o intuito de ser resposta sempre nova e evangélica nas diferentes frentes missionárias nas quais o carisma se insere.

4.1.1 O Discipulado na Comunhão Franciscana

A identidade das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, parte da intuição da Fundadora Madre Madalena Damen, que em sua vida cultivou a imagem de um Deus Bom e Providente. Esta buscou sua inspiração na espiritualidade vivida por Francisco de Assis que alimentou um profundo amor pelo Evangelho e se empenhou em conformar sua existência com Jesus Cristo, assumindo no mundo uma vida profética e missionária.

O movimento Franciscano²⁴¹ realiza uma redescoberta das raízes da VRC, no sentido de olhar para Jesus Cristo e aprender dele o amor pelos pobres e excluídos da sociedade. Esta parte de uma espiritualidade encarnada, solidária e profética, na lógica de Jesus Cristo que conduz aos pobres e destes que conduzem a Jesus Cristo.²⁴² Nesse sentido a proposta Franciscana da VRC, parece encontrar sua identificação direta com a proposta do discipulado vivido por Jesus com seus seguidores, que aponta para a missionariedade feita a partir da periferia.

4.1.2 O tema da cegueira em Marcos e o processo formativo no IFRAPEC

O tema da cegueira que perpassa o Evangelho de Marcos como representação da dificuldade dos discípulos em seu processo de compreensão e adesão, poderá ser iluminador para o caminho formativo no atual momento da história do IFRAPEC, apontando para a importância de entendê-lo como um processo contínuo de adesão a Jesus Cristo e de amadurecimento no caminho do seguimento.

Para Ribeiro, os anúncios da paixão que criaram resistências e inseguranças para os discípulos, como descreve o Evangelho de Marcos, representam um tempo *Kairótico* de decisão e de interpelação profunda, de modo que diante de Jesus está a escolha entre a fidelidade radical ao projeto do Pai, ou a flexibilização para adaptá-lo aos interesses das autoridades judaicas. Oportunidade em que Jesus reafirma seu compromisso com o Pai, chamando os discípulos a esta mesma adesão.²⁴³ Sob este aspecto, a VRC é interpelada a não flexibilizar seu discipulado para adaptá-lo a outro modelo que não seja o do Evangelho. A fidelidade Evangélica, nesse sentido, é inegociável mesmo diante de uma conjuntura que continuamente exige atualização no sentido de incorporar sempre novos pensares, novos processos e novas práticas.

No discipulado de Marcos, os discípulos estão como que cegos, não enxergam o que Jesus tem para revelar, pois absorveram a mentalidade de seu

²⁴¹ O Movimento Franciscano remonta às origens da Tradição Franciscana. Este aparece inserido no contexto da renovação, no período da Baixa Idade Média, no século XIII, em meio a muitos outros movimentos de contestação à ordem vigente. Um movimento liderado por Francisco de Assis em colaboração de seus primeiros confrades. (Cf. FROHLICH, Larissa Fabrício. O Movimento Franciscano e seu Contexto. In: **Revista VYDIA**, Universidade Franciscana, Santa Maria RS, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/494/484>. Acesso em 09 de nov. 2020).

²⁴² VITÓRIO, p. 40-41.

²⁴³ RIBEIRO, 2008, p. 167.

tempo de forma que estão fechados ao novo, contaminados por um senso comum que não lhes permite ver um caminho alternativo. Enquanto Jesus lhes apresenta como caminho o serviço a partilha e o bem comum para todos, eles estão focados no triunfo, na grandeza e no poder (cf. Mc 10,35-45), pois estão contaminados pela ideologia dominante e resistem à formação de uma nova mentalidade, apresentando dificuldades em compreender o ensinamento de Jesus apresentado no horizonte do Reino. Eles ainda precisam ser curados da cegueira que impede uma visão mais clara sobre a identidade Jesus, como indica o desfecho do ciclo da cegueira em Marcos, com a cura cego Bartimeu (cf. Mc 10,46-52).

O convívio entre os discípulos revela ainda uma mentalidade de competição e prestígio ²⁴⁴, mas o Reino de Deus não é ostensivo, nem baseado em sucessos e aplausos. Este requer entrega permanente, silenciosa e desinteressada, por isso o convite é para que os discípulos não fundamentem sua vida na busca por reconhecimento nem por resultados humanos. Embora fique evidente que tenham experimentado êxito em alguns momentos e isso lhes tenha causado alegria, Jesus não deixou de avisá-los e orientá-los que sua missão não pode estar pautada nesta motivação. A busca primeira e fundamental deve ser o Reino de Deus e para isso devem estar dispostos a assumirem a dinâmica da cruz.

Também para a VRC se impõe uma urgente revisão acerca do tipo de mentalidade que vem sendo sustentada há séculos, como foi visto no capítulo inicial, no sentido de uma renovação profunda a partir da mentalidade e o pensar de Jesus Cristo em sua proposta relacional e missionária. Segundo Vítório, “A conversão da VR terá sempre um caráter contra cultural, na medida da exigência evangélica de os religiosos caminharem na contramão de certos valores tidos e havidos como indispensáveis para a inserção social.”²⁴⁵

Neste horizonte, o discipulado de Marcos indica para algo que parece ser essencial para todos os tempos. A formação no discipulado se faz ao longo de toda a existência. É ao longo da vida que uma nova mentalidade vai sendo formada, portanto, é curioso que no relato da Ressurreição (Cf. Mc 16,7) Jesus remete os discípulos de volta à Galileia como uma espécie de convite a refazer o caminho. É na Galileia que serão precedidos pelo Ressuscitado. No entender de Glaab, “O lugar

²⁴⁴ MESTERS, 2013, p. 75.

²⁴⁵ VITÓRIO, 2007. p. 49.

para encontrar Cristo é na Galileia e não em Jerusalém que representa um lugar “antifrutífero.”²⁴⁶.

Nesse sentido, Alegre contribui dizendo que agora os discípulos não precisam mais ir à Jerusalém, para a prática do culto e do ritual de purezas, nem ao túmulo vazio. Jesus se revela no caminho da existência. Sob este aspecto, a Galileia torna-se um lugar teológico, representado por um povo simples, pobre e aberto para acolher a “Boa Nova”. A partir dessa compreensão, reenviar os discípulos para a Galileia parece indicar uma ordem por parte de Jesus para que a comunidade se coloque à caminho. Há muita estrada a ser percorrida.²⁴⁷

Nesse sentido, a Galileia pode se tornar representação do ordinário simples, o lugar dos pobres que pode ser oportuno para o caminho formativo e a formação de uma nova mentalidade. É lá onde a vida acontece, e na missão, em meio à simplicidade do cotidiano, que o Ressuscitado se revela, conforme aponta Cencini, sobre a importância de desenvolver uma disponibilidade formativa para “[...] aprender a vida da vida por toda a vida”.²⁴⁸ Assumir uma vida de pobreza no meio dos pobres, pode favorecer a compreensão da verdadeira identidade de Jesus.

Olhando para a forma de superação das crises dos discípulos, Ribeiro, entende que o Evangelho de Marcos pode indicar luzes, diante de algumas ilusões vividas pela VRC, como a falta de perspectiva e a sensação de que nada vai mudar. Uma leitura atenta desta obra pode criar nos discípulos de ontem e de hoje a ânsia de sentido.²⁴⁹

Jesus procurou abrir os olhos, os ouvidos e o coração dos discípulos fortalecendo-os no caminho, indicando que, em meio às dúvidas e crises encontradas, Jesus está presente com companheiro de caminhada que lhes dá sustento e confirmação, em meio à insegurança Jesus se apresenta como amigo seguro que os ampara e, e na travessia entre o apego à tradição e o novo Jesus se apresenta como Mestre firme que desafia e encoraja para avançar. Contudo, os discípulos permaneceram fechados, cegos, surdos e sem misericórdia. Segundo Mesters, foi uma cura difícil, pois era o medo da cruz que estava lhes causando

²⁴⁶ GLAAB, s/d, p. 9.

²⁴⁷ ALEGRE, 2000, p. 31-32.

²⁴⁸ CENCINI, 2012, p.8.

²⁴⁹ RIBEIRO, 2008, p. 176.

cegueira.²⁵⁰ E este medo retrata a dificuldade dos primeiros cristãos em assumir as implicações do caminho.²⁵¹

Aqui está um aspecto fundamental para um Instituto da VRC Franciscana, como no caso o IFRAPEC, para pautar seu processo formativo baseado no Evangelho com um olhar preciso sobre a maneira como Jesus propôs o caminho de crescimento para os seus seguidores. Seguir Jesus, hoje, implica também numa mudança de mentalidade e em assumir a cruz confiando em Jesus Cristo que se faz presença segura e amorosa pelos caminhos da vida. Nesse sentido, faz-se necessário um itinerário de descida, de verdadeira encarnação na história, assim como Jesus o fez, desfazendo-se das grandes aparências, como condição para assumir o profetismo indicado pelo Evangelho. Assim Cencini entende que exercer o profetismo não é adivinhar o futuro, mas reconhecer os sinais de esperança que persistem, identificá-los e desenvolvê-los na direção do Reino.²⁵²

4.1.3 Os princípios do IFRAPEC no discipulado de Jesus

No Plano do IFRAPEC a Médio Prazo - 2018-2021, são descritos os princípios que fundamentam e norteiam a vida e a missão da Instituição. Entende-se que é também por esta via que perpassa a missão formativa de seus membros. Estes são o ponto de partida e de chegada de toda a ação formativa. Constata-se que é possível estabelecer algumas relações com o discipulado marcano. Sendo assim, foi escolhido trilhar este caminho de discussão e diálogo com o que já está proposto como horizonte carismático do Instituto com a pedagogia de Jesus, ampliando seus horizontes que apontam para sempre novos desafios, olhares e práticas.

4.1.3.1 A Confiança na Providência de Deus

O Princípio da confiança em Deus tem sua inspiração fundamentalmente no Evangelho. Jesus envia os discípulos para irem pelo mundo confiando na

²⁵⁰ MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. **Como Seguir Jesus?** (Mc 8,27-35). Disponível *In*: cebi.org.br/noticias/como-seguir-jesus-mc-827-35-mesters-e-lopes-2/, 2015. Acesso em: 08 set. 2020.

²⁵¹ GLAAB, s/a, p. 6.

²⁵² CENCINI, Amedeo. **Abraçar o Futuro com Esperança**: O amanhã da vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 97-98.

providência de Deus, orientando-os a não levarem nada consigo, pois estes devem confiar na subsidiariedade do caminho (cf. Mc 6,7-13) e se firmar na fé diante das tempestades enfrentadas na missão (cf. Mc 4,35-41; Mc 6,45-52).

O sentido desta confiança em Deus, que está no horizonte da leveza do caminho, da não preocupação com os bens materiais como indica o envio dos discípulos, nem com o futuro institucional, é sempre atual para o IFRAPEC. Especialmente em tempos um tanto obscuros e que pedem uma nova configuração organizacional diante de um cenário de envelhecimento de seus membros, escassez de novas vocações, falta de lideranças e a necessária reestruturação das obras existentes como apontamos no primeiro capítulo deste trabalho.

Não se trata, pois, de uma confiança passiva. Esta deve ser ativa assim como foi a dos fundadores. Confiar que Deus conduz a história supõe, da parte humana, uma disposição ativa na direção do tipo de futuro que se pretende criar. E este futuro a partir do que vem proposto em Marcos deve estar menos centrado na organização de obras missionárias e mais nas pessoas, no testemunho e na construção do Reino que consiste na partilha e na construção de novas relações. Nesse sentido Murad afirma que, “[...] Jesus inaugura o Reino mostrando a proximidade de Deus. Um pai-materno bondoso, que cura as enfermidades, expulsa as forças negativas do mal, perdoa pecados e chama à mesa todos os deserdados desse mundo [...]”.²⁵³

Também Francisco de Assis cultivou esta confiança em Deus. Anônimo Perusino relata que, certo dia, ele e seus colegas procuraram o papa Inocêncio III, manifestando-lhe seu propósito e ideal de vida, quando, então, ao ser interrogado pelo pontífice acerca da sustentabilidade do grupo, sendo que estes levavam uma vida muito austera, Francisco de Assis teria respondido: “[...] eu confio em meu Senhor Jesus Cristo, que prometendo dar-nos do céu vida e glória, na terra não nos privará do necessário para o corpo.”²⁵⁴

Ao abraçarem a vida franciscana, as pessoas não entram num convento que pode representar um lugar estável e confortável, elas são enviadas pelo mundo como forasteiras e assumem a aventura de viver a insegurança tendo como lugar o

²⁵³ MURAD, 2007, p. 138.

²⁵⁴ ANÔNIMO PERUSINO. In: **Fontes Franciscanas** (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 7,34.

mundo e como missão os povos sedentos do Evangelho.²⁵⁵ Sob este aspecto, Francisco de Assis recuperou com seu grupo o envio missionário de Jesus e, este continua sendo referência para os dias atuais.

A Confiança em Deus é um princípio, sobremaneira, herdado de Madalena Damen, ao reconhecer a ação de Deus em sua vida e missão. Ela própria se considerava insignificante diante da grandeza de Deus e reconhecia-se como simples colaboradora no Plano da Salvação. Ela compreendia que a Congregação era obra de Deus e não resultado de seu esforço pessoal. Hoster confirma isso, ao citar a expressão de Madalena Damen: “Se fosse obra minha, eu não teria coragem, mas como é obra de Deus, não posso fazer outra coisa, senão dizer cheia de confiança: Deus proverá!”²⁵⁶

Madre Madalena, diante dos impasses encontrados com o bispo ao lhe apresentar o propósito de fundar uma Congregação, que a considerava muito ignorante e sem recursos para iniciar tão ousado projeto e, ao ser interrogada por ele a respeito dos recursos disponíveis para o início do empreendimento, ela afirmou: “De momento ainda não posso lhe dizer, mas Deus proverá!”²⁵⁷ Sendo assim, este princípio da confiança em Deus vem claramente expresso no carisma congregacional e continua sendo um convite sempre atual: “Confiar na Bondade e Providência de Deus, reverenciar toda a criação, viver o Evangelho em nosso tempo, como São Francisco de Assis e Madre Madalena Damen”.²⁵⁸

4.2.1.2 O Menorismo

O princípio do menorismo busca sua inspiração em Jesus que, esvaziando-se de si, mesmo viveu o projeto do Pai fazendo da sua vida uma contínua entrega de si. Ele não só viveu a menoridade como também a ensinou para o seu grupo, “Quem quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos.” (Mc 9, 35).

O discipulado de Jesus é exigente e pede vigilância, pois, também os seguidores de Jesus estavam contaminados pelo fermento dos Fariseus (cf. Mc 8,14

²⁵⁵ CARBALLO, José Rodríguez. **São Francisco e a Vida Religiosa**. Braga: Editorial Franciscana, 2010, p. 21.

²⁵⁶ HOSTER, Lina. **Jardinzinho das Flores de São Francisco**: Irmã Madalena e suas primeiras companheiras. Porto Alegre: Província do Sagrado Coração de Jesus, 2001, p. 36.

²⁵⁷ HOSTER, 2001, p. 36.

²⁵⁸ RUPOLO, 2018, p.24.

-21) e lutavam pelo prestígio social, entre eles também havia competições pelos primeiros lugares (cf. Mc 9,33-34), influenciados pela mentalidade do Império Romano. E Jesus reage indicando-lhes que devem ter uma mentalidade contrária: “Entre vós não deve ser assim [...] e maior aquele que serve” (Mc 10,43).

Neste horizonte, também, as pessoas consagradas serão reconhecidas, não pelas obras e aparências externas, nem pelo poder que exercem e, sim pelo serviço que prestam aos mais pobres como indica o Evangelho. Este é o ponto no qual Jesus insiste com os discípulos e parece ter sido o aspecto que eles mais tiveram dificuldade de assimilar. O discipulado de Jesus é um convite a se constituir em uma reserva profética. Nesse sentido, a criança, que na sociedade da época de Jesus não era considerada, torna-se o protótipo do discipulado que aponta para a valorização do pequeno e do aparentemente insignificante (cf. Mc 9,36 e M10, 13-16).²⁵⁹

Ambrósio contribui ao refletir acerca da maneira da VRC estar no mundo hoje, apontando que a VRC, sob o aspecto da menoridade, não é um estado de perfeição, nem um meio para o exercício da ascese que garante a salvação individual, nem é um diploma de boa conduta, não faz parte da hierarquia, não é fuga do mundo, não ocupa um lugar intermediário entre o clero e os demais leigos cristãos. Para a autora a identidade das pessoas consagradas está ligada intimamente a Jesus Cristo, considerando sua vida e missão conforme esclarecem os Evangelhos. A vida das pessoas consagradas deve ser uma memória viva da encarnação de Deus na história humana, por isso, são chamadas a serem sinais de esperança e presença solitária em meio ao povo sem holofotes. Sua missão não consiste tanto em ensinar e, sim, em testemunhar a presença do amor de Deus nas diferentes realidades do mundo de hoje.²⁶⁰ Nesse sentido, Rasesa entende que a VRC deve despojar-se da imagem que ela tem de si mesma, de seu sentimento de superioridade e fechada dentro dos muros de suas aparentes seguranças, esta deve buscar uma permanente aproximação com os pobres,²⁶¹ pois, tudo o que está

²⁵⁹ MESTERS, 2013, p. 74-75.

²⁶⁰ AMBRÓSIO, 2008.

²⁶¹ RASERA, Therezinha Joana. Palavras de Boas-Vindas, p. 117-124. In: Paixão por Cristo, Paixão pela Humanidade. **Anais do Congresso Internacional da Vida Consagrada**. São Paulo: CRB; Paulinas, 2006, p. 119.

relacionado com Jesus relaciona-se com os pobres enquanto os pobres também conduzem à Jesus.²⁶²

Para a VRC Franciscana, cria relevância observar como os discípulos no Evangelho de Marcos se deixam transparecer frágeis e inconstantes no seu seguimento, vivendo diversas crises, eles não as escondem, pelo contrário as deixa transparecer. Eles não têm a preocupação de manifestarem-se perfeitos pelo fato de terem sido chamados ao seguimento e serem inseridos no projeto missionário de Jesus como indicam algumas passagens (cf. Mc 4,35-41; Mc 8,31-33; Mc 10,35-45). Estar no grupo de Jesus implica na tarefa de deixarem-se formar continuamente dando-se conta do caminho ainda a ser percorrido. Parece ser este, também, um testemunho que a humanidade espera da VRC, hoje, a de serem pessoas a caminho e sempre dispostas às mudanças necessárias.

Quem se percebe “pequeno”, “menor” é capaz de sair da auto referencialidade e desenvolver um olhar positivo em relação ao outro e ao mundo. Quem auto compreende-se “menor” habilita-se para perceber as dores do mundo e tornar-se irmão(ã) de caminhada como presença misericordiosa aprendida de Jesus. O Papa Francisco, sob este ponto de vista, entende que: “Estar com Jesus forma para um olhar contemplativo da história, que sabe ver e escutar em toda a parte a presença do Espírito e, de modo privilegiado, discernir a sua presença para viver o tempo como tempo de Deus.”²⁶³ As Constituições Gerais da Congregação da Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, também apontam nesta direção lembrando que, “Vivemos como irmãs menores, no meio do povo de Deus, por amor ao Reino dos Céus, tornando-nos, desta forma, um sinal de esperança para o mundo em luta.”²⁶⁴

Francisco de Assis inspirado no exemplo de Jesus e no Evangelho insistiu muito para que sua fraternidade assumisse esta característica da menoridade. O contexto no qual emerge a proposta de Francisco, influenciou tal opção, pois, as denominações “maiores” e “menores”, da época significavam uma distinção de classes. Havia a classe dos “maiores”, os burgueses que mantinham o monopólio

²⁶² DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. 4 ed., Brasília, São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulus, 2007, n. 393.

²⁶³ ANO DA VIDA CONSAGRADA, 2014, n. 6.

²⁶⁴ CONSTITUIÇÕES GERAIS. **Das Irmãs da Penitência e Caridade Cristã da Terceira Ordem Regular de São Francisco**. Roma: s/ed., 1984, n. 33.

econômico e político da época e, em oposição à classe dos “menores” que era formado pelo povo simples, normalmente remanescentes dos campos e da escravidão. Era o grupo que na sociedade de então, não ocupava os primeiros lugares e muitas vezes se caracterizava como o sem lugar.²⁶⁵ Francisco de Assis é oriundo desse ambiente de desigualdade social. Certamente, isso lhe ajudou a desenvolver certa sensibilidade para captar o que o antigo ideal monástico não havia percebido.²⁶⁶ Francisco de Assis não queria que seu grupo fosse identificado com a classe dos “maiores”, os irmãos não deveriam exercer qualquer tipo de dominação e nem ocupar funções de comando sobre outros. Estes deveriam abster-se de exercer qualquer domínio sobre alguém.²⁶⁷

Sob o aspecto da menoridade, Francisco de Assis foi muito insistente, “Nenhum irmão seja tratado por “prior”, mas todos indistintamente se chamem “irmãos menores” e “lavem os pés uns dos outros.”²⁶⁸ E dizia para sua fraternidade que, os irmãos deveriam gloriar-se quando estariam encarregados de lavar os pés dos outros tanto quanto se estivessem em ofícios de comando.²⁶⁹

Embora Francisco de Assis tenha se formado a partir de um lugar social bem concreto, ele fundamenta primeiramente seu estilo de vida pela contemplação de Jesus apresentado no Evangelho. Este que assume a condição de “Servo Sofredor” e se entrega por amor à humanidade ferida. Nesse sentido pode-se fazer uma alusão à teologia do Evangelho de Marcos, onde Jesus também assume esta figura do “pequeno” e do “servo”. Francisco de Assis demora-se em contemplar esta imagem de Jesus tão humana.

Hubault afirma que:

Para Francisco a minoridade baseia-se no modo de ele contemplar Cristo a fazer-se servo dos homens. Um Deus ajoelhado diante das suas criaturas para as servir, é um espetáculo que o transtorna e fascina. Esse Amor, desinteressado e humilde, que se põe ao serviço dos outros, constitui a grande revolução do Evangelho: Uma hierarquia invertida em que o mais pequeno é quem deve ser servido e honrado, é o alicerce dum mundo novo, inédito, inaudito.²⁷⁰

²⁶⁵ LECLERC. 1983, p. 62.

²⁶⁶ LECLERC, 1983, p. 57.

²⁶⁷ LECLERC, 1983, p.62.

²⁶⁸ 1 REGRA, *In: Fontes Franciscanas* (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 6,3-4.

²⁶⁹ ADMOESTAÇÕES. *In: Fontes Franciscanas* (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 4,1-2.

²⁷⁰ HUBAULT, Michel. *Caminhos de interioridade com São Francisco de Assis*. Braga: Editorial Franciscana, 2012, p.91.

Francisco de Assis quis que a própria ordem fosse chamada de Ordem dos Frades Menores.²⁷¹ Para a Tradição Franciscana, a característica da menoridade coloca as pessoas consagradas no mundo a partir de uma nova visão, sem pretensão de domínio, de superioridade e manipulação, estas devem fomentar o diálogo e a convivência fraterna.

Para as Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã a questão da menoridade, é colocada como referência para o ser e o agir como fez a fundadora, “Madre Madalena Damen que personificou o carisma franciscano de simplicidade e de serviço, no mundo de seu tempo. A Exemplo de Cristo e de São Francisco, tornou-se “menor”, vivendo em espírito de penitência e de amor [...]”²⁷²

Parece que Francisco de Assis e Madalena Damen compreenderam bem a verdadeira identidade de Jesus Cristo Servo e o quiserem colocar como a imagem a ser contemplada, considerada e assumida pelas pessoas que seguissem o ideal, iniciado por eles, em todos os tempos da história. Diante disso, é urgente pensar em como manter vivo este princípio quando o que normalmente move as pessoas é a força, o *status* e o poder e não podemos deixar de considerar que esta mentalidade também atinge a VRC.

4.2.1.3 A Fraternidade

Jesus estabeleceu com os discípulos um modelo de relação sinodal que favorecia a participação igualitária. Para Pagola, o que caracteriza a relação, no interior do grupo, não é o modelo patriarcal hierárquico. Jesus promove com eles uma nova família que se auto compreende a partir do serviço ao Reino de Deus. Nesta família todos são irmãos e irmãs. Uma comunidade sem dominação masculina, que não se rege pela hierarquia estabelecida pelo varão. Neste movimento não há pai, a não ser o Pai do céu.²⁷³ Mesters ratifica esta ideia ao afirmar que: “A base da comunidade não é o saber, nem o poder nem a hierarquia, mas sim a igualdade de todos os irmãos.”²⁷⁴

²⁷¹ ICELANO, Tomás. *In: Fontes Franciscanas* (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 15,38.

²⁷² CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1984, n. 38.

²⁷³ PAGOLA, 2014, p. 271.

²⁷⁴ MESTERS, 2013, p. 82.

O critério central para o discipulado se insere na disposição para fazer a vontade de Deus:

Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Havia uma multidão sentada em torno dele. Disseram-lhe: “Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram”. Ele perguntou: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: “Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe. (Mc 3,31-35)

Jesus senta-se com um grupo de homens e mulheres, sem superioridade de uns sobre outros, ninguém eleva sua autoridade sobre os demais. A única preocupação é buscar, juntos, a vontade de Deus. Neste momento, Ele indica que a verdadeira irmandade se dá no engajamento comprometido na realização do Reino. As relações de parentesco são superadas pela relação no horizonte da família dos filhos de Deus.²⁷⁵

A vontade de Deus é único critério estabelecido para o pertencimento a esta família. Por isso este grupo não pode estar fechado em si mesmo. Nele encontram lugar e espaço pessoas de diferentes procedências. É esta família que Jesus quer ver crescer no mundo.²⁷⁶ Entre eles reina a igualdade. Não se juntam para fazer parcerias econômicas, nem para defender seu status social e sim para se fortalecerem e se formarem em vista do Reino. São estes os traços que Jesus mais cuida entre seus seguidores e seguidoras.²⁷⁷

Neste grupo fraterno o Mestre é Jesus e não há mestres da Lei que ensinam ignorantes. Todos devem estar abertos para a experiência do Reino de Deus.²⁷⁸ A grandeza não se mede pela autoridade que possa ser imposta sobre alguém, mas pelo serviço que oferece aos outros. É deste modo que Jesus imagina sua nova família de seguidores: um grupo de irmãos e irmãs em comunhão, empenhados em acolher e fazer crescer o Projeto de Deus. Ele não está preocupado em formar doutores brilhantes ou bons administradores, mas quer preparar discípulos que anunciam a salvação e que transformam o mundo a partir do amor.²⁷⁹ No Reino que Jesus veio anunciar é impossível reproduzir as relações patriarcais. Todos são

²⁷⁵ PAGOLA, 2014, p. 271.

²⁷⁶ PAGOLA, 2014, p. 346.

²⁷⁷ PAGOLA, 2014, p. 347.

²⁷⁸ PAGOLA, 2014, p. 347.

²⁷⁹ PAGOLA, 2014, p. 349.

convidados a sentar-se em círculo e a renunciar ao poder e ao domínio. O convite é para assumir um amor gratuito em defesa dos mais fracos.²⁸⁰

A convivência entre os discípulos ainda se constitui a partir da diversidade. Certamente este tem sido um desafio diário na convivência do grupo. Entre eles está Simão, o Cananeu, zeloso no cumprimento da Torá, Levi o Cobrador de impostos, Tiago e João, a quem Jesus chamava de Boanerges, ou seja, filhos do trovão. É, portanto, difícil imaginar o que deve ter significado para Simão compreender a insistência de Jesus para acolher as prostitutas, pecadores e publicanos.²⁸¹ A partir da composição desse grupo pode-se deduzir que a comunidade do discipulado não é isenta de conflitos. Todavia, o que rege a relação é o princípio do amor fraterno sustentado pela busca sincera que mobilizou a comunidade.²⁸²

Para Jesus certamente não é fácil conhecer as interrogações mais profundas, as expectativas e esperanças que acompanha o coração de cada um de seus discípulos. Nem mesmo as razões pelas quais estão aderindo ao chamado de Jesus e o seguem pelos caminhos da Galileia. Eles também nem sempre conseguem captar bem a mensagem de Jesus, sendo assim, em alguns momentos Jesus também questiona os discípulos porque são lentos para entender. (cf. Mc 4,13 e cf. Mc 8,14-21).²⁸³

Jesus ainda chamou os discípulos para um lugar a parte e fortaleceu-os na convivência (cf. Mc 6,30). O encontro fraterno parece ser um aspecto relevante para o conhecimento, a acolhida das diferenças e o crescimento no bem-querer. Aqui pode estar um indicativo para os tempos atuais, no sentido de criar espaços para o lazer e o simples encontro fraterno, tantas vezes substituído pelo atarefamento. Cabe nesse sentido uma reflexão sobre o uso do tempo e, as prioridades estabelecidas pelos membros que compõem as comunidades fraternas no contexto do IFRAPEC. A opção pela convivência amiga que favorece o conhecimento e o reconhecimento mútuo parece ser um caminho de fidelidade ao discipulado evangélico. O pensamento do Papa Francisco se insere bem neste contexto quando entende que, “[...] somos convidados a humanizar as relações de fraternidade para

²⁸⁰ PAGOLA, 2014, p. 272.

²⁸¹ PAGOLA, 2014, p. 331.

²⁸² PAGOLA, 2014, p. 272.

²⁸³ MESTERS, 2013, p. 80-81.

favorecer a comunhão dos espíritos e dos corações no modo do Evangelho porque existe uma comunhão de vida entre todos aqueles que pertencem a Cristo.”²⁸⁴

Nesse sentido, a diversidade presente no interior das comunidades de VRC não representa sinônimo de conflito, pois o ideal evangélico desta forma de vida orienta para a vivência do amor e quando este rege uma convivência, a diversidade se torna dom e não impasse. É por este viés que passa, também, a fidelidade ao discipulado evangélico. A comunidade, assim, torna-se o lugar teológico por excelência, por onde passa a alegria do Evangelho.²⁸⁵

Na percepção de Paredes, não são os planos ou programas bem estruturados que dão garantia a fraternização e sim as interações que são estabelecidas. Quando a diversidade carismática for bem acolhida e a comunhão de vida assumida por todos, aí é possível falar em comunidade de convívio fraterno como espelho da autêntica comunidade cristã.²⁸⁶ Parece que nisto consiste a organização de estruturas mais leves, sendo que a comunidade se constitui a partir de relações mútuas, da criação de sinergias, num contínuo processo de vir a ser.²⁸⁷

O que cria relevância na fraternidade franciscana é o fato dela nascer do encontro entre o Evangelho e a história.²⁸⁸ Portanto, não é um movimento evangélico de fraternidade atemporal. Ela se insere numa revolução histórica sofrendo influência da mesma.²⁸⁹ Francisco de Assis, poderia simplesmente ter absorvido para sua vida os valores existentes em sua época, porém, sua opção foi a de criar uma proposta alternativa inspirada no modelo do Evangelho. Uma pergunta talvez pertinente seria: como o atual momento da história, pode ser inspirador para construir um novo estilo da VRC no horizonte evangélico? Leclerc, referindo-se a Francisco de Assis, contribui afirmando que:

A fraternidade que criaria hoje certamente não seria a mesma suscitada no século XIII. Mas teria os mesmos traços essenciais: comunhão de vida com os mais humildes, recusa do domínio exercido pelo dinheiro, busca de uma comunidade humana verdadeiramente fraterna, sentido e gosto pela pessoa

²⁸⁴ ANO DA VIDA CONSAGRADA, 2014, n. 9.

²⁸⁵ ALEGRAI-VOS, 2014, n. 9.

²⁸⁶ PAREDES, 2019, p. 15.

²⁸⁷ PAREDES, 2019, p. 20-21.

²⁸⁸ LECLERC, 1983, p. 127.

²⁸⁹ LECLERC, 1983, p. 123.

concreta e singular, acolhimento e respeito da natureza, tudo isso vivido numa compreensão viva e tocante da humanidade de Deus.²⁹⁰

Esta é uma releitura do ideal franciscano que poderia tornar-se um estilo de vida verdadeiramente atraente, pleno de sentido para os tempos atuais, que certamente se tornaria um sinal visível da presença de Deus no mundo e que levaria a VRC Franciscana a ocupar o seu espaço evangelizador na atualidade, o de ser um oásis de humanidade e de experiência de Deus em meio a uma sociedade cheia de conflitos.

4.2.1.4 A Reverência à pessoa humana e toda a criação

Em Jesus a atitude reverente pode ser contemplada em toda a sua vida e missão pelo fato de revelar-se profundamente comovido, especialmente com os mais indefesos de seu tempo. Para Ele, cada pessoa devia estar inserida no contexto social e com sua dignidade de filho de Deus preservada como indicam entre outros episódios, a cura do homem de mão atrofiada que é convidado para levantar-se e vir para o meio (Mc 3,1-6) e, a cura do cego que está à beira do caminho que volta a ser recolocado no caminho para enxergar (cf. Mc 10,46-52). Estes são apenas exemplos daquilo que era uma atitude constante na personalidade de Jesus.

Na visão de Hubault, Francisco de Assis fez da vida fraterna reverente a ação missionária prioritária, entendida como a forma principal de apostolado dos irmãos, o fato de conviverem respeitosamente como irmãos e de pregarem o Evangelho com a vida.²⁹¹

O princípio da reverência é uma herança franciscana, do qual Madalena Damen e sua Congregação se apropriaram no decorrer do tempo. Assim cada Irmã é convidada a cultivá-lo mediante a oração confiante, o cultivo da fé e a consagração. Trata-se de um modo de estar no mundo reconhecendo a dignidade da pessoa e de toda a criação que se expressa no serviço aos irmãos.²⁹²

²⁹⁰ LECLERC, 1983, p. 128.

²⁹¹ HUBAULT, 2012, p. 70.

²⁹² ESTATUTOS PROVINCIAIS. **Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã**: Província do Imaculado Coração de Maria. Santa Maria, 2012, n. 12.

A recente Encíclica “*Laudato Si*”, do Papa Francisco, também reconhece que o reflexo de Deus Criador está em tudo o que existe, convidando o coração humano a se colocar junto, e não como superior, com todas as criaturas numa relação de irmandade, mencionando o Cântico das Criaturas de Francisco de Assis.²⁹³ Para o Papa Francisco isso implica numa tomada de consciência amorosa de que as pessoas não estão separadas das demais criaturas e, conclama a todos para que também hoje se busque criar esta comunhão universal, afirmando que “[...] o crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres.”²⁹⁴ Isso no nosso entender poderia ser compreendido, hoje como compromisso com a construção do Reino de Deus.

À Carta da Congregação dos Religiosos, Perscrutai aprofunda este jeito de “estar com”, quando destaca a missão própria da VRC referindo-se:

A experiência dos pobres, o diálogo inter-religioso e intercultural, a complementariedade homem-mulher, a ecologia num mundo doente, a eugénica sem freios, a economia globalizada, a comunicação planetária e a linguagem simbólica são os novos horizontes hermenêuticos que não se podem simplesmente enumerar, mas são habitados e fermentados sob a guia do Espírito que geme em tudo (cf. Rm8,22-27).²⁹⁵

Uma atualização deste viver reverente e o espaço missionário próprio da VRC, parece ainda passar pelo cuidado da casa comum. O que o Papa Francisco denomina de espiritualidade ecológica. Na Encíclica “*Laudato Si*” menciona o urgente empenho dos cristãos no sentido de uma renovação a partir do Evangelho. Ser discípulo(a) do Evangelho, hoje, também tem consequências no “[...] modo de pensar, sentir e viver. Não se trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo.”²⁹⁶ Nesse sentido, entende o Papa que assumir a vocação de guardião(a) da criação não é uma opção da experiência cristã, e sim tarefa conferida pelo próprio Criador.²⁹⁷ E, portanto, implica uma missão.

²⁹³ PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica “*Laudato Si*” Louvado Sejas**: Sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015, n. 87.

²⁹⁴ PAPA FRANCISCO, 2015, n. 220.

²⁹⁵ ANO DA VIDA CONSAGRADA. Perscrutai: Carta circular aos Consagrados e Consagradas a Caminho nos Sinais de Deus. São Paulo: Paulinas, 2014, n. 15.

²⁹⁶ PAPA FRANCISCO, 2015, n. 216.

²⁹⁷ PAPA FRANCISCO, 2015, n. 217.

4.2 O DISCIPULADO DE JESUS E O PROCESSO FORMATIVO DA IRMÃS DO IFRAPEC

4.2.1 A Formação para a missão do IFRAPEC

A formação na VRC consiste num educar-se de modo permanente até atingir a “forma” de Jesus Cristo. O termo educar origina-se do latim e indica conduzir para fora, vir à luz. No horizonte da VRC é o processo interno do coração para que a vida resplandeça o jeito de Jesus Cristo.²⁹⁸

O Plano a Médio Prazo 2018 - 2021 do IFRAPEC traz, nesse sentido, presente a preocupação com o processo formativo de seus membros como salientam três objetivos estratégicos em andamento que buscam fazer frente a este desafio:

- a) Aprofundar a espiritualidade franciscana para um renovado compromisso evangélico-missionário;
- b) Desenvolver uma cultura de sustentabilidade integral da vida e missão da Província;
- c) Desenvolver a formação para a sustentabilidade do carisma e da missão.²⁹⁹

O que atesta uma consciência coletiva da importância do papel da formação no interior do Instituto. O desafio que se apresenta é desenvolver estes objetivos de forma prática, concisa e participativa que leve a superação das resistências em vista de uma transformação do seu conjunto organizacional e missionário. Por isso, a seguir, dedica-se espaço para aprofundar alguns aspectos a partir do que propõe a comunidade marcana.

4.2.1.1 Fragilidades e a superação

Partindo do modelo formativo de Jesus com os discípulos no Evangelho de Marcos, o que se tem por certo é que, trata-se de um caminho feito de altos e baixos, de luzes e sombras, de um processo em que é preciso necessariamente passar para a outra margem enfrentando os riscos que o caminho comporta. No dizer de Nodari, “Nos primeiros capítulos de Marcos, os discípulos experimentam sobretudo, dois tipos de tentações: a resistência de quem não entende, porque resiste a “sintonizar-se” com o anúncio de Jesus, e a resistência de quem entende,

²⁹⁸ FASSINI, 1996, p. 146.

²⁹⁹ RUPOLO, 2018, p. 37-38.

mas não põe em prática o Evangelho.”³⁰⁰ A partir deste entendimento, apresentado por Nodari, pode-se concluir que não basta compreender a proposta de Jesus é preciso colocá-la em prática. Esta foi uma das dificuldades enfrentadas pelos discípulos, para eles não foi fácil manter uma vida coerente com o seguimento ao qual haviam se proposto.

Na condução pedagógica da comunidade de seguidores de Jesus evidencia-se o enfrentamento de diversos limites. Marcos não esconde a fragilidade dos mesmos, pelo contrário informa que eles são duros de coração (cf. Mc 6,25), espiritualmente fracos (cf. Mc 14,32-42) e até tapados (cf. Mc 8,14-21). Jesus, não facilita o caminho no sentido de impedir o surgimento de dúvidas, desânimos e medos. Pelo contrário lhes permite toda espécie de sentimento. Como membros da contingência humana são sujeitos ao limite e, Jesus respeita pacientemente o processo individual de cada um, até mesmo a escolha em permanecer ou não com Ele. Jesus esclarece que a fé comporta segui-lo por caminhos áridos.³⁰¹ O estar com Ele, lhes, permite um aprendizado permanente. Eles não estão prontos. Precisam recomeçar sempre e aprender com as crises e as situações adversas.

Contudo, constata-se que os discípulos, em meio às crises do caminho, não estagnam. Em última instância são movidos por algo mais profundo. O que os mantêm no caminho não são apenas curiosidades passageiras. Estes dão sua adesão total, generosa e concreta mais tarde. Não é apenas um sentimento que os move.³⁰² Eles são chamados, não somente, a compreenderem a dimensão do Reino, mas a comprometer-se com o destino de Jesus. É a partir desta entrega que o projeto messiânico lhes é revelado em profundidade.³⁰³

4.2.1.2 Formar para uma nova mentalidade

No horizonte do Evangelho de Marcos parece ser oportuno pensar no papel da formação em vista do desenvolvimento de uma nova mentalidade institucional esta que nasce pela contemplação da verdadeira identidade de Jesus que abraçou, um estilo de vida que foi na contramão da história.

³⁰⁰ NODARI, 2009, p. 77.

³⁰¹ CUNHA, s/d.

³⁰² PAGOLA, 2014, p. 527-528.

³⁰³ NODARI, 2009, p. 44.

Remetendo ao contexto do episódio narrado no Evangelho de Marcos 6,45-52, Perego entende que a travessia sobre a qual fala o texto, não trata apenas de uma travessia física ou geográfica, e sim de uma travessia interior necessária para se chegar a outra margem. A transformação do coração é algo ariscado, pois desestabiliza a pessoa, pede um novo jeito de pensar o que, nem sempre é confortável para quem está no processo. Primeiramente, uma mudança no modo de compreender a figura do Mestre Jesus Cristo, dando-se conta de que pela história de vida podem ter sido criadas imagens falsas de Jesus que precisam ser trabalhadas.

A vida de Francisco de Assis, sob este, aspecto é referência no modo como estabeleceu para si e seu grupo uma imagem de Jesus. Ele foi capaz de caminhar em sentido oposto ao do mundo. Realizou sua experiência de Deus a partir da periferia: fora da cidade, no entorno de Assis, no contato com os doentes e marginalizados. Foi nestes lugares que ele encontrou a humanidade de Deus. O verdadeiro e autêntico rosto de Deus que se fez humano em Jesus de Nazaré,³⁰⁴ como atesta o Evangelho de Marcos. É neste horizonte que se insere o seguimento Franciscano. Seguir o exemplo de Jesus Cristo que se entregou à humanidade ferida. Esta parece ser a imagem de Jesus a ser trabalhada no processo formativo do IFRAPEC a fim de garantir a fidelidade ao Carisma.

Para Cencini, mentalidade e cultura são sinônimos, e afirma que uma nova cultura não é adquirida somente mediante o intelecto e sim “[...] com envolvimento pessoal para construir algo que se crê e do qual se tem convicção, e que se torna sempre mais patrimônio de todos.”³⁰⁵ E, sob este horizonte, entende que a missão formativa consiste em criar a necessária sensibilidade para assumir novos pensares e novas práticas, que parecem ser centrais para a renovação evangélica da VRC.³⁰⁶

Uma atualização do projeto missionário de Jesus descrito em Marcos que se dá no caminho, menos focado em questões burocráticas, não significa no nosso entendimento investir no improvisado. Jesus revela ter meta, conteúdos e pedagogia muito clara dentro de uma estrutura leve, dinâmica e criativa. Por outro lado, entende-se que Jesus não se contenta em ensinar teorias. Ele quer ensinar atitudes

³⁰⁴ CARBALLO, 2010, p. 42.

³⁰⁵ CENCINI, 2012, p. 20.

³⁰⁶ CENCINI, 2012, p. 21

que tornam seus discípulos comprometidos. Nesse sentido, Jesus é um formador seguro e focado que aposta nas pessoas e, de forma personalizada. É a elas que Ele dedica seu tempo e não à organização de estruturas para atingir suas metas missionárias. Para Ele qualquer lugar é espaço missionário.

Um projeto formativo que tem em mente a pessoa em sua dinâmica de crescimento estará atento aos diversos momentos formativos. Sob este entendimento, Zavalloni destaca que alguns períodos podem ser mais profícuos para uma intervenção formativa, citando os primeiros anos após a profissão perpétua quando a pessoa consagrada jovem busca situar-se em âmbito de comunidade e de missão. Em tempos de crise vocacional sendo suporte fraterno para que esta seja superada, em situações de transferências que por vezes vem com dificuldade de sempre novas adaptações.³⁰⁷

4.2.1.3 Os espaços, métodos e o processo formativo

O processo formativo na VRC parte do princípio de que qualquer pessoa é por natureza um ser inacabado e por sua vez sempre em crescimento. Sob este aspecto a convivência com outras pessoas é facilitadora desse contínuo caminhar para a maturidade.³⁰⁸ Sendo assim, a VRC é, por excelência, um espaço de crescimento pela possibilidade de conviver e interagir continuamente com outras pessoas consagradas chamadas a viverem em espírito de comunhão fraterna.

Observando o discipulado apresentado em Marcos, pode-se perceber o caminho gradativo que Jesus realiza com os seus até formar uma nova mentalidade. Um itinerário longo, pedagógico, feito em etapas pela via do serviço, e da aceitação da cruz.³⁰⁹ Isso é altamente iluminador para o contexto do IFRAPEC, pois, também o momento atual suscita um caminho processual de adesão vocacional para a VRC, esta constatação parece ficar evidente a partir do que destacam as Constituições Gerais da Congregação, ao afirmar que:

À medida que avançamos no caminho escolhido, vemos com mais clareza a plenitude de vida que nos é possível no amor, na alegria e no sofrimento. Quer sejamos novas ou experientes na forma de vida franciscana,

³⁰⁷ ZAVALLONI, 1999, p. 300.

³⁰⁸ HUBAULT, 2012, p. 68-69.

³⁰⁹ FERNANDES, 2012, p.35.

caminhamos unidas. Em Cristo partilhamos nosso interesse mútuo, ajudando-nos uma à outra para chegar à maturidade cristã [...].³¹⁰

Para Fassini, o núcleo da ação formadora, em cada uma de suas etapas, tanto inicial como permanente, consiste em “[...] um auscultar e um acolher, sempre novo e sempre de novo o chamado de Deus.”³¹¹ Nesta direção, entende-se que a formação permanente não é nada mais do que continuar o cultivo dos alicerces adquiridos na formação inicial. A formação permanente, contudo, retoma aquilo que já foi iniciado na formação inicial. Por isso é importante que a formação inicial seja concisa, abrangente e completa. Nela devem constar todos os elementos teológicos da VRC, da identidade expressa na Regra e Vida e nas Constituições Gerais.³¹² Trata-se de um percurso interior realizado pelo confronto pessoal e comunitário com Jesus Cristo, seu Evangelho e as fontes congregacionais.

O documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: “Partir de Cristo”, destaca a importância de cada pessoa consagrada tornar-se um eterno aprendiz, de modo que, vai assimilando no decorrer da história em cada época, em cada idade e ambiente, contexto humano e cultural, deixando-se formar pela vida cotidiana a partir de sua comunidade e missão, pelas coisas e circunstâncias, pela oração e fadiga apostólica, pelas alegrias e sofrimentos.³¹³

Como indica o discipulado de Jesus no processo formativo, não há formatura. É algo dinâmico que perdura toda a existência. É um processo que nunca chega ao estado de perfeição. Trata-se de um caminho ao qual, todos são chamados.³¹⁴ Nesta direção, Fernández afirma que:

O seguimento de Jesus não tem limite de tempo, não é o início de uma carreira, mas uma entrega total e permanente. Exige uma resposta pessoal dada no tempo, todavia conserva a dimensão da eternidade de Deus, para o qual o passado, o presente e o futuro são um só e único momento.³¹⁵

³¹⁰ CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1984, n. 30.

³¹¹ FASSINI, 1996, p. 146.

³¹² FASSINI, 1996, p. 146.

³¹³ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Partir de Cristo**: Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milênio, São Paulo, Paulinas, 2002, n. 15.

³¹⁴ MYERS, 1992, p. 173.

³¹⁵ FERNÁNDEZ, B. **Seguir a Jesús, el Cristo**. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1998, p. 135.

Também Francisco de Assis convida seu grupo a estarem sempre num recomeço, quando instiga seus irmãos: “Vamos começar a servir a Deus, meus irmãos, porque até agora fizemos pouco ou nada”.³¹⁶

Zavalloni, afirma que a formação inicial e a permanente são inseparáveis, até mesmo a permanente pode ser compreendida como anterior à inicial, pois toda a VRC está sob o signo da formação que se estende até o fim da vida. Por isso, é fundamental a elaboração de um bom plano de formação em nível provincial que dê conta desse acompanhamento, partindo da realidade provincial, estabelecendo, os objetivos, metas, formas e responsáveis.³¹⁷

Jesus mesmo cuidou da formação de seus discípulos e colocou este aspecto como prioritário em toda sua atividade missionária. A preocupação de Jesus parece ser central no sentido de formar os discípulos para o exercício da liderança no interior da comunidade cristã, por isso dedica tempo e espaço para esta finalidade. Nesse sentido, cria importância o ensino dado em particular como mostra seu encontro com eles depois da seção de parábolas contadas por Jesus (cf. Mc 4,33-34). Em seguida, Jesus os convida a passarem para a outra margem (cf. Mc 4,35). Mais adiante ensina a expulsar demônios (cf. Mc 9,28-29), e retoma com eles a discussão acerca do divórcio que realizara com os Fariseus (cf. 10,10).

Também as Constituições Gerais da Congregação das Irmãs Franciscanas destacam o papel institucional na tarefa formativa além da responsabilidade individual de cada membro pelo seu crescimento, contando com a graça do Espírito Santo.³¹⁸ Estas ainda apontam para uma colaboração mútua a partir dos diferentes estágios do processo formativo. Entendendo que mesmo depois de anos de profissão religiosa, existe a necessidade dessa troca e complementariedade para aprofundar o relacionamento com Jesus Cristo, salientando a importância do contato com as realidades do mundo em qualquer fase da vida. E assim como Jesus assumiu as dores do mundo, também a Irmã Franciscana da Penitência e Caridade Cristã é chamada a fazê-lo.³¹⁹

³¹⁶ ICELANO, 1991, n. 6, 103.

³¹⁷ ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia Franciscana: Desenvolvimentos e Perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 297-299.

³¹⁸ CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1984, n. 30.

³¹⁹ CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1984, n. 31.

Na visão de Gnilka, diferentemente da escola rabínica, o processo formativo que Jesus realiza com seus discípulos é um processo sempre aberto, não preso a lugares, tempo, “conteúdos e métodos”. Com Ele, a centralidade do seguimento migra da Lei para o amor que se concretiza em Jesus, ou seja, a fé em Jesus como enviado do Pai. Portanto, Jesus é o Filho de Deus. Nesse sentido, toda a relação recíproca entre Jesus e os discípulos se dá no horizonte da fé. A autoridade de Jesus não emana do intelecto e sim do Pai que o enviou. Os discípulos não se colocam a serviço de Jesus como era costume na escola rabínica, em que o discípulo se colocava a serviço do mestre, e sim do Reino de Deus. Toda a comunidade de Jesus está reunida em função do Reino de Deus e, Jesus está entre eles como um servidor.³²⁰ O relacionamento entre Jesus e os discípulos não consiste em ensinar e aprender uma doutrina como faziam os rabinos. O estar com Jesus implica comunhão de vida que se traduz em obediência à sua Palavra em profunda comunhão com Jesus.³²¹

Os discípulos de Jesus não são retidos de forma confortável no aconchego afetivo do Mestre. Eles são corrigidos durante a atividade missionária, como se estivessem numa espécie de treinamento. Isso se torna evidente diante do embarço dos discípulos, quando quiseram afastar de Jesus as crianças e Ele indignado repreendendo-os: “Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará no Reino.” (Mc 10,13-15).³²² Trata-se de um estilo original, onde o conteúdo central a ser compreendido, assimilado e assumido é a mensagem do Reino.

Eles aprendem com o Mestre participando de forma colaborativa em toda a atividade missionária de Jesus, alegrando-se com as conquistas, elaborando suas frustrações, aprendendo a ter compaixão partilhando de sua intimidade. Com Ele aprendem a entrar em comunhão com o Pai e a discernir a sua vontade. Na convivência com Ele assimilam a pedagogia misericordiosa de Jesus e criam a necessária resiliência diante dos confrontos com as autoridades para se manterem firmes em meio à perseguição.

³²⁰ GNILKA, J. **Jesus de Nazaré**: mensagem e história. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 155-180.

³²¹ GNILKA, 2000, p. 158.

³²² MESTERS, 2013, p. 80-81.

A formação Franciscana implica, portanto, contato com o Evangelho. Este é o conteúdo por excelência a ser trabalhado. Nesse sentido também o método formativo deve ser aprendido a partir da pedagogia de Jesus. Nele está a maior evidência acerca do método seguro por onde se forma o seguidor de Jesus Cristo.³²³ A proposta de Jesus não consiste “[...] em uma série de conteúdos doutrinários, mas em um seguimento feito de partilha de vida com o Mestre e entre os irmãos de discipulado.”³²⁴ Na essência do chamado não está um estado de vida, mas um convite para trilhar um caminho.³²⁵ Que significa um caminhar junto “com”, e não isoladamente.

O Papa Francisco convida as pessoas consagradas a se moverem e agirem de acordo com o Evangelho sem se perderem em questões que sejam secundárias.³²⁶ Zavalloni, reforça esta ideia argumentando que no processo formativo devem ser inculcadas as atitudes evangélicas, e que esta é, sobretudo, a iniciação a ser dada no período da formação inicial e sedimentada na Formação Permanente.³²⁷

Na percepção de Mesters, os fariseus viviam separados do povo considerado impuro. Jesus e seu grupo, pelo contrário, viviam misturados com os que chamados de impuros, como indica Mc 2,16; 1,41. A opção de Jesus pelos mais pobres e desprezados socialmente, está nitidamente expressa no Evangelho de Marcos: “E Jesus, olhando para ele, o amou e lhe disse: falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu e vem, toma a cruz, e segue-me.”(Mc 10,21). E a opção de vida de Jesus se torna referência para a opção de vida dos discípulos.³²⁸

Também para os primeiros Franciscanos os processos de transformação e conversão se dão a partir do contato com os leprosários. Este foi o contexto de saúde pública mais alarmante da época. É neste lugar social que Francisco de

³²³ FASSINI, 1996, p. 148-150.

³²⁴ PEREGO, Giacomo. **Novo Testamento e Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 2010, p.78.

³²⁵ PEREGO, 2010, p. 79.

³²⁶ ANO DA VIDA CONSAGRADA, 2014, n. 12.

³²⁷ ZAVALLONI, 1999, p. 180.

³²⁸ MESTERS, 2013, p. 72.

Assis, ele mesmo se insere e é aí que ele quer encontrar os irmãos. É neste espaço que eles se formam e se conformam com Jesus e sua missão.³²⁹

A formação pede, portanto, uma disposição para avançar sempre em direção a novos horizontes missionários, na capacidade de adentrar para espaços nunca anteriormente imaginados.³³⁰ Neste horizonte pode-se entender que para a pessoa consagrada é de fundamental importância a inserção nas diferentes realidades sociais desde as primeiras etapas formativas. Lá onde há alguma necessidade humana, no mundo do trabalho e nos ambientes pastorais. Parte-se do princípio de que a formação se dá no contato com as pessoas, no confronto com o novo e o diferente, pois, é certo que os homens e as mulheres de hoje, também necessitam e buscam palavras e presença de consolo e de alegria. A VRC é chamada a levar o abraço de Deus para o mundo, como testemunho de humanidade plena.³³¹

Sendo assim, é relevante que a formação aconteça a partir de um contexto real e não somente imaginário. Parece que isso foi determinante na pedagogia de Jesus em todo o processo. Ele não classifica o itinerário dos discípulos em etapas formativas, mas, insere todos os membros da comunidade na mesma proposta formativa. Todos são chamados a realizar o processo em qualquer lugar e em qualquer estágio da vida. Nesse sentido os espaços de missão são muito didáticos. A formação que Jesus oportuniza não é formação de sala de aula. Esta se dá de modo aberto, inserido nas realidades do mundo.

Pode-se afirmar que Jesus foi muito pedagógico em sua estratégia formativa. Ele possibilitou aos discípulos convívio, acompanhamento e experiência prática da missão. Proporcionou-lhes experiências diversificadas para que pudessem criar convicção e firmeza interior que este caminho não seria em vão, deu-lhes espaço, para que expressassem suas inseguranças, permitiu-lhes a vivência e a elaboração das crises em situações diversas e adversas conduzindo-os com paciência em meio aos medos e resistências até, atingir a maturidade da fé. Foi assim que Jesus os impulsionou a darem continuidade ao projeto do Reino e para,

³²⁹ ESPELHO DA PERFEIÇÃO. In: **Fontes Franciscanas** (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 44.

³³⁰ PEREGO, 2010, p. 109-110.

³³¹ ANO DA VIDA CONSAGRADA, 2014, n. 8.

mais tarde, assumirem a missão no caminho da cruz a exemplo de Jesus. Este caminho formativo inaugurado por Jesus é inspiração para o discipulado atual.

4.2.2 A circularidade das relações entre Jesus e os discípulos como prática iluminadora do processo de gestão sistêmica³³²

Não é possível pensar o projeto missionário de Jesus sem associá-lo a ideia de um projeto comunitário comum. Esta foi a razão pela qual chamou os discípulos para estarem em sua companhia e os inseriu efetivamente na missão.

Entende-se assim que isso também é significativo para o contexto do IFRAPEC, pensar na missão comum, por isso, merece um destaque especial nesta pesquisa. Sob este aspecto vamos incorporar no diálogo alguns princípios voltados para a teoria da gestão sistêmica integrativa, atualmente adotada pelo IFRAPEC, que defende a importância de um trabalho cooperativo em vista da realização da missão institucional. Aqui pode ser relevante compreender a missão de Jesus na relação com os discípulos como uma missão integrada e integradora e, por isso, pode ser tratada como modelo de referência para a missão hoje.³³³

A gestão sistêmica parte do princípio de que dentro de uma Instituição tudo está interligado. As partes se integram no todo e o todo está nas partes e as duas dimensões se interligam numa unidade complexa. Um estilo de gestão onde a unidade e a diversidade se harmonizam em vista da missão comum. Isso requer que o todo conheça as partes e que as partes conheçam o todo.³³⁴

Merino, referindo-se a Francisco de Assis, afirmou que: “Ele observava muito a todos em geral e cada um, em particular, e em todos e em cada um via a dimensão do verdadeiro franciscano, do qual jamais quis colocar-se como modelo

³³² Na linguagem empresarial entende-se que a Gestão Sistêmica parte do princípio de que cada empresa é um sistema conectado por diversas estruturas conectadas entre si, cada estrutura forma um todo com relação a outras partes, enquanto, ao mesmo tempo, a estrutura é parte de um todo de modo que o todo está nas partes e as partes no todo. Neste estilo de gestão supõe-se conhecimento do todo e das partes, o que implica interação, trabalho em rede e participação consciente de todos os envolvidos no processo. (CAPRAF, Ritjof; LUISI, Pier Luigi. **A Visão Sistêmica da Vida**: Uma concepção unificada e suas implicações sociais e econômicas. Editora Cultrix: São Paulo, 2014. (p.95-116)

³³³ Nossa intenção aqui não é realizar uma análise da Gestão sistêmica em si, mas indicar que é possível encontrar elementos desta teoria de gestão que sintonizam com a proposta do discipulado de Jesus de viver em comunidade em vista de uma missão comum. O que pede comprometimento de todos com relações participativas.

³³⁴ RUPOLO, 2018, p. 18.

ou espelho.”³³⁵ Esta afirmação pode ser considerada uma síntese daquilo que é fundamental para a Tradição Franciscana, o crescimento e o desenvolvimento humano se dão na relação entre sujeitos, confirmando a importância da construção conjunta e da co-responsabilidade com o todo da missão.

Entende-se que este processo deva ser conduzido de modo que todos compreendam e se comprometam com o desenvolvimento dessa cultura mais abrangente. Scholtes destaca, sob este aspecto, a missão da liderança que tem a função de fazer as pessoas compreenderem o contexto mais amplo da “Organização” considerando as pessoas como seres pensantes capazes de refletir acerca do próprio trabalho, assumindo sua missão particular a partir do contexto geral, de modo que contribuía no desenvolvimento do pensamento sistêmico.³³⁶

Chiavenato argumenta que o desenvolvimento organizacional tem o objetivo de modificar o ambiente interno de uma “Organização”.³³⁷ É tarefa, pois, do líder discutir com seus liderados a missão do Instituto, a fim de que todos a compreendam e a assumam de forma comprometida.³³⁸ Este parece ter sido o objetivo de todo o empenho de Jesus no sentido de comprometer os discípulos com um novo modo de pensar e parece ser esta a tarefa da formação dentro de um Instituto no sentido de ajudar a pensar numa mudança cultural que leve a considerar o Reino como meta formativa.

Na visão de Scwertz, cria importância a superação da distância existente entre superior-súdito. A visão maior dentro do horizonte da gestão sistêmica, faz evoluir da relação de “dependência – independência” para a lógica da reciprocidade, buscando caminhos de “interdependência, de co-responsabilidade”, de colegialidade e subsidiariedade, fomentando a ação responsável de acordo com os dons e as capacidades diversas em vista do projeto evangélico. Esta forma de compreender a dinâmica fraterna faz amadurecer, provoca participação e evita o “individualismo”, o “infantilismo” e o “sentimento de inutilidade”.³³⁹

³³⁵ MERINO, 1999, p. 174.

³³⁶ SCHOLTES, Peter. **O Manual do Líder**: Um Guia para Inspirar sua Equipe e Gerenciar o Fluxo de Trabalho no dia-a-dia. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999, p. 421.

³³⁷ CHIAVENATO, Idalberto. Gerenciando com as pessoas: transformando o executivo em excelente gestor de pessoas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p.169.

³³⁸ CHIAVENATO, 2005, p.202.

³³⁹ SCWERTZ, Nestor Inácio. As relações de poder na vida religiosa. In: **Reverendo caminhos** – vislumbrando horizontes. Brochura n. 6 CRB RS. Porto Alegre: Padre Reus, p. 31-33, 2005, p. 32.

Merino aponta que os membros de um grupo fraterno devem investir na confiança mútua, onde há espaço para que as pessoas exponham seus ideais, projetos, sonhos, conquistas e dificuldades numa relação amorosa.³⁴⁰

Sob este prisma, Francisco de Assis muito cedo nas origens da ordem lutou para criar espaços e instâncias de máxima participação dos confrades nas decisões que atingiriam o todo do projeto missionário iniciado por ele. Desde o começo da Ordem ele ordenou que duas vezes ao ano se realizasse um capítulo onde houvesse a maior participação possível dos frades, de preferência todos, nas tomadas de decisão.³⁴¹ Estes consistiam no reencontro, oração, tomada de consciência comum, solidariedade entre os membros, co-responsabilidade pela missão, expressão da participação de todos na fraternidade. Nestes encontros os frades partilhavam suas experiências, discutiam seus problemas, escolhiam suas lideranças, promulgavam suas leis e definiam os rumos da Ordem.³⁴²

Nesta mesma linha vale ainda retomar o que apresentam as Constituições Gerais da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, “[...] Por amor ao Evangelho, servimos e obedecemos-nos mutuamente, na caridade do espírito [...]”.³⁴³

À Carta da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades Apostólicas, *Perscrutai* salienta a capacidade da VRC de sentar em coro, de forma circular, que torna as pessoas consagradas não profetas solitários, mas homens e mulheres de comunhão, de escuta conjunta da Palavra, com capacidade para elaborar sempre novos significados e sinais novos, o que significa traçar um caminho de comunhão em meio às diferenças.³⁴⁴

4.2.3 A liderança na condução do projeto missionário à luz do modelo de liderança de Jesus

Na projeção para a realização da missão comum, é importante destacar a formação de lideranças que serão responsáveis na condução dos diferentes

³⁴⁰ MERINO, 1999, p. 170.

³⁴¹ LEGENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS. In: **Fontes Franciscanas** (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 14,57.

³⁴² LECLERC, 1983, p. 60-63.

³⁴³ CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1984, n. 4.

³⁴⁴ PERSCRUTAI, 2014, n. 17.

processos no interior da Instituição, sendo assim, não se pode desconsiderar este tema em âmbito de tarefa formativa. Com esta finalidade, o assunto é tratado aqui, uma vez que Jesus é um modelo de liderança que tem autoridade para os dias atuais.

No Evangelho de Marcos a liderança de Jesus se expressa como uma presença servidora junto à comunidade conduzindo com ternura e firmeza o seu grupo focado na missão. Sendo assim, pretende-se evidenciar aspectos do carisma Franciscano e de outros pensadores da atualidade que sintonizam com esta proposta inaugurada por Jesus e que pode contribuir para o exercício da liderança no interior do IFRAPEC.

A liderança de Jesus, apresentada em Marcos, expressa o empenho incansável, de sua parte, para com a sua comunidade, no sentido, de implantar uma nova forma de relação pautada no amor e não em estruturas frias, opressoras e arcaicas. O Evangelho de Marcos atesta que o único poder que Jesus confere aos discípulos é o poder de expulsar demônios (Cf. Mc 3,14-15) , como aponta Ribeiro: “Os paradigmas do verdadeiro discipulado são os que estão mais longe do poder político e religioso”.³⁴⁵ Sob este aspecto, Jesus também confrontou as autoridades religiosas de seus tempo pela estrutura cristalizada do poder e sua centralização, pela imposição dogmática e a absolutização teológica a partir da Lei com a supervalorização da Instituição em detrimento da vida humana.³⁴⁶

Ribeiro entende que o “[...] Evangelho de Marcos propõe um novo saber com relações alternativas. De fato, ele indica para uma nova comunidade, na qual as relações são constituídas de fraternidade e de serviço”.³⁴⁷ Perego, referindo-se a Marcos 1,22, que relata o fato de Jesus ensinar como quem tem autoridade, afirma que “Ele é um mestre que se ergue não com o poder da autoridade, mas com o da credibilidade que amadurece na profunda comunhão com o Pai e na franca liberdade diante de tantos riscos da vida.” (cf. Mc 12,14)³⁴⁸

Nesta linha de compreensão, entende-se a liderança como um serviço abnegado colocado à disposição para construir relações positivas na comunidade. Hunter assim se expressa: “Quando servimos e nos sacrificamos, construímos

³⁴⁵ RIBEIRO, 2008, p. 161.

³⁴⁶ RIBEIRO, 2008, p.175.

³⁴⁷ RIBEIRO, 2008, p.175.

³⁴⁸ PEREGO, 2010, p. 75.

autoridade.”³⁴⁹ Sendo, assim, é um serviço que requer maturidade a ponto de saber sacrificar-se pelo bem de outros, ou seja, saber atender as necessidades dos outros, até mesmo antes das suas.³⁵⁰

De acordo com o pensamento de Covey,

Aqueles que se esforçam para pautar suas ações em princípios encaram a vida como uma missão, e não como carreira. As fontes em que se nutrem os armam e preparam para o serviço. Na verdade, a cada dia se atrelam e se colocam voluntariamente à disposição do serviço pensando nos outros.³⁵¹

Lideranças servidoras tratam seus liderados como adultos, pessoas capazes de pensar e participar responsabilmente. Estes são inseridos no discernimento comunitário, empenhados para compreender o que Deus pede para este momento da história e realidade, para este grupo nesta missão. Assim como Jesus o fez. Ele confiou aos discípulos a missão de irem pelo mundo e fazerem acontecer o Reino de Deus (cf. Mc 3,13-14). Ele não se preocupou pensando que não estariam maduros para tal tarefa e quando falhavam eram corrigidos e formados a partir do exercício missionário.

Para Matos, o exercício de liderança pede relacionamentos pessoais, que encorajam a pessoa a prosseguir e não o contrário e a também fomentar relacionamentos saudáveis em seus ambientes de convívio.³⁵² O líder servidor anima cada membro a se engajar corajosamente no discernimento acerca da vontade de Deus, acreditando que o Espírito Santo se manifesta em cada um particularmente e, na comunidade como um todo, pois os elementos que norteiam as decisões estão pautados não na vontade egoísta de uma ou de outra pessoa e sim na vontade de Deus, no Evangelho, nas situações concretas e nos sinais dos tempos.³⁵³ A busca da vontade de Deus parece ser determinante para Jesus com o seu grupo e sob este aspecto o Mestre se empenha para que seus seguidores adquiram esta decisão profunda.

³⁴⁹ HUNTER, James C. **De Volta ao Mosteiro: O Monge e o Executivo falam de Liderança e Trabalho em Equipe**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014, p. 94.

³⁵⁰ HUNTER, 2004, p. 89.

³⁵¹ COVEY, Stephen R. Covey. **Liderança baseada em princípios**. Rio de Janeiro: Campus, 1994, p. 8.

³⁵² SCHOLTES, 1999, p. 46.

³⁵³ MATOS, 2008, p. 91.

Para Francisco de Assis, o exercício da liderança deve ser espelho do Evangelho. Por isso rejeita a ideia de qualquer relação de autoritarismo e dominação e propõe o termo “ministro”, derivado do latim, para se referir ao serviço de liderança. O termo ministro indica ser “servo menor”. E é exatamente este perfil de liderança que ele quer inaugurar no interior de seu grupo.³⁵⁴ Ele não quer que seus irmãos sejam reconhecidos e tratados como superiores, nem priores, nem abades, e sim, simplesmente de ministros e servos, reconhecendo que Jesus Cristo é o único Mestre do qual todos os membros da Ordem devem ser discípulos.³⁵⁵ Jesus mesmo testemunhou este serviço à humanidade.

A Vida Franciscana consiste em libertar-se de qualquer tipo de dominação que nasce do estilo feudal e senhoril, pois, todos são igualmente irmãos.³⁵⁶ Nesse sentido a comunidade franciscana é chamada a ser imagem profética daquilo que toda a humanidade é destinada a se tornar. Uma fraternidade universal.³⁵⁷ Por isso, esta se rege mais pelo impulso do Espírito do que por normas e leis, mais pelo amor do que por estruturas bem organizadas.³⁵⁸ Assim, a autoridade se liga, não a um poder que escraviza, e sim, a um simples serviço fraterno a ser desempenho com bondade, paciência e benevolência.³⁵⁹ Este foi o modelo de liderança de Jesus que, se fez servo da humanidade.

Chiavenato intui que as relações de poder tal como vem se apresentando na história sofrerão uma reviravolta. As relações entendidas como verticais passarão a dar lugar para relações mais horizontais e laterais, no sentido de uma maior interdependência entre as diferentes partes organizacionais.³⁶⁰ Nesse sentido, a VRC também é chamada a rever suas relações de poder. Na visão de Weber, a realidade institucional, fortemente marcada pelas relações de dominação, tende a sufocar a participação e a responsabilidade individual, impedindo a manifestação da energia inovadora que os carismas pessoais poderiam proporcionar se acolhidos e valorizados como parte integrante do carisma da Instituição.³⁶¹

³⁵⁴ HUBAULT, 2012, p. 88-89.

³⁵⁵ CARBALLO, 2010, p. 21.

³⁵⁶ LECLERC, 1983, p. 59.

³⁵⁷ LECLERC, 1983, p. 60.

³⁵⁸ CARBALLO, 2010, p. 22.

³⁵⁹ HUBAULT, 2012, p. 90.

³⁶⁰ CHIAVENATO, 2005, p. 27.

³⁶¹ WEBER, 2012, p. 36.

A VRC consiste numa opção dada de forma consciente com disponibilidade para amar sem colocar exigências, sendo assim, também os que exercem funções de “autoridade” são chamados a serem pacientes, bondosos, humildes, generosos e comprometidos em espírito de serviço. Qualidades estas que pedem, um certo, sacrifício em favor de outros.³⁶²

Weber destaca como central:

Considerar o poder na Vida Religiosa Consagrada como caminho de maturação que implica fundamentá-lo nos princípios evangélicos. Jesus é a fonte inspiradora para o exercício do poder, especialmente seu gesto de lavar os pés dos discípulos e sua auto entrega incondicional na cruz. O poder de Jesus liberta, faz viver e salva.³⁶³

A experiência do lava-pés se apresenta como referência norteadora das relações de poder na VRC, pois, conservar as relações de dominação, dependência e infantilismo revelam relações imaturas e desumanas. Para a Tradição Franciscana, isso é sobremaneira relevante, Francisco queria que seus irmãos lavassem os pés uns dos outros, como expressão do reconhecimento da dignidade de cada pessoa, como critério de seguimento, revelado em Jesus Cristo que lavou os pés da humanidade sofredora.

As Constituições Gerais da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, ainda apontam para um serviço que deve ser realizado com reverência a qualquer pessoa, a exemplo de Francisco de Assis que serviu com a mesma cortesia ao sultão e ao leproso. E propõe que cada Irmã esteja pronta a lavar os pés da humanidade em qualquer apostolado onde se encontrar, ou seja, entre os que são materialmente pobres, os excluídos, ou os que se tornaram pobres pela incorporação de valores contrários ao Evangelho.³⁶⁴

O mau uso do poder impede a ação do Espírito presente em cada pessoa de modo particular e nos grupos diversos. Estas impedem a autonomia e a tomada de iniciativas que por vezes poderiam edificar o carisma congregacional. Nesse sentido as comunidades religiosas são impelidas a avançar fomentando a participação de seus membros. Isso requer uma genuína conversão institucional.³⁶⁵

³⁶² HUNTER, 2004, p. 93.

³⁶³ WEBER, 2012, p. 44.

³⁶⁴ CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1984, n. 19.

³⁶⁵ WEBER, 2012, p. 66.

Covey também alega que as pessoas querem participar e dar sua contribuição. Sendo fator de entusiasmo e comprometimento na missão. As pessoas não querem ser meros tarefeiros.³⁶⁶ Se o exercício da liderança é realizado como força de poder, os relacionamentos certamente se deterioram e, com o passar do tempo, sintomas indesejáveis hão de surgir.³⁶⁷ Assim complementa Murad: “[...] na Vida Consagrada, em especial, a participação e o exercício do poder passam pelo crivo das seguintes questões: para que, para quem, como e com que espírito. Elas juntas, são o critério prático de sua validação.”³⁶⁸

O desafio dos institutos da VRC é formar para que suas lideranças aprendam a arte de despojar-se de seus cargos e funções. O Papa Francisco defende este despojamento para favorecer uma rotatividade e o desenvolvimento de novas ideias e talentos. Sob este prisma, Madre Madalena Damen, fundadora do Instituto das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã é exemplo e inspiração, pois com toda a tranquilidade foi capaz de realizar em sua vida este gesto que a “[...] si mesma, ela considerava como fraco instrumento nas mãos de Deus e, em sua oração, ela agora sentia que já não era mais capaz de dirigir a Congregação.”³⁶⁹

4.2.4 O papel da equipe de Formação Permanente na Província

O Processo renovador do Concílio Vaticano II, nas décadas de 1970 e 1980, fez crescer a consciência em torno da formação permanente para os Institutos da VRC, e incidiu fortemente sobre a dinâmica interna de toda a Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Esta renovação foi assumida com afinco pelas lideranças internas das diferentes Províncias reformulando e renovando os processos de formação permanente garantindo assim o “*aggiornamento*” tão debatido e mencionado nos documentos Conciliares. A partir deste momento da história Congregacional, passou-se a organizar e impulsionar os encontros de formação permanente, estes conservados até hoje no interior das

³⁶⁶ COVEY, 1994, p. 172.

³⁶⁷ HUNTER, 2006, p. 33.

³⁶⁸ MURAD, 2007, p. 127-144.

³⁶⁹ HOSTER, 2001, p. 67.

Províncias e é dentro desse universo que cria espaço a missão de uma equipe de formação permanente.³⁷⁰

Na visão de Cencini, a maior competência de uma equipe de formação consiste em ser um grupo que pense a formação do Instituto a partir de seu contexto concreto. Para isso cria relevância o fato de os membros da equipe apoiarem-se no caminho do discipulado e enfrentarem em conjunto e globalmente o problema da formação, fazendo um mapeamento da situação planejando intervenções. É importante que a equipe constata o tipo de mentalidade reinante, no interior do Instituto, fomentando uma cultura de formação permanente e realize uma programação abrangente que atenda os diferentes setores da vida e da missão provincial, sobretudo, desenvolver a habilidade para a mudança. É ainda tarefa da equipe de formação permanente programar uma formação que evidencie a paternidade de Deus no interior do Instituto e, que sejam pessoas espirituais, as quais outras podem recorrer quando se cansaram no caminho. É importante, portanto, que sejam pessoas que expressam proximidade e confiança nos momentos de crise.³⁷¹

Cencini entende que a formação permanente não é uma questão de conteúdos a serem assimilados, e sim, o desenvolvimento de uma disponibilidade interior para evoluir em todos os aspectos humanos e espirituais.³⁷² “Pode-se nesta direção, compreender que a renovação da VRC depende da formação.³⁷³ Esta indica sempre para novos olhares diante de novos cenários.³⁷⁴

Nesse sentido, o Documento de Aparecida vem reiterar que as dimensões da formação devem contemplar: a) A dimensão humana e comunitária: que consiste em acompanhar a formação da pessoa consagrada para que assuma a própria história e, o caminho de libertação interior que, visa a transformação do coração, capacitando-a para uma convivência saudável. b) A dimensão espiritual: que visa fundamentar o seguimento na experiência de Deus revelada em Jesus Cristo. c) A dimensão intelectual: ajuda na potencialização da razão a fim de fazê-la serviço. d) A dimensão pastoral e missionária: que realiza a integração entre evangelização e

³⁷⁰ ACKERMANS; OSTERMANN; SERBACKI, 2000, p. 203.

³⁷¹ CENCINI, 2012, p. 126-128.

³⁷² CENCINI, 2012, p. 25.

³⁷³ PERSCRUTAI, 2014, n. 4.

³⁷⁴ PERSCRUTAI, 2014, n. 5.

pedagogia.³⁷⁵ Para pensar o processo formativo dentro de um Instituto, Zavalloni contribui dizendo que é importante que a equipe seja diversa para que possa ir ao encontro das necessidades individuais e coesa em suas decisões de modo a favorecer este conjunto.³⁷⁶

4.3 RESUMINDO

A pesquisa realiza um resgate das Fontes da Tradição Franciscana, que têm seu embasamento no Evangelho, especialmente no discipulado vivenciado por Jesus com sua comunidade. No interior da comunidade de Jesus, bem como nos primórdios da Ordem Franciscana, as atividades missionárias tinham como palco o caminho sem preocupação com a construção e a manutenção de obras a serem construídas e mantidas. Isso favorecia a existência de comunidades mais leves com relações fraternas e participativas que mantinham sua centralidade na pessoa mais do que nas estruturas. São, portanto, referenciais para a VRC Franciscana atual no enfrentamento das crises e desânimos existentes colocando-se como ideal a ser sempre buscado na construção de uma nova realidade.

Neste trabalho foram encontrados elementos que sustentam a necessária descida que a VRC Franciscana atual precisa realizar se quiser manter uma fidelidade evangélica. Ela deve compreender-se sempre de novo como um serviço gratuito aos mais pobres, sendo o contexto dos mesmos, o lugar de onde devem partir as decisões e opções fundamentais da VRC.

O presente trabalho confirma a compreensão de que o discipulado, tanto em Marcos como na Tradição Franciscana, foi caracterizado pela transparência, liberdade e humildade. Indicando que o processo formativo dos discípulos de todos os tempos é uma tarefa para toda a vida, marcado por contínuos recomeços.

Viver a VRC Franciscana significa renovar-se sempre num caminho de doação especialmente aos mais pequenos. Portanto, há uma urgente necessidade, para o IFRAPEC no sentido de organizar estruturas mais leves que favoreçam a vida e o entusiasmo vocacional, bem como a ação missionária e o testemunho do

³⁷⁵ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 280.

³⁷⁶ ZAVALLONI, 1999, p. 182.

seguimento proposto por Jesus. Isso implica na opção por relações de poder mais descentralizadas e num convívio fraterno marcado pela confiança mútua.

Desta forma, chega-se à conclusão de que o carisma fundante ajuda a realizar este caminho de retorno ao discipulado proposto no Evangelho de Marcos. Por isso, o capítulo se ateve no resgate das fontes que, poeticamente falando, ajudam a voltar para a “Galileia”, buscando reavivar o “encontro” com o Evangelho que será garantia de renovação espiritual, relacional e missionária.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como caminho investigativo o discipulado apresentado no Evangelho de Marcos, buscando nele elementos que podem ser iluminadores para o atual contexto do IFRAPEC. E, para alcançar este objetivo, a pesquisa lançou um olhar sobre a essência da VRC, no que ela é chamada a ser em seus aspectos teológicos, utilizando-se de documentos da Igreja e de autores que, na atualidade, se ocupam em oferecer-lhe suporte formativo. Foram analisadas algumas possíveis causas da crise de identidade que assola a VRC na conjuntura atual e que, por vezes, sufocam o vigor missionário.

Constatou-se a forte influência da vida monástica sobre a VRC ativa no entendimento de que esta opção de vida consistia em uma espécie de vida angelical, o que pode ter dado origem à compreensão de que a VRC é um estado de perfeição, e, por isso, superior às outras formas de discipulado no interior do cristianismo.

Posteriormente, com proposições do Concílio Vaticano II, houve uma genuína busca de renovação, o que na maioria dos Institutos foi levado a sério. Contudo, as grandes e rápidas mudanças sociais se sobrepujaram a esta renovação. O que certamente foi uma das maiores causas da descaracterização da identidade da VRC, cujas permanências são sofridas até o momento presente.

Na segunda parte, quando foi analisado o discipulado de Jesus a partir do Evangelho de Marcos, destacou-se como questão central a necessária mudança de mentalidade a fim de compreender a real identidade de Messias que Jesus assume e de seu Reino. Jesus realiza um itinerário formativo com seus seguidores com a finalidade de incorporarem uma nova forma de entender a figura do Messias e, em decorrência, também uma nova forma de entender o discipulado.

Para os discípulos não foi fácil quebrar alguns paradigmas e assumir esta nova mentalidade. Para eles foi muito exigente assumir o discipulado na dinâmica da cruz, ou seja, uma entrega contínua e persistente na construção do Reino, considerando as inseguranças que persistiam acerca da identidade de Jesus e diante das ameaças externas. Mesmo assim, Jesus permanece firme e desenvolve um caminho pedagógico com eles, feito ao longo de toda a sua vida e ministério. Ele

insere-os e compromete-os com as atividades missionárias. Os seguidores de Jesus acompanham o Mestre nos caminhos da Galileia e em seu percurso até Jerusalém. Neste caminho eles tiveram a oportunidade de presenciar as ações que Jesus realizou em favor do Reino e de observar a forma como Ele estabeleceu as suas relações com as pessoas. Neste processo revelam suas resistências e aprendem com o Mestre e, por fim, ainda são reenviados a um genuíno recomeço.

Os discípulos, como seus conterrâneos, estavam contaminados pela mentalidade triunfalista que se baseava em diversas correntes messiânicas presentes no Antigo Testamento. Foi uma questão difícil para a comunidade de Jesus incorporar esta nova forma de entender messianismo de Jesus, baseado no serviço. Assumir, portanto, o discipulado da cruz vai em direção contrária à esperança triunfalista de Messias como vinha sendo esperado.

Jesus, todavia, esclarece à sua comunidade que não é possível assumir seu discipulado sem realizar uma mudança cultural, sem entender e sem aderir ao novo que Ele propõe. Se eles não desvendarem e não assumirem o mistério que se esconde em Jesus, o discipulado não se sustentará até o fim. É preciso que para os discípulos fique bem claro que tipo de Messias eles estão seguindo, qual é a sua identidade verdadeira. E, sob esta perspectiva, Jesus traz um novo, algo original, o seu messianismo realiza um caminho de descida assumindo a figura do “Servo sofredor”, de acordo com Is 52. Um Messias que assume as dores da humanidade até as últimas consequências. Sua vida e missão estão voltadas para o horizonte do Reino. Um Reino que busca incluir todas as pessoas que estão “fora”, à margem da sociedade.

Por isso, sua atenção se volta para as pessoas pobres e marginalizadas de seu tempo. Neste sentido, ele mexeu com as estruturas sociais e religiosas de seu tempo sem medo da perseguição. Inserido num contexto complexo, confronta-se com as autoridades dos judeus questionando-os acerca de suas posições religiosas e sociais frias e fechadas, incapazes de acolher o novo. Uma estrutura religiosa excludente que se considerava superior aos demais povos. As autoridades judaicas, com as prerrogativas do templo, consideravam-se mais santas e mais dignas de salvação, por se entenderem como herdeiros exclusivos do Plano de Salvação. Neste sentido, Jesus alarga horizontes apresentando o Reino inclusivo para todos os povos.

Afinal, o que o IFRAPEC pode aprender do discipulado de Jesus?

Como resultado fundamental da pesquisa, destaca-se uma urgente necessidade em relação à mudança de mentalidade acerca de diversos aspectos. Esta é a questão central em todo o discipulado marcano, por isso cria relevância o que se destaca a seguir.

Também a VRC parece ter criado uma mentalidade, sob alguns aspectos, não evangélica ao longo da história, cujas permanências continuam em vigor até hoje, e que precisam passar pelo crivo do evangelho. Constatou-se no capítulo inicial deste trabalho a mentalidade criada historicamente de que a VRC se constituiu em um “estado de perfeição” como se fosse uma classe mais perfeita. Uma espécie de privilégio em relação aos demais cristãos. Este modo de auto compreender-se perde seu sentido em confronto com o discipulado de Marcos, onde os discípulos são revelados como frágeis, necessitando sempre de oportunidades para recomeçar o caminho. No discipulado de Marcos, a comunidade não é perfeita, pelo contrário, precisa aprender a desfazer-se de certos esquemas mentais cristalizados pela história. E eles precisam incorporar uma espiritualidade feita a partir do serviço aos pequenos.

Inserir-se nesta reflexão a urgente necessidade de rever algumas obras missionárias, que por vezes podem favorecer certa aparência e, ao mesmo tempo, absorver as energias internas, a tal ponto de sobrar pouco tempo para investir nas pessoas, algo que Jesus priorizou em todo o seu percurso missionário. Seu tempo era todo destinado às pessoas que o procuravam, acompanhavam e aos que foi encontrando no caminho. Ele jamais se preocupou em organizar, manter e ou construir obras missionárias como se essas fossem garantia da eficácia do Reino. Jesus foi simplesmente um caminhante. Seus encontros transformadores aconteceram nas casas, praças, sinagogas. Estes foram seus espaços missionário por excelência.

O capítulo inicial destacou que, muitas vezes, no interior da VRC, encontra-se uma estrutura verticalizada de poder, o que mata a vitalidade vocacional e missionária das pessoas consagradas. Parte-se, pois, do princípio de que as pessoas querem participar dos processos institucionais. É também isso que parece amparar o referencial teórico do IFRAPEC, quando se propõe a trabalhar a partir da Gestão Sistêmica que visa realizar um processo integrando as partes no todo e o

todo nas partes. Esta integração poderá auxiliar na assimilação e comprometimento de um processo mais participativo.

O discipulado de Marcos aponta para relações maduras e humanizadas e não hierarquizadas, onde o poder não significa nada mais do que uma doação contínua e desinteressada em benefício do grupo. No horizonte do Evangelho faz-se urgente repensar como se processam as relações de poder em âmbito da VRC. É por esta via que é possível estabelecer relações mais humanizadas, fomentar maior participação e estabelecer uma leveza institucional. Nesse sentido, considerar o que propõe o Evangelho é garantia de sentido para o discipulado no IFRAPEC acompanhado de um novo entusiasmo missionário e esperança de futuro para o Carisma.

Verificou-se que Jesus estabelece com sua comunidade uma relação madura e transparente. Ele confia nos discípulos estabelecendo parceria na missão, enviando-os para outros espaços missionários. Eles são autorizados a fazer uso do poder somente para expulsar as forças demoníacas que destroem as pessoas dividindo-as entre si. E sua comunidade é uma comunidade fraterna que se organiza em virtude da missão, sendo assim ninguém pode sobrepor-se a ninguém. Todos estão reunidos em torno do Mestre para a missão.

Jesus recupera com os discípulos a espiritualidade do deserto e seu discipulado propõe um projeto alternativo. Nesta perspectiva, parece consistir, também hoje, o lugar e a missão da VRC, capaz de se compor em uma reserva profética num contexto que ressalta a riqueza, o poder e a aparência. Conclui-se, portanto, que este lugar de missão é também um espaço profícuo para a formação de uma nova consciência para a VRC. Sendo assim, é relevante que a pessoa consagrada esteja em contato com diferentes realidades missionárias em todas as etapas formativas e nela se forme. Aqui criam importância os lugares preferidos de Jesus, que buscou os povoados e vilarejos onde poderia se encontrar com os pobres e excluídos da sociedade. É a partir desse lugar social que Jesus realiza suas opções fundamentais e sustenta seu projeto missionário. É também na identificação com os crucificados da história que Ele leva a bom termo a vontade do Pai, e é por este itinerário que a pessoa consagrada aprende a confiar nas providências do caminho.

Visualiza-se, ainda, no caminho pedagógico de Jesus dois tipos de formação e que podem ser relevantes: aquela que se dá de modo permanente no ordinário da vida, e aquela que acontece em particular de forma extraordinária. Em alguns momentos Jesus vai com os discípulos para um lugar a parte intensificando com eles certos aspectos formativos. O que também a VRC é chamada a fazer, o estar continuamente com o Mestre para aprender sempre com qualquer situação e em qualquer lugar e outras vezes estar em algum lugar à parte com Ele, a fim de se aprofundar e realizar a síntese de sua vida e missão. Sob este olhar, cria importância pensar no processo formativo enquanto responsabilidade individual e comunitária.

É possível afirmar que o discipulado de Marcos e a tradição Franciscana são um convite persistente à renovação para este tempo de enfraquecimento evangélico, como destacado no primeiro capítulo. Este parece ser o caminho de fecundidade que vem garantir o futuro do carisma. Só um comprometido testemunho que nasce do vigor profético e missionário de Jesus com os discípulos pode ser atraente para as novas gerações e ser garantia de um entusiasmo missionário para os dias de hoje.

Por fim, pode-se concluir que a missão de uma equipe formativa no interior de um Instituto da VRC consiste em conduzir este processo renovador, com a memória viva do Evangelho apontando sempre para os verdadeiros alicerces formativos que partem da proposta do Reino. O que suscita um estar sempre atento aos sinais dos tempos em constante e contínuo processo de aprendizado com as pessoas que interagem no processo. É ainda missão, dessa mesma equipe, empenhar-se na recuperação da dimensão horizontal da convivência, buscando superar hierarquias que mais atrapalham do que ajudam, no entendimento de que as pessoas precisam ser e se sentir sujeitas da própria história e responsáveis por desenvolver o dom de Deus em si mesmas. Neste sentido também formar a superação do medo, criando uma cultura em que as pessoas lutem pelo seu direito de participação sem se acomodarem ou se submeterem a estilos autoritários de liderança.

Formar, hoje, pede comprometimento com o desenvolvimento de lideranças para o Instituto que tenham este olhar mais aberto com capacidade para fomentar a maior participação das pessoas, de modo que todas se sintam parte do todo e

integradas pelo todo num conjunto mais harmonioso. Uma liderança ousada com capacidade para conduzir processos que visam a necessária mudança cultural, conduzindo a Organização para que as relações tomem a feição da comunidade proposta por Jesus.

O discipulado de Jesus apresentado em Marcos traz uma contribuição significativa para a VRC, no sentido de integrar as diferenças em vista de uma missão comum. Jesus não coloca a comunidade do discipulado como modelo de perfeição, mas como modelo de uma comunidade a caminho, sempre em construção se renovando a partir da essencialidade, da meta que é o Reino e do convívio permanente com Jesus. Isso se coloca também como um ideal a ser alimentado no interior das comunidades de VRC, o que pede a superação de alguns conceitos e uma reinterpretação sempre atualizada da própria teologia do seguimento.

Cria ainda importância dentro dessa síntese a superação do ativismo em detrimento do conjunto que abrange o ser consagrado(a). A pessoa consagrada vale pelo que é, e busca na sua relação com Jesus, sendo, o seu fazer expressão do amor cultivado no encontro com seu Mestre. Caso contrário o fazer se torna vazio e sem motivação evangélica. Neste contexto ainda cria espaço a convivência gratuita com as pessoas, sobretudo, com sua comunidade de VRC.

REFERÊNCIAS

- 1REGRA, *In: Fontes Franciscanas* (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991.
- 1CELANO, Tomás. *In: Fontes Franciscanas* (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991.
- ACKERMANS, Gian; OSTERMANN, Ursula; SERBACKI, Mary. **Chamadas pela Bondade de Deus**: História das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã do Século XX. Porto Alegre: s/ed., 2000.
- ADMOESTAÇÕES. *In: Fontes Franciscanas* (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 4,1-2.
- ALEGRE, Xavier. **Marcos ou a Correção de uma Ideologia Triunfalista**: Chave de Leitura de um Evangelho Beligerante e Comprometido. Série: A Palavra na Vida, CEBI: São Leopoldo, 2000.
- AMBRÓSIO, Marian. **A Vida Religiosa no contexto atual, desafios e perspectivas: aula inaugural na ESTEF**. 19 jul. 2008. Disponível www.estef.edu.br/.../ESTEF_PESSOAL_29_07_2008_09_00_2_aulainauguramaria.doc-em: Acesso em: 01 jul. 2020.
- ANO DA VIDA CONSAGRADA. *Perscrutai*: Carta circular aos Consagrados e Consagradas a Caminho nos Sinais de Deus. São Paulo: Paulinas, 2014, n. 15.
- ANÔNIMO PERUSINO. *In: Fontes Franciscanas* (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 7, 34.
- BALANCIN, Euclides Martins. **Como Ler o evangelho de Marcos**: Quem é Jesus? São Paulo: Paulinas, 1991.
- BIBLIA DE JERUSALÉM. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Igreja**: Carisma e poder. Edição Revista. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Seguimento de Jesus**: Uma abordagem segundo a Cristologia de Jon Sobrino. 2007.
- BROWN, Raymund E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004, Coleção Bíblia e história. (Série Maior).
- CAPRAF, Ritjof; LUISI, Pier Luigi. **A Visão Sistêmica da Vida**: Uma concepção unificada e suas implicações sociais e econômicas. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.
- CARBALLO, José Rodríguez. **São Francisco e a Vida Religiosa**. Braga: Editorial Franciscana, 2010.

CASTILLO, José M. **O Futuro da Vida Religiosa**: das origens à crise atual. São Paulo: Paulus, 2008.

CENCINI, Amedeo. **Abraçar o Futuro com Esperança**: O amanhã da vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2019.

CENCINI, Amedeo. **Árvore da Vida**: Proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007.

CENCINI, Amedeo. **Formação Permanente**: acreditamos realmente? São Paulo: Paulus, 2012.

CHIAVENATO, Idalberto. Gerenciando com as pessoas: transformando o executivo em excelente gestor de pessoas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado por João Paulo II, PAPA. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Edição Revista e Ampliada com a Legislação Complementar da CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 2001, Cân. 573 § 1.

COLAVECCHIO, R. L. **O Caminho do Filho de Deus**, contemplando Jesus o Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 2005.

COMBLIN, José. **O Caminho**: Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

COMBLIN, José. **O Neoliberalismo**: ideologia dominante na virada do século. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **A Vida Fraterna em Comunidade**. Roma: Vaticano, 1994. Disponível: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021994_fraternal-life-in-community_po.html. Acesso em: 03 maio 2019. n. 54, 55.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Partir de Cristo**: Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milênio, São Paulo, Paulinas, 2002, n. 15.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*. In: Compêndio do Vaticano II. **Constituições, decretos, declarações**. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier, OFM, 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 24-43.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*. In: Compêndio do Vaticano II. **Constituições, decretos, declarações**. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier, OFM, 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 1.

CONSTITUIÇÕES GERAIS. **Das Irmãs da Penitência e Caridade Cristã da Terceira Ordem Regular de São Francisco**. Roma: s/ed., 1984, n. 33.

COVEY, Stephen R. Covey. **Liderança baseada em princípios**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

CUNHA, Carlos. Teologia do Evangelho de Marcos. *In: Teologia da Fronteira*. Setembro de 2012, disponível em: <https://teologiadefronteira.wordpress.com/2012/09/10/teologia-do-evangelho-de-marcos/>. Acesso em: 11 maio 2020, s/p.

DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo (Orgs). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo, SP: Paulinas, 1989.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. 4 ed. Brasília, São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

DOCUMENTOS DA CNBB 097. **Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2012, nº 18.

ESPELHO DA PERFEIÇÃO. *In: Fontes Franciscanas* (FF). Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 44.

ESTATÍSTICA-2019. **Suore Francescane della Penitenza e Carità Cristiana**. Roma: s/ed, 2020.

ESTATUTOS PROVINCIAIS. **Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã**: Província do Imaculado Coração de Maria. Santa Maria, 2012, n. 12.

FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os Evangelhos (I)**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FASSINI, Dorvalino. **Leitura Espiritual e Formação Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERNANDES, Leonardo Agostini. **O Evangelho Segundo Marcos: eleição, partilha e amor**. São Paulo: Paulinas, 2012.

FERNÁNDEZ, B. **Seguir a Jesús, el Cristo**. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1998.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **O discipulado de iguais**. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995.

FROHLICH, Larissa Fabrício. O Movimento Franciscano e seu Contexto. *In: Revista VYDIA*, Universidade Franciscana, Santa Maria RS, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/494/484>. Acesso em 09 de nov. 2020

GALLARDO, Carlos Bravo. **Jesus Homem em Conflito: O Relato de Marcos na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1997.

GALLARDO, Carlos Bravo. **Jesús, hombre em conflicto: El relato de Marcos em América Latina**, 1986.

GLAAB, Bruno. G. **A Cegueira Como Método no Evangelho de Marcos**. Disponível: <https://docplayer.com.br/35613419-A-cegueira-como-metodo-no-evangelho-de-marcos-bruno-g-glaab.html>. Acesso em: 08 jul. 2020.

GNILKA, J. **Jesus de Nazaré: mensagem e história**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRÜN, Anselm; SARTORIUS, Christiane. **Amadurecimento Espiritual e Humano na Vida Religiosa**. 2. ed. Coleção Viver Melhor. São Paulo: Paulinas, 2008.

GUTIERREZ, Gustavo. A opção profética de uma Igreja. *In*: SOTER E AMERÍNDIA (Orgs). **Caminhos da Igreja Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas, 2006.

GUTIERREZ, Gustavo. **O Deus da vida**. São Paulo: Loyola, 1992.

HOEFELMANN, Verner. O Caminho da Paixão de Jesus na Perspectiva do Evangelho de Marcos. **Conferência Inaugural**, proferida na Escola Superior de Teologia em 6 de novembro de 1985. Disponível em: http://ism.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/1227/1186. Acesso em: 11 maio 2020.

HOSTER, Lina. **Jardinzinho das Flores de São Francisco: Irmã Madalena e suas primeiras companheiras**. Porto Alegre: Província do Sagrado Coração de Jesus, 2001.

HUBAULT, Michel. **Caminhos de interioridade com São Francisco de Assis**. Braga: Editorial Franciscana, 2012.

HUNTER, James C. **De Volta ao Mosteiro: O Monge e o Executivo falam de Liderança e Trabalho em Equipe**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*: Sobre a Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo**. São Paulo: Paulinas, 1996, n. 18.

KEARNS, Lourenço. **A teologia da vida consagrada**. Aparecida: Santuário, 1999.

KONZEN, Leo. O Lugar de João Batista no Evangelho de Marcos. **Anais do Congresso Estadual de Teologia**. São Leopoldo, EST, V,1, 2013, p. 141-152. Disponível em: <http://www.anais.est.edu.br/index.php/teologians/article/view/185/146>. Acesso em: 11 maio 2020.

LECLERC, Eloi. **Francisco de Assis: O retorno ao Evangelho**. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1983.

LEGENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS. *In*: **Fontes Franciscanas (FF)**. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1991, n. 14, 57.

LOHSE, Eduardo. **Introdução ao Novo Testamento**. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

MACHADO, Everton Ricardo Berny. **Humanização da Vida Religiosa: Reflexões a partir da parábola do Bom Samaritano**. Porto Alegre: ESTEF, CRB Nacional, s/d.

- MAGGIONI, Bruno. **Nas Raízes do Seguimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MARQUES, Maria Antônia. No Caminho de Jesus: Uma leitura do evangelho de Marcos. *In: Vida Pastoral: Revista Bimestral para Sacerdotes e agentes de pastoral*. setembro-outubro de 2012 – ano 53, n. 286 p. 3-7. Disponível: <https://www.paulus.com.br/portal/wp-content/uploads/2012/08/Vida-Pastoral-2012-Set-Out.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.
- MATEOS, Juan. **Los “doce” y otros seguidores de Jesús em El Evangelio de Marcos**. Madrid: Cristandad, 1982.
- MATOS, Henrique Cristiano de. **Vida Religiosa: discipulado em Missão**: Subsídio para a Formação Permanente. Belo Horizonte: Lutador, 2008..
- MERINO, J. Antônio. **Humanismo Franciscano**: Franciscanismo e mundo atual. Petrópolis: FFB, 1999.
- MESTERS, Carlos. **Com Jesus na contramão**. 17 ed. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. **Como Seguir Jesus?** (Mc 8,27-35). Disponível *In: cebi.org.br/noticias/como-seguir-jesus-mc-827-35-mesters-e-lopes-2/*, 2015. Acesso em: 08 set. 2020.
- MOREIRA, Vilma. **A Identidade da Vida Religiosa Apostólica Feminina na Igreja e no Mundo**. Disponível em: https://gerhardinger.org/wp-content/uploads/2017/05/PR_THE_IDENTITY_OF_APOSTOLIC_WOMEN_RELIGIOUS.pdf, 2014, p. 3. Acesso em: 25 jun. 2020, s/p.
- MURAD, Afonso. Participar do Poder na Vida Consagrada. *In: ANJOS, Márcio Frabridos. Vida Religiosa e Novas Gerações: Memória, poder e utopia*. Aparecida: Santuário, 2007.
- MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**: grande comentário bíblico. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NAKANOSE, Shigeyuki. **Vida Pastoral**. Quem dizem os homens que eu sou? Uma leitura de Marcos 8,27-38. São Paulo, Paulus: 2012. Disponível em: <http://www.vidapastoral.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- NETO, Rodolfo Gaede. **A diaconia de Jesus**. Contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal/CEBI; São Paulo: Paulus, 2001.
- NODARI, Paulo César. **Aprendendo com o Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulus, 2009.
- OLIVEIRA, Eduardo dos Santos de. **A salvação pela humanidade : o Jesus de Mc 8,31-33**. São Leopoldo, RS, 2016. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST,

Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/695/1/oliveira_es_tm322.pdf>. Acesso em 20 out. 2020.

OLIVEIRA, Eurides Alves de. Desafios da Economia e da Partilha na Vida Religiosa Consagrada. *In*: ANJOS, Márcio Fabri. (Org.) **Vida Religiosa e Novas Gerações: Memória, poder e utopia**. Aparecida: Santuário, 2007.

OLIVEIRA, José Lisboa de. **Viver em Comunidade para a Missão: Um chamado à Vida Religiosa Consagrada**. São Paulo: Paulus, 2013.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação Histórica**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus: Marcos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PALACIO, C., SJ. **Luzes e sombras da Vida Religiosa Consagrada nos dias de hoje em Convergência**. Brasília, setembro 2011.

PALÁCIO, Carlos. Vida Religiosa Consagrada: Memória e Perspectivas. *In*: ANJOS, Márcio Frabri dos. **Vida Religiosa e Novas Gerações: Memória, poder e utopia**. Aparecida: Santuário, 2007.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica “Laudato Si” Louvado Sejas: Sobre o Cuidado da Casa Comum**. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015, n. 87.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Vaticano, 2013. *In*: www.vatican.va. n. 20. Acesso em: 20 out. 2020.

PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Vita Consecrata**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

PAREDES, José Cristo Rey García. **Outra Comunidade é Possível: Sob a liderança do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2019.

PEREGO, Giacomo. **Novo Testamento e Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 2010.

PEREIRA, José Carlos. **Novos Ventos nos Conventos: Desvelando os meandros da Vida Religiosa Consagrada em vista da sua renovação**. São Paulo: Paulus, 2015.

PEREIRA, William Cesar Castilho. A porta de entrada da Análise Institucional na Vida Religiosa Consagrada. *In*: PEREIRA, William César Castilho et al. (Orgs). **Análise institucional na vida religiosa consagrada**. Belo Horizonte: CRB, 2012.

PEREIRA, William César Castilho. Corporeidade, Afetividade e Novas Tecnologias. *In*: ANJOS, Márcio Frabri dos. **Vida Religiosa e Novas Gerações: Memória, poder e utopia** (p. 81-96). Aparecida: Santuário, 2007.

PERFECTA CARITATIS. *In*: COMPENDIO DO VATICANO II. **Constituições, decretos, declarações**. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura

Kloppenburger, OFM. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier, OFM, 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 1.

POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos: Comentário Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

PUNTEL, Joana T. **Os Conselhos Evangélicos na ótica da comunicação** São Paulo: Paulinas, 2005.

RASERA, Therezinha Joana. Palavras de Boas-Vindas, p. 117-124. *In: Paixão por Cristo, Paixão pela Humanidade. Anais do Congresso Internacional da Vida Consagrada*. São Paulo: CRB; Paulinas, 2006.

REIMER, Ivoni Richter. **Compaixão, Cruz e Esperança: teologia de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

RIBEIRO, A. Pina. **Vida consagrada, sinal e serviço**. 2 ed. Lisboa: Paulinas, 1994.

RIBEIRO, Ari Luís do Vale. Jesus e os Movimentos Messiânicos. *In: Revista de Cultura Teológica* – V. 17 - n. 66 – jan/mar. 2009, p. 17-54. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15490/11569>. Acesso em: 07 de out. de 2020.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. “Meus inimigos estão no poder”: uma leitura do evangelho de Marcos a partir do conflito de Jesus com o centro. *In: Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos: Estudos da Religião*, Ano XXII, n.35, 158-177, jul/dez. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/177>. Acesso em: 11 maio 2020.

RICHARD, Pablo. **O Homem Jesus**. São Paulo: Moderna, 1993.

RODRÍGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals (Diretores). **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo, 1994.

RUPOLO, Irani. (Org.). **Plano de Médio Prazo - 2018-2021: Província do Imaculado Coração de Maria**. Santa Maria: Editora Unifra, 2018.

SANTARÉM, Robson. **A Perfeita Alegria: Francisco de Assis para Líderes e Gestores**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCALLIA. “*Pastorale Vocazionale: interrogativis comodi*”, *Em Vita Consecrata*. Milano: Ancora, 2000, n. 5.

SCHOENFELDT, Paula. **Guia de Informações para peregrinações pessoais aos Santuários de Madre Madalena**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2010.

SCHOLTES, Peter. **O Manual do Líder: Um Guia para Inspirar sua Equipe e Gerenciar o Fluxo de Trabalho no dia-a-dia**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

SCHULZ, A. **Discípulos do Senhor**. São Paulo: Paulus, 1969.

SCWERTZ, Nestor Inácio. As relações de poder na vida religiosa. *In: **Revedo caminhos*** – vislumbrando horizontes. Brochura n. 6 CRB RS. Porto Alegre: Padre Reus, p. 31-33, 2005.

SEGUNDO, Juan Luís. **O Homem de Hoje diante de Jesus de Nazaré**. São Paulo: Paulinas, 1985.

SOBRINO, Jon. **A fé em: Jesus Cristo**. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes 2000.

SOBRINO, Jon. **Jesus na América Latina**: seu significado para a fé e a cristologia. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985.

STRECKER, G. “*euaggelion*”. *In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (orgs). **Dizionario Esegético Del Nuovo Testamento***. Brescia: Paideia, 2004, vol. 1, p. 1427-1438.

VITÓRIO, Jaldemir. Memória e Futuro da Vida Religiosa: Discernindo a ação do Espírito. *In: ANJOS, Márcio Frabri dos. **Vida Religiosa e Novas Gerações***: Memória, poder e utopia. Aparecida: Santuário, 2007. WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

WEBER, Veronice. **Carisma, Instituição e Pessoa**: O amadurecimento humano-espiritual da pessoa consagrada. Porto Alegre: ESTEF, CRB Nacional, s/d.

ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia Franciscana**: Desenvolvimentos e Perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1999.